

Oporio Duque-Estrada

9 NORTE

ga

DEC-39592
-2556-

Bt. Mário Ypiranga Monteiro

Registro: 02529

Folha:

Data:

Falha-me o tempo, além do aparelhamento espiritual requerido pela critica e pela observação disciplinada, para um estudo serio e demorado de psychologia á *Taine*, que fizesse avultar, em traços de inapagavel relevo, a physionomia peculiar, a cada uma dessas circumscripções regionaes em que a dessemelhança das influencias ethnicas e mesologicas differenciou com vigor populações já originariamente distanciadas, e que ainda mais se extremaram pela diversidade de vida, de alimentação, de crenças, de costumes, de tendeneias e de ideaes.

Simples e ligeiras notas de viagem escriptas sobre as mesas oscillantes dos paquetes do Lloyd, ou dos quartos mal guarnecidos de improvisados hoteis, não serão mais do que isso estes traços impressionistas, feitos à *la diable*, com os quaes pretendo dar apenas uma apagada idéa das coisas que vi e que pude observar, tão superficial e tão ligeiramente como agora as descrevo.

Homem de letras mais que jornalista, e só naquella qualidade viajando pelo Norte do paiz com o desejo de conhecer o seu progresso, bem como os habitos e os costumes de seu povo, desinteressou-me por completo a politica, ou antes, a politicagem dos estados, que assume invariavelmente as mesmas feições e o mesmo character em todas essas circumscripções da Republica.

Viajando por conta propria; realisando confe-

rencias literarias e procurando conhecer a vida intellectual do norte; sem formar juizos nem emitir-os conformé as inspirações do interesse e as suggestões do despeito ou do reconhecimento; não só não encontrei logar nestas paginas para louvar ou aggre-dir administrações e estadistas, com cuja orientação nada tenho a vêr, como, por uma natural imposição do character, me julguei tambem obrigado a fazer excepção aos muitos aventureiros e *cabotins* de varias especies, que têm viajado pelas mesmas paragens e conquistado sem lisura a compensação de tal sacrificio. Foi-me, pelo menos, reconhecida essa hombridade.

A intransigencia politica e partidaria nem sempre se mostrou justa com o excursionista que procurava ser educado, discreto, e cauteloso, evitando immiscuir-se nas contendas domesticas, alguma vez ferozes, a que teve occasião de assistir em casa alheia; mas se as opposições em alguns estados não occultaram a sua frieza e a velleidade de que a ellas devia ter sido de preferencia recommendado o visitante, reconheceram, por outro lado, que não precisei valer-me do recurso de infamal-as, para grangear a sympathy dos governantes. Estes, por seu turno, verificaram tambem que, muitas vezes abandonado por elles, nem por isso deixei de fazer justiça aos que têm sido victimas da mentira, da calumnia e da vingança soez. Se não offendi os adver-

sarios para lhes ser agradavel, não os detratei, tão pouco, nem fui, sequer, injusto, quando tive de me referir aos seus vicios ou ás suas virtudes.

Nenhum merito me cabe por isso: este livro é apenas o trabalho de um homem honesto, e toda a aspiração do seu despretencioso auctor é a de ser julgado como tal; accrescendo a de esperar todos os reparos que a boa fé possa fazer a estas paginas, onde quer que haja um erro a corrigir, ou uma injustiça a reparar. Aos que, por inepecia ou por ignorancia, desconheceram as boas intenções do itinerante, é melhor deixar que continuem na bemaventurança dessa irresponsabilidade feliz. Ha dous mil annos que o reino dos céos foi promettido aos pobres de espirito; aqui, na terra, deve haver outro muito maior para os idiotas.

Rio, 9 — Julho — 1908

OSORIO DUQUE-ESTRADA

**As vinte e uma circumscripções territoriaes do Brazil
com as respectivas capitaes,
superficies e populações approximadas**

ESTADOS	SUPERFICIES	POPULAÇÕES	CAPITAES
Amazonas	1.807.000 ^{k2}	340.000	Manáus
Pará	1.149.712	800.000	Belem
Maranhão	459.884	500.000	S. Luiz
Piauhy	301.797	350.000	Therezina
Ceará	104.205	800.000	Fortaleza
Rio G. do Norte	27.485	350.000	Natal
Parahyba	74.731	400.000	Parahyba
Pernambuco	128.395	1.500.000	Recife
Alagoas	58.491	650.000	Maceió
Sergipe	39.090	250.000	Aracajú
Bahia	426.427	2.500.000	S. Salvador
Espirito Santo	44.839	150.000	Victoria
Rio de Janeiro	68.982	1.500.000	Niteroy
S. Paulo	290.876	2.500.000	S. Paulo
Paraná	221.319	260.000	Curytiba
Santa Catharina	74.156	320.000	Florianopolis
Rio G. do Sul	236.553	1.500.000	Porto Alegre
Minas Geraes	574.855	4.000.000	Bello Horizonte
Goyaz	747.311	180.000	Goyaz
Matto Grosso	1.379.651	150.000	Cuyabá
Districto Federal	1.394	1.000.000	—
	8.307.173	20.000.000	—

COORDENADAS GEOGRAPHICAS

Extrahidas do «*Bureau des Longitudes*», de Paris

LOGARES.	ESTADOS	LATITUDES	LONG. (do Rio)
Belem	Pará	1° 26' 59"	5° 19' 39" (O.)
S. Luiz	Maranhão	2° 29' 23"	1° 7' 24" »
Tutoya	»	2° 41' 55"	0° 53' 11" (L.)
Amarração	Piauhý	2° 53' 20"	1° 30' 16" »
Mucuripe	Ceará	3° 42' 5"	4° 42' 31" »
Fortaleza	»	3° 42' 50"	4° 39' 31" »
S. Roque	Rio G. do Norte	5° 29' 15"	7° 54' 49" »
Reis Magos	»	5° 45' 5"	7° 58' 46" »
Parahyba	Parahyba	7° 6' 35"	8° 17' 16" »
Cabo Branco	»	7° 8' 15"	8° 23' 6" »
Olinda	Pernambuco	8° 0' 35"	8° 19' 21" »
Recife	»	8° 5' 7"	8° 19' 13" »
S. Agostinho	»	8° 20' 45"	8° 14' 16" »
Maceió	Alagôas	9° 39' 35"	7° 25' 29" »
S. Francisco	»	10° 29' 0"	6° 48' 36" »
R. Cotinguiba	Sergipe	10° 58' 0"	6° 5' 36" »
Porto Seguro	Bahia	16° 26' 38"	4° 6' 6" »
Abrólhos	»	17° 57' 31"	4° 28' 33" »
Victoria	E. Santo	20° 18' 50"	2° 50' 4" »
Rio de Janeiro	D. Federal	22° 54' 24"	0° 0' 0" »

A longitude é referida do meridiano do Rio de Janeiro.





AMAZONAS

ESTADO DO AMAZONAS

E' um dos estados centraes do Brasil, formando parte das fronteiras do norte e de oeste.

LIMITES. — Ao norte, a Guyana Inglesa, Venezuela e a Colombia; a oeste, a Colombia, o Equador e o Perú; ao sul, o territorio do Acre e o estado de Matto Grosso; a leste, o Pará.

COMMERCIO. — Os principaes generos de exportação do Amazonas são: borracha, cacáo, castanhas e madeiras.

GOVERNO. — E' exercido pelos tres poderes estabelecidos na Constituição: executivo, legislativo e judiciario, que têm por órgãos: um Governador, um Congresso, e um Superior Tribunal de Justiça, além de juizes e jurados.

DIVISÃO MUNICIPAL. — Comprehende 26 municipios.

CAPITAL. — *Mandós*, bella cidade moderna, com 60 mil habitantes, á margem esquerda do rio Negro, lindos edificios, avenidas, bellissimo theatro e sumptuoso palacio da Justiça. Dista 924 milhas de Belém, a 4 dias de viagem.

CIDADES PRINCIPAES. — Parintins e Itacoatiara.

REPRESENTAÇÃO FEDERAL. — Quatro deputados e tres senadores.

GOVERNADOR ACTUAL. — C.^o Antonio Ribeiro Bittencourt.

MANÁOS

Foi a cidade de Manáos o ponto mais remoto da minha excursão; é por ahi que quero principiar, posto que sobre tal assumpto quasi todo o trabalho já esteja feito nas paginas flagrantes de observação e de verdade de um livro recente, devido á penna do talentoso jornalista pernambucano, dr. Joaquim Gonçalves Maia.

Differem um pouco as nossas impressões recebidas no percurso desse chamado *rio oceano*, que em quatro dias de monotona viagem leva o excursionista de Belém á capital do Amazonas. Vario se tornou o tom da paizagem, varios se foram mostrando os horizontes, afogueados ou sombrios, conforme as alternativas de sol e de chuva que se me depararam nos quatro longos dias de demorada e penosa ascensão; mas tirante o pittoresco dos *paraná's* e das ilhas enormes que nelle verdejam, pouco mais achei no grande rio

que me exaltasse a imaginação, ou me dêsse sequer a impressão de assombro que eu me preparara para receber. Margens proximas ou remotas, conforme se estreita ou se alarga a escura massa de agua, que nem ao menos me pareceu impetuosa, abrigam, aqui e alli, a grandes intervallos, choupanas tristes de pescadores e uma ou outra fazenda em que enormes bois pacientes andam ruminando o seu pasto. Na sombra que o arvoredado denso projecta das bordas, passa, por vezes, alguma rara canôa que a mareta do navio faz cabriolar na corrente, sustando a respiração dos passageiros que julgam inevitavel o seu sossobro: aos corcôvos por sobre a vaga encapellada, parece que não ha de resistir á convulsão; mas o perigo passou, e já lá vae ella agora deslizando serenamente por sobre o dorso manso do gigante quasi adormecido...

Um immenso charco estende-se por vasto campo que a ultima enchente alagou, e é ahi que, á semelhança do que observei no *Chaco* paraguayo, cobre-se o ar de grandes bandoŝ de garças, de patos bravos e de outras aves ribeirinhas dos grandes rios, coalhando de nuvens brancas aquelle trecho paradisiaco da paizagem, todo fulgurante na transparencia luminosa da tarde em que o sol parece accender esplendores ineditos que brilham ao longe tão finamente como radiancias de auréolas...

Obidos, Santarem e Parintins são os principaes portos de escala a que se chega geralmente á noite para soffrer a demora prolongada de algumas horas e ouvir o côro roufenho que se ergue das pequenas embarcações atracadas, em progão desafinado de frutas, cuias, rendas e tarugas — principaes productos de que tira subsistencia a população pobre daquellas regiões.

Assim chëgo a Manãos, depois de quatro dias de percurso, fechado entre duas margens, muita vez escuras e alagadas, onde quasi rasteja a arvore do cacáo ou alastram monotonamente os baixos seringaes, ao lado da quina e do tucuman, da andiroba e do assahy. ¹

Não foram enganadoras as informações que me haviam dado ácerca da formosa cidade.

Poucas linhas darão idéa da sua physionomia.

E' agradabilissima a impressão de quem chega, não só pela belleza de tudo quanto a vista alcança, como pela felicidade com que se opéra o desembarque, feito simplesmente do vapor atracado para o trapiche. Largas ruas, amplas avenidas, soberbas edificações erguem-se majestosamente á vista do visitante, que em dois minutos penetra no coração da cidade, depois de passar pelo Mercado e por uma bella praça por onde correm varias linhas de *tramways* electri-

¹ Manãos fica a 1.700 kilometros de Belém.

cos. Estes não primam pela elegancia, nem pelo luxo, mas são espaçosos e confortaveis, rodando sempre com frequencia e presteza.

Desembarco ás 8 da manhã, hora em que começa justamente a maior movimentação na cidade. Atravesso a custo a pequena distância que me separa do *Grande Hotel*, onde encontro quasi todos os quartos occupados pelos artistas do sr. Christiano de Souza. Dão-me, afinal, o peor de todos, mediante a modesta importancia de 14\$000 réis diarios, com direito a *ovos sómente no almoço*. O serviço é detestavel, o hotel sem limpeza, os empregados negligentes, a tranquillidade nenhuma.

A's 9 horas da noite despedem-se os creados, attenuam-se as luzes, mergulha na penumbra o velho casarão, e nem mais uma chicara de café consegue a gente obter. Os extraordinarios dobram geralmente a importancia da diaria: tudo é extraordinario e custa os olhos da cara. E' preciso dormir com as janellas abertas porque o calor alaga. Zunem, cantando, os mosquitos (carapanãs); o bico de gaz, por obstruido, nega-se a illuminar o aposento, e o colchão, pavorosamente duro, de uma estreitissima cama de solteiro, promette fazer echymoses no corpo, que já trago desoladoramente derreado por quatro dias de contínua immobibilidade. Tudo isto por 14\$000...

Faço proposito de mudar-me no dia seguinte;

mas não tarda que mude apenas de resolução, taes as informações que consigo obter ácerca dos outros hoteis.

E' o que mais se estranha em Manaós: uma cidade bella e luxuosa, com habitos de conforto e todos os recursos da civilisação, não dispõe de um hotel, nem mesmo de segunda ordem!

Tudo o mais é admiravel e denuncia a sêde ardente de construcções, de melhoramentos e de progresso na linda cidade do Norte. A vida commercial é bastante intensa durante o dia, tão intensa quanto a de prazer que lhe succede durante a noite. A época é de crise calamitosa assignalada não só pela depreciação sensível da borraça, como pelo estado lastimavel das finanças do Estado, que soffre actualmente as consequencias de passadas loucuras e de esbanjamentos sem conta, que elevaram o seu passivo a uma divida colossal, calculada em cerca de 100 mil contos de reis.

Apezar disso, ha grande animação por toda parte e a vida corre em todas aquellas arterias, ruas e avenidas, praças e jardins, que atravesso constantemente, ora a pé, ora em *tramway* ou em carruagem, na ancia de tudo vêr, de tudo observar, nos poucos dias que tenho deante de mim.

Dois monumentos encantam-me sobre todos: o palacio da justiça e o theatro, dignos de qualquer cidade européa.

O segundo, precedido de uma larga esca-

daria que se destaca da rua em que móro, é um grande e soberbo edificio cuja construcção está, segundo informações que me deram, em cerca de dez mil contos.

Notam-se-lhe alguns defeitos, principalmente no interior, onde algumas grossas columnas, além de tudo deselegantes, interpoem-se á vista do espectador que olha para a scena.

Fóra disso, é um soberbo theatro que faz honra não só a Mañãos como a todo o Brasil. O palacio da justiça é mais do que soberbo; chega a ser sumptuoso e deslumbrante. Tudo alli resumbra o luxo de uma installação confortavel e elegante, enchendo de admiração e de pasmo o visitante que não conhece edificio igual em todo o paiz.

Cidade de negocios, de empresas, de commercio, é pequeno o seu movimento espirital; conta, no emtanto, alguns jornalistas e escriptores e tem como orgãos desse progresso dois periodicos rivaes: *Amazonas* e o *Jornal do Commercio*.

A população é amavel e obsequiadora; acolhendo sempre com benevolencia os que procuram visitar a formosa capital do Amazonas. Trago cartas de recommendação e por esse meio consigo approximar-me dos principaes personagens da terra: vale-me tambem para isso a velha amizade que me liga a Gonçalves Maia, antigo companheiro na *Cidade do Rio*.

Conheço assim os principaes homens da imprensa, da politica, do commercio e da industria, que me dispensam todos o mais carinhoso acolhimento. Um distincto industrial captiva-me sobremaneira: o dr. Antonio Lavandeyra, concessionario das obras do porto e de outras empresas de grande futuro. A gentileza commercial é fidalgamente representada pelo proprietario do *Trocadero*, um dos principaes estabelecimentos da cidade, e pelo sr. Albino Cordeiro.

Tanto quanto me permittiu verificar o curto espaço de uma semana que passei em Manáos, preocupado com outros assumptos, são justas as referencias de Gonçalves Maia feitas ao porto, á vida da capital do Amazonas, á *Manáos Harbour*, ao Mercado, á hygiene, á policia, aos costumes e ao dialecto fallado naquellas paragens, bem como ao espirito de rivalidade que se nota entre as duas capitaes do norte e que é a principal causa de estímulo e de progresso das cidades de Manáos e de Belém.

O porto é admiravel e a *Manáos Harbour* uma obra assombrosa e colossal, como a define Gonçalves Maia. Tudo attesta a sede de progresso e de conforto na capital do Amazonas, e só quem a visitar uma vez poderá fazer ideia da elegancia das suas habitações, da limpeza e do brilho das suas avenidas, do movimento do seu commercio, da febre de negocios,

e, ao mesmo tempo, da febre de prazer com que procuram os seus habitantes amenisar as torturas da vida e as inclemencias do clima nessa remotissima e cara, mas alegre e privilegiada região do Brasil.

NOTA. — Não cogitei, na minha excursão (de caracter puramente litterario), de fazer biographias ou apurar competencias e avaliar a idoneidade moral dos estadistas que conheci; era materia de todo alheia ao meu proposito, podendo, além disso, ser arguido de suspeição, pelo bom ou máo acolhimento, de que fosse o reflexo, qualquer juizo acerca de politicos em evidencia ou com a direcção suprema dos estados. Sou, no entanto, obrigado, por um comezinho dever civico de quem não foge a depôr perante o tribunal da opinião publica, a abrir aqui uma excepção no caso do Amazonas.

Do seu ex-governador, o snr. Coronel Affonso de Carvalho, nenhum favor pessoal recebi; podendo affirmar, pelo contrario, que S. Ex.^a se mostrou de todo indifferente ao fim da minha missão, recusando-me até o pequeno auxilio que lhe solicitei de recomendar aos seus amigos o exito das minhas conferencias. Disseram-me depois que essa sua attitude de reserva tirara motivo de dous factos: ser eu collaborador de um jornal adverso á politica do estado, e não se ter recommendado muito pela circumspecção a conducta de outros jornalistas que por lá tambem andaram de passagem.

Essas razões attenuam, mas não justificam de todo a pouca benevolencia com que fui recebido no Amazonas; tanto mais quanto lá estava para servir de fiador do meu passado um amigo de vinte annos, que

é também um caracter dos mais puros: Gonçalves Maia.

E' por tudo isso que me sinto perfeitamente á vontade para dizer que, muito diverso do que tem sido apregoado por um jornal da tarde desta capital, é o conceito que se fórma em Manãos ácerca do snr. Coronel Affonso de Carvalho. S. Ex.^a gosa naquella cidade da reputação de um homem de bem, escrupuloso e digno, que soube zelar como rara probidade os recursos do estado sob sua guarda. Durante o curto tempo de sua administração, pouco proficua, em consequencia da crise que avassallou o Amazonas, teve-se pelo menos a certeza de que havia uma sentinella postada á porta do thesouro.

Já não é pouco...

Seu successor, o Coronel Antonio Ribeiro Bittencourt, era geralmente apontado, ao tempo de minha passagem por Manãos, como homem de rigorosos escrupulos, de reputação illibada e digno do maior acatamento. Nelle se fundavam as melhores esperanças do povo amazonense, animado pela perspectiva de um resurgimento economico e financeiro do estado.

Que esses prognosticos se realizem, para felicidade do digno povo do Amazonas — são os sinceros votos que deixo nesta pagina, inspirada pelo mesmo sentimento de patriotismo e de justiça que fôra para de-sejar em todas as que se tem escripto sobre o Norte.





PARÁ



ESTADO DO PARÁ

LIMITES. — Ao norte, as guyanas franceza, hollandeza e ingleza; a leste, o Maranhão e Goyaz; ao sul, Matto Grosso; a oeste o Amazonas.

COMMERCIO. — Os principaes productos de exportação consistem apenas em borracha, cacão e castanhas.

GOVERNO. — Os tres poderes.

DIVISÃO MUNICIPAL. — Em 51 municipios.

CAPITAL. — Belem, linda cidade moderna com cerca de 150.000 habitantes, amplas avenidas, jardins, parques, sumptuoso theatro, palacio, notaveis edificios, monumentos, corpo de bombeiros, institutos de ensino, museu, etc. etc.

CIDADES PRINCIPAES. — Cametá, Santarem, Macapá, Monte Alegre, Bragança e Breves.

REPRESENTAÇÃO FEDERAL. — Sete deputados e tres senadores.

GOVERNADOR ACTUAL. — Dr. Augusto Montenegro.



Dr. Augusto Montenegro
Governador do Estado



Dr. A. Montenegro

E' quasi unanime no Pará, e até mesmo no paiz inteiro, o justo conceito em que é tida a capacidade administrativa do Dr. Augusto Montenegro, governador daquelle estado do Norte. Qualquer que seja a dóse de sympathia ou de má vontade que lhe tenha de votar a prevenção partidaria, é de justiça reconhecer que durante o longo periodo em que exerceu as altas funcções de seu cargo revelou o illustre paraense, não as aptidões vulgares de um politiquero, mas a tempera rara de um estadista a quem muito fica devendo o seu estado natal.

O serviço de abastecimento de agua, o hospital para tuberculosos, os institutos de instrucção, a reforma do theatro e do palacio, os quartéis, os asylos, os prolongamentos de estradas de ferro, a villa operaria, a pharmacia publica, o laboratorio de hygiene, o primoroso serviço

sanitario, a ponte metalica, o museu Goeldi e outros muitos trabalhos iniciados ou continuados e terminados no seu governo são titulos de benemerencia que lhe devem conferir os proprios adversarios.

Estampando nesta pagina o retrato do fidalgo gentleman e preclaro estadista republicano, rende o auctor uma justa homenagem ao grande e hospitaleiro estado do norte.



Dr. João A. L. Coelho
Governador do Estado

BELÉM

De outra missão não sei, mais difficil, nem mais delicada, que a de escrever um excursionista ácerca do norte do Brasil, exprimindo com sinceridade e com justiça o que viu e o que ouviu a proposito dos homens e das cousas que teve occasião de observar. A intransigencia politica e partidaria, que não distingue um governo, mas só entrevê adversarios e inimigos, entende que é forçoso aggre-dil-o sempre e a proposito de tudo, mesmo quando esse governo faça jús, pela sua benemerencia, á gratidão e aos applausos do povo.

Maneira de julgar singularmente inepta, que logo descobre e denuncia o motivo inconfessavel que a ditou!

Alguns, adeptos exaltados da situação, por seu turno, mal chegam a comprehender que possa alguém estender a mão e tirar o chapéo,

em retribuição de cortezias amáveis, aos que por qualquer motivo tem negado o apoio e os applausos que outros se apressam em «solicitamente tributar aos seus idolos. Não se lava sómente em *casa a roupa suja*; e o pobre diabo que, ignorante dessa prática, tem a ingenuidade de querer guardar a *linha* e a compostura das visitas discretas, hade forçosamente *cahir* no desagrado de uma das facções, quando lhe não succede *cahir* no de ambas! Em quasi todos os estados fui recebido com essas prevenções injustificáveis. Estive a pique de naufragar em alguns, mas procurei sahir-me honrosamente da difficil situação, embora conscio, mais uma vez, da impossibilidade que ha nesta vida, para qualquer mortal, de *contenter tout le monde et son père*.

Desinteressado da politica partidaria, em que só momentaneamente militei no meu estado natal, quando tive de oppôr trincheiras aos planos inconfessáveis de alguns aventureiros vulgares, cumpro desassombradamente a missão de relatar o que observei na minha excursão, collocando-me no ponto de vista de quem deseja, antes de mais nada, ser independente e imparcial, sem o prejuizo de odios mesquinhos, nem o intuito thuriferario de ser agradável a quem quer que seja.

Um dos alvos principaes da minha curiosidade na viagem que emprehendi foi, desde logo,

a cidade de Belem, cujo progresso material eu sempre ouvira gabar em honra ao seu administrador actual, a quem outros procuravam despir da gloria que tantos lhe attribuem. Dispuz-me, por isso, a receber directamente as impressões da minha visita, e posto que houvesse solicitado a principio o auxilio do governo, para poder observar e percorrer os estabelecimentos e institutos officiaes, resolvi desistir d'elle e limitar-me a vêr tão sómente o *que fôsse possivel*, sem intervenção de uma das partes que eu, forçosamente, teria de julgar. Busquei onde me pareceu melhor a fonte segura de informações necessarias para um cotejo de rigor entre o passado e o presente, de modo a chegar a conclusões que se approximassem o mais possivel da verdade; pesei as accusações e as defezas, os *prós* e os *contra* com que pôde contar uma administração, para realisar, ou não, a serie de reformas reclamadas pelo bem publico; procurei analysar, comparar, deduzir e chegar a conclusões que não pudessem ser abaladas senão pelo reconhecimento do erro próprio, ou da falta de descortino de uma visão defeituosa, invalidada pela myopia dos incapazes. Eis, de boa fé, as conclusões a que pude chegar:

A imitação do Rio de Janeiro e de S. Paulo, Belem passou nestes ultimos tempos por uma serie rapida de transformações, tendentes todas a realçar-lhe a belleza, dando-lhe, ao mesmo

tempo, o aspecto de cidade saneada, que não tinha. Quasi todas as ruas, muitas das quaes fôram convertidas em amplas e largas avenidas, são calçadas a parallelepipedos e ostentam vistosos predios de ricas e esplendidas fachadas. As expropriações, á imitação do que aconteceu no Rio, absorveram avultadissimas sommas, pelo valor excessivo das propriedades que tiveram de ser sacrificadas: isso explica, com o accrescimo da actual crise economica e financeira, a limitação dos serviços de remodelamento por que passou a metropole paraense.

Alargadas as ruas, edificados os predios, de accordo com os planos e a orientação das modernas construcções, ajardinadas as praças e modificado o seu systema de viação (talvez o melhor de todo o Brasil), não estaria completada a obra da administração municipal, sem as medidas de defeza sanitaria já reclamadas por uma população que forceja por se approximar de 200 mil almas. Foi, por isso, adoptada a criação de um *Departamento Sanitario* que tem prestado relevantes serviços, desde 1898. Charcos e pantanos foram aterrados, tornando inocuo o effeito das chuvas constantes que reinam no Pará; estabeleceu-se a inspecção domiciliaria, como complemento ás precauções da hygiene publica; melhorou-se o serviço de aguas e exgottos; aboliu-se a mendicidade nas ruas, principalmente a que era exercida por

individuos atacados de molestias repugnantes; crearam-se asylos e orphanatos; transformou-se, em uma palavra, a physionomia da velha cidade, que offerece hoje um exemplo raro de asseio e de belleza, a ponto de não ser excluído desses predicados estimaveis o proprio centro commercial que em outros estados offerece sempre um espectáculo vergonhoso a quem quer que tenha de palmilhar as suas ruas infectas e os seus quarteirões nauseabundos.

Fortaleza, Belém e Manáos contrastam nesse particular com quasi todas as outras cidades do norte; em nenhuma dellas se notam as imundicies accumuladas nas sargetas e as falhas de calçetamento que se observam em outros centros de população, não só no norte como ainda no sul e no interior do paiz.

— Belém perdeu, por fim, a má reputação de cidade insalubre e de fóco pestilento de deleterios miasmas, que tão tristemente a celebrava até dez annos passados. Um corpo medico, recentemente creado, desempenha com proveito os multiplos deveres exigidos pela fiscalisação e a hygiene, não só publica como privada. O matadouro, os cemiterios, os estabulos, os quartéis e, em geral, todos os centros de habitação collectiva, bem como os simples domicilios particulares, reclamavam essa medida, até então descurada, com prejuizo evidente da saúde e da hygiene publicas.

A vacinação e a revaccinação fôram o complemento logico das providencias adoptadas, entre as quaes avulta ainda a instituição de um corpo de bombeiros, talvez excessivamente luxuoso, mas nem por isso menos disciplinado e prestimoso que o da capital da Republica.

E' tambem para citar o serviço de incineração do lixo e de animaes mortos, feito por meio de uma usina admiravelmente apparelhada de machinismos aperfeiçoados e modernos, em substituição ao velho systema de fornos crematorios, felizmente desapparecido.

A assistencia publica é ainda um outro titulo de gloria para a capital do Pará, bastando citar, para encarecel-a, o *Orphanato Antonio Lemos* onde um sem numero de educandas recebe, em predio confortavel e quasi luxuoso, a protecção benefica da sociedade.

Está em construcção um edificio grandioso destinado á infancia desvalida, que promette ser mais um monumento admiravel e mais um attestado vivo da energia e da força de vontade com que vão sendo intelligentemente curados os interesses da formosa capital do Pará.

Tudo isso tem sido obra do sr. Antonio Lemos, intendente municipal de Belém, ao qual não se poderia negar, sem grave injustiça, o titulo tantas vezes por elle merecido de administrador benemerito.

Nos domínios da administração estadual, Belém offerece tambem muita cousa digna de admiração. Tive ensejo de observar a organização do serviço nas varias repartições do Estado. Estas, obedecendo ao systema contralisador em tudo adoptado pelo governo, acham-se installadas nas proprias dependencias do palacio presidencial. Percorri-as com a curiosidade natural dos visitantes e admirei a disposição methodica de todos os serviços, o conforto e a hygiene das amplas salas e dos vastos corredores, a decencia dos moveis e a sobriedade da decoração.

São secretarios de Estado: das *obras publicas, terras e viação*, o Dr. Victor Maria da Silva; da *justiça, interior e instrucção publica*, o dr. Amazonas de Figueiredo; da *fazenda*, o coronel Raymundo Alves da Cunha. Penetrei, por fim, na Assistencia Publica que tantos louvores tem arrancado de quantos tiveram ensejo de visitá-la e admirá-la.

Um laboratorio chimico e outro de hygiene, montados á moderna, e nos quaes avultam gabinetes especiaes, armarios, estufas, filtros, aparelhos chirurgicos, microscopios, bibliotheca, mesas de operações e tudo quanto é reclamado pelos ultimos progressos da sciencia, dão-me idéa do criterio e da competencia de quem os organisou.

Outra instituição de que justamente se

póde orgulhar a capital do Pará é o *Museu Paraense*, ainda hoje sob a competentissima direcção de E. Gœldi, para cujos trabalhos fui o primeiro a chamar a attenção dos nossos homens de sciencia, quando, em 1892, apreciei pelas columnas d'*O Paiz* os seus admiraveis estudos sobre a fauna do Brasil.

Guardo ainda, acompanhada de affectuosa dedicatoria, uma auto-photographia do sabio naturalista, remettida dos sertões do Amazonas. Emilio Gœldi achava-se, ha pouco, na Europa, e não tive por isso a ventura de conhecê-lo pessoalmente.

Ha no *Museu Paraense* os mais bellos exemplares da flóra e da fauna da zona equatorial do Brasil, avultando os das onças, principalmente *susuaranas* e *maracajás*. Pacas, veados, macacos, tamanduás, preguiças, jacarés, emas, mutuns e jacamins completam as riquissimas collecções zoologicas desse museu em que uma secção especial de ceramica e de artefactos indigenas fornece os elementos indispensaveis para o estudo do nosso complicado problema de ethnologia selvagem.

A par de todas essas instituições, e de outras muitas que só uma analyse mais minuciosa deixaria em destaque, possúe ainda a cidade de Belém uma importante bibliotheca, escolas, institutos de beneficencia, imprensa de primeira ordem, admiravel serviço de bonds, um sum-



Senador Antonio Lemos
Intendente Municipal de Belém



ptuoso theatro, passeios, praças, jardins, monumentos, hotéis, clubs, sociedades recreativas, etc. etc.

Por todos os titulos, Belem é hoje a terceira cidade da Republica: pela sua belleza natural, pelas grandes avenidas que a cortam em todas as direcções, pela amplitude das suas praças, pelos seus ataviados jardins, pelo conforto da vida que alli se passa, nenhuma outra póde competir com ella, com excepção apenas do Rio de Janeiro e de S. Paulo. Manãos dispõe de melhores edificações, mas é menor e menos populosa.

Belem é, egualmente, uma cidade limpa, arejada, com defeza hygienica, bem policiada, com habitos de elegancia e de conforto, habitada por uma população intelligente e laboriosa, que sabe resistir desassombradamente ás inclemencias do clima e aos contratempos da fortuna.

PRACAS PRINCIPAES: *Independencia, D. Frei Caetano Brandão, Visconde do Rio Branco, Trindade e Republica.*

PARQUES: *Baptista Caetano* (um dos mais formosos da America do Sul) e o *Municipal*, situado no *Marco da Legua* e tambem notavel pela sua belleza e ostentação de grandes arvores, cascata, pontes, regatos, etc.

MONUMENTOS: *Estatua* de D. Frei Caetano Brandão, (fundador da Santa Casa de Misericórdia) situada na praça do mesmo nome; *estatua* do general Hilario Gurjão, (heróe no Paraguay) collocada na praça da Independencia; *estatua* do Dr. José da Cunha Malcher; *monumento* da Republica, erguido na praça do mesmo nome, ao lado do Theatro da Paz.

EDIFICIOS: *Palacio do Governo* (antigo palacio dos Governadores, inaugurado em 1772). Está situado na praça da Independencia e foi radicalmente transformado pelo Dr. Augusto Montenegro, governador; *Palacete Municipal* (inaugurado em 1883). Fica na mesma praça da Independencia; *Theatro da Paz*, o primeiro do Brasil, depois do Theatro Municipal do Rio de Janeiro; a *Cathedral*, um dos templos mais sumptuosos da America do Sul: ostenta bellissimos marmores de varias côres, além de télas de G. Capranesi e de Angelis, distinguindo-se d'entre outras a que representa uma bellissima Magdalena; *Hospital de Caridade*, *Instituto Lauro Sodré*, *Instituto Gentil Bittencourt*, *Necroterio Municipal*, *Hospital D. Luiz I*, *Merca-do Municipal*, *Hospicio de Alienados*, *Orphanato Municipal*, *Quartel do Corpo de Bombeiros*, *Asylo de Mendicidade*, *Provincia do Pará*, etc., etc.

Projectam-se mais dous monumentos que serão em breve erguidos na capital do Pará: um ao senador Antonio Lemos e outro destinado a commemorar a victoria diplomatica de Berna, que incorporou definitivamente ao estado o territorio do Amapá.

Palacio do Governo. — Merece uma referencia especial este edificio, reconstruido e reformado por ordem do governo actual que incumbiu a execução dos trabalhos a um artista francez. Visitei-o em companhia do sr. Dr. Augusto Montenegro, logo nos primeiros dias depois da minha chegada a Belém.

De cinco salões consta a parte do edificio destinada propriamente ao Governador, pois que nas suas dependencias acham-se tambem installadas as diversas repartições de estado e varios serviços que lhe são inherentes.

Fui primeiramente introduzido no gabinete de trabalho do Dr. Montenegro, situado em uma das extremidades do palacio. E' um salão sobriamente mobiliado, com uma grande mesa e algumas cadeiras. O soalho deixa entrever delicados desenhos de preciosas madeiras do Pará. No alto das paredes a ornamentação consta de cinco quadros de pintores nacionaes: *A Morte de Virginia*, de Parreiras; *Praia do Leme*, de Aurelio de Figueiredo; *Falquejadores*, de Calixto; *O Phtysico*, de Corrêa de Faria; e *A Fian-deira*, de Carlos de Azevedo.

Segue-se um segundo salão que se poderia chamar dos *passos perdidos*. Severo e grave, todo encolhido na côr vermelho-escuro da sua decoração, serve apenas de acesso ao *Salão Pompeiano* que occupa o centro do palacio, ligando-se por um lado a tres grandes balcões de marmore, e por outro á escadaria de entrada, de que está separado por uma porta, ornamentada com admiraveis linhas de grade de ferro. E' lindissima esta parte do palacio, realçada não só pela decoração artistica do tecto, das paredes e do soalho, como pela ornamentação feita com algumas peças em perfeita harmonia com o estylo da architectura e da pintura.

O quarto salão, que obedece ao estylo *Imperio*, é vistosamente decorado, sendo os portaes encimados por varias allegorias ao Commercio, á Sciencia, á Industria e ás Artes. Ao longo das paredes destaca-se uma brilhante galeria de retratos de todos os governadores do Estado.

O quinto e ultimo salão é o de *honra*, todo decorado em estylo *Renascença* e apresenta um aspecto deslumbrador. Em fundo azul escurro, e repetido em toda a superficie das paredes, por entre lindos arabescos, avulta um bello monogramma do estado, em letras de ouro. Em cima e em baixo corre um largo friso com flôres e fructos entrelaçados sobre fundo de ouro, in-

terrompido aqui e alli por *cartouches* com datas historicas. O tecto, apainelado, offerece bella ornamentação adequada. Ao fundo e ao longo de toda a parede, vê-se a grande téla de A. Parreiras symbolizando a *Conquista do Amazonas*.

E' ainda de grande sumptuosidade a escadaria do centro do palacio que conduz ao vestibulo, deixando admirar a variedade prodigiosa dos marmores, as applicações de bronze nas portas lateraes e os lindos vitraes coloridos que fartamente deixam coar-se a luz.

Na abobada que serve de sustentaculo ao lance superior da escadaria vê-se pintado o escudo de armas do Estado do Pará.

Nas dependencias desse sumptuoso edificio funcionam ainda, além das tres secretarias de estado, o Commando Geral de Brigada, o Corpo auxiliar, a Directoria do Serviço Sanitario, a Escola de Pharmacia, o Laboratorio de Analyses e de Bactereologia e a Directoria das Aguas. No terreno do fundo fôram installadas as cocheiras de animaes e carros do Serviço Sanitario e do Commando Geral.

Theatro da Paz. — Assemelha-se na fórma ao nosso S. Pedro de Alcantara, destacando-se, porém, em toda a sua belleza, pela situação privilegiada em que se encontra, collocado no centro da Praça da Republica. Tanto a parte

externa como a interna, radicalmente transformadas e só concluídas em 1905, fazem deste theatro um monumento digno de qualquer cidade européa. Isolado do theatro, destaca-se um alpendre com revestimento de aço estampado no tecto que fórma cinco quadros, correspondentes a cinco portas de entrada. Ha sete porticos admiraveis, com pendentés de bronze e uma lampada electrica em cada um. A frontaria, de grande belleza architectonica, consta de seis bellissimas columnas. Bustos allegoricos estão collocados em lindos medallhões, destacando-se no medalhão central, em pedra lioz de Lisboa, o escudo de armas do Estado.

As janellas das duas extrêmidades são de platibanda e terminam por discreta ornamentação moldurada, sobre a qual repousam grupos allegoricos, de pedra.

As portas principaes são de lindas madeiras do paiz, principalmente de *acapú* e *pão amarello*.

O vestibulo de entrada, onde começa a escadaria de pedra, ostenta em dous magnificos pedestaes os bustos de Gonçalves Dias e José de Alencar, em marmore de Carrara.

Essa parte é illuminada por um rico lustre de sessenta lampadas electricas e dous candelabros de sete luzes assentes em grandes pedestaes de fina pedra.

Botequim, compartimento de serviço, vestibulos, aparelhos sanitarios, reservadas, tudo é confortavel, luxuoso e brilhante.

A riqueza das decorações, os soalhos de mosaico, envernizados e de madeiras do Pará, a mobilia da plateia e dos camarotes, tudo é novo, elegante e de raro gosto.

Seria impossivel, por demasiado longa, uma descripção completa das bellezas artisticas do *Theatro da Paz*, sem duvida alguma o primeiro do Brasil antes da construcção do *Theatro Municipal do Rio de Janeiro*.

A tribuna de honra é luxuosamente decorada e ornamentada, bem como um dos camarotes do proscenio, entregue ao sr. Intendente Municipal.

O mobiliario dos camarotes e frisas foi encomendado no Rio de Janeiro, mas o da sala de espectaculos, plateia e varanda, sahiu das officinas do Instituto Lauro Sodré.

O local destinado á orchestra obedece em parte aos preceitos vagnerianos, pois quasi desaparece ás vistas do espectador, collocado, como se acha, em nivel muito mais baixo e separado por uma grade da sala de espectaculos.

A illuminação é deslumbrante, tanto no grande salão, como em todos as dependencias do theatro.

Ha dous gabinetes de toilette reservados para as senhoras.

A ARTE NO PARÁ

I

E' de verdadeiro deslumbramento a impressão que se recebe na capital do Pará, ao contemplar as preciosas e opulentas colleções de quadros e objectos de arte accumulados em 65 galerias de pintura pertencentes a amadores, ao Estado e á Intendencia Municipal.

Para dar idéa da paixão que se apoderou dos paraenses por tal genero, basta dizer que, *só nos dois ultimos annos*, fôram realizadas em Belém 17 exposições publicas de pintores nacionaes e estrangeiros !

Contemplei no palacio do governo nada menos de seis bellissimos quadros, todos de auctores nacionaes, além de uma consideravel galeria de retratos.

Os quadros representam: a *Conquista do Amazonas e Virginia*, ambos de Parreiras; *Praia do Leme*, de Aurelio de Figueiredo; *Falqueja-*

dores, de Calixto; o *Phtysico*, de Corrêa de Faria; e a *Fiandeira*, de Carlos de Azevedo.

Nenhum delles possui as qualidades superiores de uma obra prima; destaca-se, porém, dentre todos a *Conquista do Amazonas*, trabalho de largas proporções e que, se não consegue satisfazer em tudo, por certa falta de detalhe e de acabamento que se nota em algumas das figuras principaes, empolga, no entanto, não só pela concepção arrojada, como pela farta dóse de symbolismo que resalta de toda a tেলা

Mal terminava eu de examinar essa collecção, quando alguém me dirigiu esta pergunta solícita: — «Já visitou a galeria de arte do Dr. Paes Barreto?»

A' minha resposta negativa, accrescentou o meu sympathico interlocutor:

— «Pois então vae conhecer o feliz possuidor da verdadeira *Leda* de Ticiano, que acaba de fazer uma revolução na Europa! No dia em que começou a ser exposta em Paris, oitenta e tantos inglezes abalaram de Londres para admirar-na na capital da França!»

A's 7 $\frac{1}{2}$ da tarde desse mesmo dia, achei-me em casa do Dr. Paes Barreto, na pequena rua Macapá, transversal á grande avenida da Republica. Tenho repetido as visitas á preciosa galeria desse distincto amador, e é só depois de um longo trabalho de observação e de pes-

juiza que posso, emfim, fornecer aos leitores ma breve noticia das minhas impressões ácerca desse museu de pintura, cujas colleccões estão seguramente estimadas em quantia superior a mil contos de réis.

A galeria do fidalgo cavalheiro, que é o Dr. Paes Barreto, compõe-se de 130 quadros a oleo, sendo 39 de pintores brasileiros, 23 de pintores europeus que estiveram no Brasil, e 66 de mestres de todas as escolas classicas da Europa, comprehendendo 27 modernos, 37 antigos e 2 *primitivos*. Fazem tambem parte della 30 desenhos, dos quaes 3 de Ticiano, 3 de Guido Reni e 1 de Meissonier.

Dentre os 39 de pintores brasileiros destacam-se os de Aurelio de Figueiredo, Parreiras e Benedicto Calixto, além de uma soberba *Venus*, em tamanho natural, de Corrêa de Faria, o melhor pintor paraense, já fallecido. Dentre os 23 dos europeus que estiveram no Brasil, avultam duas *batalhas punicas*, de Nicolas Antoine Taunay (um dos fundadores da Escola de Bellas Artes, do Rio), uma *Florista*, de O. Whidhopf, e uma *paysagem fluminense*, de Henri Vinet.

A riqueza da galeria está, porém, concentrada nos 66 quadros classicos das várias escolas europeas: os modernos estão superiormente representados ahi por duas inexcediveis *naturezas mortas* de Bouvier, tão celebrado por

Galeria Paraense
Dr. Paes Barreto



A «Leda» de Ticiano



Viardot; por uma *Ovelha*, de Rose Bonheur, e por uma bella *marinha*, de Lettellier.

Quanto aos mestres antigos, mal contenho a minha emoção ao dizer que a opulenta galeria do Dr. Paes Barreto conta no numero dos seus primores a soberba *Leda*, de Ticiano, por alguns reputada a obra prima do grande mestre veneziano.

Notam-se ainda: uma *Caçada Real*, de Velasquez, uma *Diana*, de Rubens, uma *Paysagem*, de Poussin, e um *São Pedro*, de Guido Reni: ao todo cinco télas dos famosos chefes das escolas veneziana, hespanhola, flamenga, franceza e bolonheza — o que equivale a dizer que essa galeria ultrapassou os limites da maioria das colleccões particulares americanas, e conquistou o direito de ser collocada entre muitas do velho mundo; tanto mais se se considerar que ainda figuram nella varias obras de pintores de renome universal, taes como: Tintoretto, Albane, Morales el Divino, Murillo, Rizzi, Teniers, Huchtenburg, Metz, Gerard Dou, Diaz, Restout, Greuze, Geertz, Corot, Troyon, Rigot, Van Loo, Bourgogne, Friezongirodet, Ribot e outros.

A *Leda*, de Ticiano, é o primor da galeria. Sua authenticidade, affirmada na Europa por mais de 40 peritos e artistas, a cuja frente se acha o nome do aureolado escultor e archeologo Rodin, acaba de ser confirmada

pela descoberta da propria procedencia do quadro.

Com effeito, a revista parisiense, *L'art et les artistes*, do mez de abril de 1907, informa que o critico de arte da Allemanha meridional, William Ritter; descobriu que a *Leda*, de Ticiano, do Dr. Paes Barreto, foi roubada no fim da guerra dos 30 annos, pelos suecos, da galeria extraordinaria do imperador allemão Rodolpho II, no saque de Praga, em 25 de julho de 1648, passando em seguida para as mãos de um adelo (brocanteur) e conservando-se ahi, abandonado e desconhecido por causa de repinturas, até 1830.

Adquirida pelo amator brasileiro, ha dez annos passados, é sabido de todo o mundo artistico o trabalho sobrehumano que desde aquella data tem elle empregado, quer no Pará quer na Europa, para salvar essa bella obra prima do insigne mestre veneziano.

Além desse, teve elle ainda a fortuna de descobrir, sob grosseiros repintes, dois quadros antigos: a *Caçada Real*, de Velasquez, e a *Madona e o Menino*, de Albane. O primeiro foi limpadado em Paris pelo restaurador René de Walle. E' uma téla admiravel: figuram no primeiro plano Phillippe IV e Rubens, a cavallo, seguidos por dois lanceiros; no ultimo, um grupo de peões entre os quaes se destaca o retrato do proprio Velasquez.

Admirei-me, ao contemplar a soberba téla, do extravio dos quadros desse pintor; mas o Dr. Paes Barreto, sorrindo de minha ingenuidade profana, collocou-me deante dos olhos o seguinte periodo de Elie Faure, o mais reputado dos biographos de Velasquez:

«En outre, comme Velasquez suivait toujours les parties de plaisir, les déplacements de la cour de Philippe IV il dut commencer vers la même époque (1627) cette série de *Chasses Royales* que ses biographes disent avoir été fort nombreuses, mais dont il ne doit plus nous rester que celle de la *Nacional Gallery*, et la *Réunion des Cavaliers*, du Louvre».

— «Pois bem! (exclamou o apaixonado colleccionador). O grupo que se vê no fundo deste quadro é perfeitamente identico ao da *Réunion des Cavaliers*!»

A *Diana*, de Rubens, executada sobre duas taboas de um pé de comprimento, é um dos poucos quadros do pincel exclusivo do mestre flamengo, isto é, em que não ha collaboração do pincel de algum dos seus discipulos. Representa Diana (Maria de Medicis) voltando da caça, acompanhada por um cão e por quatro das suas *Nymphas*, uma das quaes (retrato de Helene Fourment, mulher de Rubens) forceja por escapar dos herculeos braços de um satyro. Não se sabe o que mais deslumbra nesse quadro: se o colorido das carnes, se a expres-

são de majestade da deusa, se a lascivia do satyro, se, finalmente, o magistral escorço do braço com que a nympha tenta afastar aquelle.

O *São Pedro*, de Guido Reni, representa o mesmo modelo da serie dos S. Pedro do mesmo auctor existentes nos museus de Brera e Pitti. Distingue-o a expressão do vivo arrependimento do santo e o patente relevo da cabeça e das mãos, peculiar a este mestre.

E' encantadora a pequena *Paysagem*, de Poussin, de effeito magico emprestado pela patina. Representa um trecho alteroso dos Alpes, em cuja fralda corre um regato. No primeiro plano está sentada sobre a relva uma pequena figura de pastor.

São ainda notaveis pela sua excellencia artistica as *Madonas* de Morales e Murillo, o *Hercules*, de Girodet, um *São João*, de Guido Reni, um retrato de Van Loo, o *Eremita*, de Gerard Dou, as batalhas de Huchtenburg, e a *Maternidade*, de Greuze.

Além dessa extraordinaria galeria de quadros e desenhos, possui o Dr. Paes Barreto uma grande e riquissima colleccão de incunabulos do seculo xv, de livros raros sobre o Brasil, de mappas antigos, de 120 manuscritos (originaes e cópias, simples e illuminados) e de preciosas encadernações.

Entre uns 20 incunabulos, figuram 3 *Biblias* de 1468, 1491 e 1494; entre os livros raros, o

celebre *Brasilsche Geltsac* impresso no Recife em 1647, e a *Historia Natural do Brasil*, de Marcgraf; entre os mappas antigos avulta um original, do Brasil, illuminado e manuscripto sobre couro de vitella; entre os manuscriptos illuminados destaca-se um *Antiphonario* que pertenceu a Marie Anne de Pardes; entre os manuscriptos simples originaes, encontram-se tres preciosidades: um *Roteiro do rio Amazonas*, uma *Memoria sobre a agricultura em Portugal e no Brasil*, por Domingos Vandelli, e uma *Memoria sobre a revolução mineira de 1789*, offerecida a D. João VI pelo brigadeiro Domingos' Alvares Branco Muniz Barreto. Entre as encadernações, duas vi eu que me prenderam mais a attenção: uma de ébano, cheia de relevos difficilimos, que pertenceu á ultima proprietaria da Abbadia de Cluny, cujo museu acaba de ser incendiado em Paris; e outra que traz a data de 1405 e pertenceu á communa de Siena.

Apezar da paixão que mostra possuir o Dr. Paes Barreto por esse formidavel museu de tão raras preciosidades artisticas, declarou elle, em resposta á interpeção que lhe fiz, que não porá duvida em alienal-o, mesmo pela metade do seu valor, se da União ou do Estado partir o desejo de adquiril-o.

Seria caso para o governo enviar ao Pará quem pudesse evitar ao Brasil a perda de uma

galeria que, de facil aquisição no presente, poderá ser causa de um irremediavel despeito no futuro. ¹

¹ Este artigo foi transcripto no *Diario Illustrado*, de Lisboa, precedido das seguintes palavras:

«*Vida artistica brasileira — A Arte no Pará — Um artigo de Osorio Duque-Estrada — A verdadeira Léda de Ticiano.*»

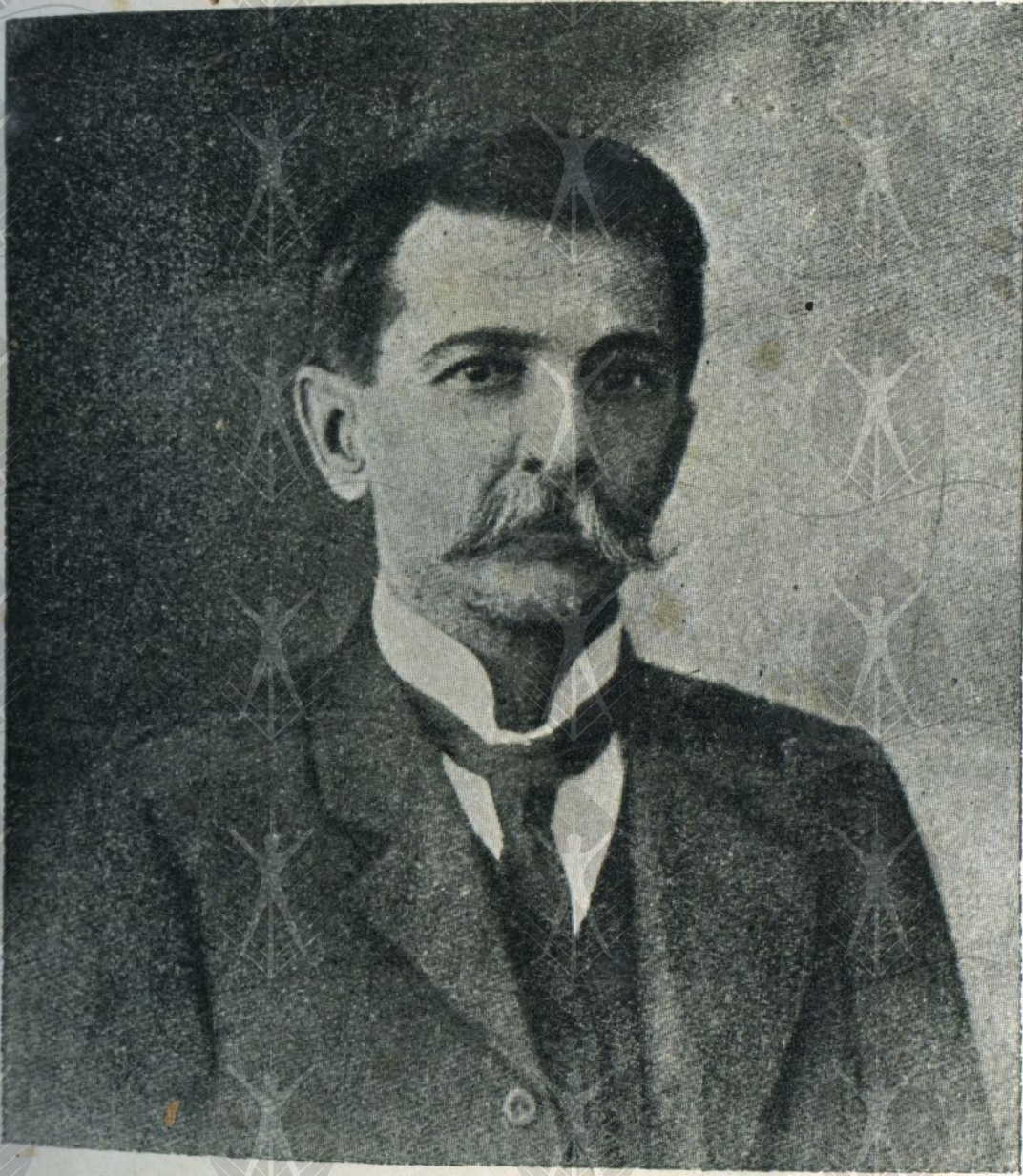
Osorio Duque-Estrada, o brilhante escriptor brasileiro, publicou recentemente no bello diario fluminense *Correio da Manhã*, um artigo muito interessante ácerca das preciosidades que se accumulam no Pará, affirmando assim a alta cultura artistica que singularisa o grande numero de amadores que alli existe e dia a dia enriquecem as suas galerias com maravilhas novas.

Vivemos muito longe do Brasil; mas ao passo que os jornaes daquelle bello paiz não cançam na vulgarisação de encarecimento de tudo o que interessa á vida portugueza, nem sempre lhe pagamos em moeda igual, tornando aqui devidamente conhecidas as artes e as letras brasileiras, onde ha evidente progresso, mercê dum esforço intelligente e ousado, e principalmente dum intenso e accendrado patriotismo.

Na modesta esphera da nossa acção muito desejamos concorrer para o estreitamento das relações entre intellectuaes brasileiros e portuguezes. Em obediencia a esse desejo, não temos perdido ultimamente ensejo algum de praticar o que é simultaneamente um acto de sympathia e de justa consideração.

Eis o artigo a que alludimos e que é, como o leitor verá, deveras interessante».

O mesmo artigo foi transcripto em varios jornaes dos estados.



Dr. Fernando de Castro Paes Barreto



II

A clarividencia em assumptos de arte e a erudição de que dispõe o Dr. Paes Barreto sobre tudo o que se relaciona com a pintura (qualidades essas reconhecidas e proclamadas por varios mestres europeus) levaram-me a solicitar desse distincto amator uma entrevista mais demorada a proposito do estado actual da arte no Brasil, entrevista que, por extensa, dividirei em duas partes.

A noticia (que eu acabava de ler em uma revista parisiense) do proximo apparecimento de uma obra do Dr. Barreto sobre tal assumpto moveu-me, ainda mais, a provocar a palavra auctorizada do feliz possuidor da *Leda* de Ticiano, que, certamente, me revelaria as linhas geraes de seu livro, já tão auspiciosamente annunciado pela penna de Salacha.

Não me enganei; o leitor apreciará devidamente, nas linhas abaixo, as idéas nitidas e pra-

ticas desse apaixonado adorador do bello, mais conhecido e acclamado na Europa que no seu proprio paiz:

— Sei que pugna com ardor pela creação de galerias e museus publicos para as obras de bellas artes; qual a grande utilidade dessa medida?

— Um museu de arte tem como fim principal a instrucção do artista e a educação do povo.

«Les arts, diz Emeric David, dégradent le peuple qui les néglige et qui en reçoit les produits du dehors».

Nenhum outro instrumento cultural (nem o *a b c*, nem o jornal, nem a religião, nem o trabalho) actúa tão promptamente sobre o espirito do artista e sobre a imaginação do povo; isto é, nenhum estende em menos tempo os seus effeitos á maior porção da parte util das massas.

«O que ouvimos, assertou Horacio, penetra menos na nossa alma do que o que vemos».

Applicando esta asserção, a Egreja foi a primeira a tirar partido da architectura, da musica, da esculptura e da pintura como meios de auxilio para a formação do character humano. A seu exemplo, os soberanos, no seculo xv,

e os estadistas, nos nossos dias, viram nas bellas artes o meio pratico de elevar o nivel moral geral e encheram a Europa de museus, theatros, estatuas e monumentos architectonicos.

A sciencia e a religião indicavam ao homem a vida em sociedade. Mas antes de Roma a vida social é ainda uma batalha não decidida. Das tentativas anteriores, da Judéa, do Egypto e da Grecia, restam apenas a memoria do ephemero de suas assembléas e os signaes da dispersão. Depois que Roma fixou o Direito, o homem, armado da sciencia, isto é, da theoria da vida, da religião, isto é, do enthusiasmo moral, alliou-lhes os processos praticos de todas as artes: e com Galileu, S. Paulo e Miguel Angelo impoz, sobre os destroços da natureza vencida, a civilização á Europa e á America, devendo em pouco leval-a a todo o resto do mundo.

«César a été, narra Plinio, celui qui a le plus particulièrement assuré une existence publique aux tableaux. Il existe de lui une harangue, digne du plus grand citoyen de Rome, sur l'utilité de rendre publics tous les tableaux et toutes les statues».

Reconhecida a utilidade publica do museu com funcção sobre o poder intellectual do artista e sobre a formação do senso do povo, perdeu elle o caracter de simples reunião de

objectos de curiosidade, pois que, ao contrario, cada peça a expôr deve constituir uma lição de arte, uma lição que taxe ao artista regras a obedecer na confecção da sua obra e que, revelando ao povo o bello da natureza material e as conquistas da acção humana sobre ella, gravadas em obras de mestres, eleve-lhe o espirito, formando-lhe esse caracter de independencia que só as nações de educação artistica possuem e com que vivem armadas para a resistencia ás crises economicas e moraes.

— Que influencia julga terem exercido as obras de bellas artes na civilização geral e particularmente no Brasil colonial e no imperio ?

— A' força de vêr más obras no periodo jesuitico e de não as vêr (nem boas, nem más) em todo o resto do periodo colonial, a nação brasileira em formação obliterou profundamente o caracter esthetico no contacto diario com os pardieiros da governança, da justiça e das prisões d'El-rei, e com as decorações dos oratorios, das effigies de andor e dos pifaros de quartel.

As torres de porcellana da China, os pavilhões de laca do Japão e os pagodes de roca da India não são exemplos a imitar; mas constituem a pedra da independencia eterna da Asia que por isso jámais pagará aos donos do Es-

curial, do Louvre e do Duomo de Milão esse tributo opprobrioso de carregamentos collossaes de bonecos, fantoches, chromos e flandres pintado que os porões dos navios estrangeiros despejam diariamente no meio da nossa civilização incipiente, afogando o nosso character original, quatro seculos incubado.

É mistér que a America se liberte desse trafico. Foi um erro fornecer a instrueção litteraria ao povo sem lhe proporcionar ao mesmo tempo a technica e a pratica das artes pela contemplação, nos museus, e pelo apprendizado nas aulas. O Brasil, orgulho da raça latina, é a America em miniatura, nesse particular historico da sua formação cultural.

Quatro seculos de esforço humano para pejar de ouro os erarios da Europa, trancado o homem no curral americano pelos decretos prohibitorios da navegação, das industrias e da imprensa, na mesma hora em que a Renascença fundia o genio europeu e mettia-lhe nas mãos a direcção do mundo, só nos podiam legar (a nós, que fômos a materia prima da sua gloria e do seu bem estar) portos entupidos de trapiches de lata, cidades de conventos, pelourinhos, chafarizes e frades de pedra, engenhos de almanjarra e aldeias de taipa, e uma nação obliterada, de proletarios, que oppõe resistencia a toda innovação até mesmo aos processos scientificos da cultura do solo.

Abandonemos para sempre a rotina da educação antiga do povo. Ao lado das universidades das classes altas, da escola technica do soldado, do estaleiro naval, da aula de commercio, de tendas modelo das industrias agricolas e manufactureiras, dos theatros e dos monumentos architectonicos, fundemos desde já, de qualquer modo, em cada Estado e depois em cada municipio, um museu publico de bellas artes, pequeno ou grande, pobre ou rico, com os elementos locais aqui, com os nacionaes e estrangeiros nos centros poderosos, de pintura sómente, ou de pintura e esculptura, e até conjuntamente de documentos da nossa prehistoria natural e da historia politica do paiz, comtanto que formemos desde já, para salvação da nossa raça definitiva, chamada a pesar nos destinos do mundo, um vasto redil por ella todo espalhado e de cujas malhas não escape a minima parcella util da nação. A porção util a aproveitar é a porção habil, e ninguem se lembrou, jámais, de pôr em duvida a aptidão nacional.

Toda vez que occorrencias esporadicas deram azo a mostras parciaes dessa aptidão, ella se revelou com A. de Gusmão, J. Bonifacio, G. Dias, Carlos Gomes, Pedro Americo, e outros, em competencia com a dos maiores nomes da Europa.

III

Não é da intelligencia e do sentimento do estadista que depende o destino de uma nação: é do senso dessa mesma nação. A do Brasil conta hoje mais de 20 milhões que se elevarão amanhã a 100 milhões; mais de 20 milhões de um paiz a que se denegou litteralmente o pão do espirito até á época da sua independencia, administrando-se-lhe até 1889 (só a uma pequena parcella delle, e com medo) a dóse de religião, litteratura e sciencia compativel com o unitarismo imperial. Os 100 milhões do futuro hão de ser (é tambem logico) muito mais senhores de si e do solo do que haviam sido os 3 milhões da independencia, mas pouco mais do que somos hoje, se não plantarmos, já e já, os autores novos do ensino pratico geral, com o designio manifesto de incorporar a nação, que cresce inerte, á vida nacional. Um exemplo

po e das côres, fazendo e desfazendo o que se lhes encommendava.

Essa medida absurda produziu como resultado decorações disformes e (o que foi peor) alguns MÁOS BORRADORES DE PORTAS, que seis annos depois, em 1816, ao desembarcarmos da Europa, viemos encontrar no Rio ganhando impunemente a vida e offendendo a vista e o senso commum com a BARRARIE da sua TOUCHE ignorante».

Quanto ha, ainda hoje, de perfeitamente comparavel a todo esse horror do nosso passado, se não em nosas capitaes, pelo menos em todo o interior do paiz, onde vegeta a nação, por falta absoluta de qualquer elemento de ensino artistico!

Se naquella epoca, em vez de concentrar nos paços da côrte, como fizeram Carlos V, Rodolpho II e Francisco I, todas as obras de arte subtrahidas a Lisboa por D. João, houvesse o governo do Brasil adoptado a pratica, então dominante na Europa, de reunir em museus publicos as obras dispersas nos paços reaes, pratica essa que deu origem ao museu de Dresde (1746), ao do Louvre (1825), ao de Londres (1825), inaugurado com 38 quadros, ao do Prado (1828) e a toda essa enorme quantidade de pequenos museus dos departamentos da França em que figuram copias dos grandes mestres em avultado numero; se houvesse organizado com os

elementos, de que então dispunha, museus e aulas de arte em todas as provincias brasileiras, ao lado dos outros institutos de ensino theorico; é incontestavel que não assistiriamos hoje, apesar da dissolução do caracter nacional no contacto da escravidão durante os 67 annos do imperio, ao espectáculo contristador da resistencia geral opposita pelas classes agricolas, que são a massa viva da nação, aos processos scientificos da cultura do solo, nem á continuação do desaproveitamento das nossas materias primas vegetaes e mineraes, por simples ignorancia do seu emprego e do fabrico dos mais elementares artigos de primeira necessidade. Está ahi a explicação da inutilidade dos esforços dos nossos estadistas, sempre renovados com insuccesso, para a criação da industria e da manufactura nacionaes.

Debalde hão de tentar pôr em mãos boças o vapor e a electricidade. E' indispensavel antes de tudo, habilitar a nação, preparando-lhe o espirito, não só com o mestre-escola e sermões, mas principalmente com a contemplação e a pratica das artes.

A França dividiu, ha um seculo, a terra de milhares de communas dos seus departamentos por meio do cadastro, do imposto territorial e de leis agrarias, e espalhou profusamente em todas ellas' escolas e museus publicos.

Seu povo é hoje o mais radicado ao solo,

o mais culto, o mais livre e o mais feliz que existe.

A Hespanha, Portugal e a Turquia são o reverso do exemplo: a inercia dos turcos e dos peninsulares fez de seus paizes verdadeiros burgos da Europa. A Turquia só agora, nestes ultimos annos, conseguiu fundar um museu e prohibiu a exportação das suas maravilhas artisticas. Hespanha e Portugal ainda continuam a ser a facil presa da pesquisa incessante e obstinada dos antiquarios estrangeiros. E' tempo do Brasil aproveitar a lição e, fugindo á situação de desterro em que vegetam aquelles tres paizes do Occidente, por força de seus processos de instrucção, abrir sem perda de tempo, e como lhe fôr possível, os alicerces da nova fundação em todos os estados, e depois em todos os municipios».

— Que medidas praticas julga então que deve o governo adoptar para instituir o ensino das artes e a sua divulgação, de modo a garantir os mesmos resultados obtidos pelos outros povos? Quaes os elementos com que devem ser organisados os museus nacionaes?

— «A fundação de museus publicos e a protecção a aulas livres de bellas artes nas capitales dos Estados — eis o meio de resolver o problema sem perigo de enveredar erradamente. A aula livre, sem a eleição do mestre, mas dependente de certa frequencia para aucto-

risar o governo a custeal-a (frequencia que só é obtida por quem dispõe de qualidades docentes) é a maneira prudente de attrahir o neophyto ao *atelier* e de obviar á falsa instrucção das academias officiaes, onde a experiencia mostrou em toda parte que a pauta perpetua dos professores vitalicios, sempre em atrazo com evolução do ensino, é o mais sério obstaculo ao progresso intellectual das gerações novas; e o museu publico, essa escola popular sem mestre e cujo raio de accção não tem limite e se estende até á ultima camada em que não tenham podido influir os outros instrumentos do ensino theorico, póde ser organizado a principio, no tocante á pintura, com alguns originaes dos chefes e dos mestres principaes das escolas europeas antigas e modernas e cópias das suas obras primas: com originaes dos pintores brasileiros e a colleccção completa dos do Estado a que pertencer o museu, e com uma colleccção de desenhos e gravuras.

No tocante á esculptura, é possivel ainda obter, sem grande dispendio, originaes egypcios gregos e até da Renascença; mas é, sem duvida, mais proveitoso adquirir os primores que a estatuaria europeá, com avanço sobre a pintura, está produzindo neste momento. As reduccões, em bronze, das obras dos grandes mestres antigos e modernos pelo systema Acollas são rigorosamente exactas e de preço modesto.

Um catalogo illustrado, uma pequena bibliotheca dos tratados de bellas artes e a tiragem popular de photographias das obras do museu e dos museus estrangeiros augmentariam no espirito do artista e do povo o effeito da sua visao material e amparariam o Instituto e o Paiz dos assaltos da Fortuna».

Até ahi a palavra do erudito amator. Que della possa tirar algum proveito a boa vontade dos que ainda se interessam sinceramente pelo futuro intellectual desta terra.

A «Leda», quadro de Ticiano

O seu descobridor, Dr. Paes Barreto

«De um grande acontecimento artistico temos hoje de que nos occupar nas paginas do *Occidente*, qual o do descobrimento da obra prima de Ticiano, o seu quadro *A Leda*, de que se ignorava o paradeiro.

Tal descobrimento tem sido registrado com alvoroço por todo o mundo artistico, pois d'elle se tem occupado a imprensa de Paris, Londres, Roma, Turim, Milão, Madrid e Barcelona e começa a ser apreciado na imprensa portugueza, com o interesse que semelhante acontecimento desperta.

L'Art et les Artistes, Le Chroniquer de Paris, Le Revue du Bien, Le Journal. L'Intransigeant, de Paris; a *Revista*, de Roma; a *Tribuna*, de Barcelona; *Le Stampa*, de Turim, e tantos outros jornaes da Europa, em extensos artigos de critica e reproduzindo em gravura o ce-

lebre quadro, nas diferentes phases por que passou até á sua completa restauração, teem sido unanimes em lécer levantados elogios ao seu descobridor, sr. Dr. Paes Paes Barreto, tanto por seu espirito perspicaz em salvar esta preciosa obra prima do grande mestre veneziano, como pela intelligencia e energia com que dirigiu a sua restauração, vencendo todas as difficuldades que se levantavam ao seu louvavel emprehendimento.

E' curiosa a historia do descobrimento d'este quadro, pois foi adquirido pelo sr. Dr. Paes Barreto no Pará, em uma agencia de leilões que o recebera de um italiano para venda.

Nem quem o comprou nem quem o vendeu poderiam suspeitar que estaria alli o quadro de um grande pintor, tal era o estado deploravel em que se encontrava, coberto de camadas de tinta e de verniz de varias repinturas, que o tinham ennegrecido, estando ainda a tēla com visiveis signaes de ter sido dobrada e redobrada como que para caber em alguma das antigas patronas que usavam os soldados, onde provavelmente fôra transportado.

A figura mal se conhecia e apenas num ou outro ponto se apreciava um contorno mais distincto atravez de um tom transparente que revelava a finura do pincel do artista.

Uma circumstancia, porém, chamava a atten-

ção do bom entendedor e era a mão da figura, que ainda conservava toda a correção e graça de um bom desenho. Foi este promenor que influuiu no sr. Dr. Paes Barreto para adquirir o quadro, na esperança de que com alguma limpeza melhor se poderia apreciar os contornos da figura.

Effectivamente assim se procedeu e, logo ás primeiras lavagens se poudé avaliar as linhas geraes da pintura e se principiou a revelar as côres mais distinctas, e fazendo perceber que se estava em frente de um quadro dos bons tempos dos grandes pintores e das tintas inconfundiveis, como ha muito deixariam de haver.

Esta primeira limpeza, descobrindo certas qualidades no quadro, não passou indifferente ao fino espirito do sr. Dr. Paes Barreto, o qual, mais cautelosamente, confiou a obra ao pintor restaurador D. Francisco da Silva y Estrada, do Pará, para este artista proceder a outra limpeza mais homogenea, a que elle proprio assistiu, podendo então melhor avaliar da pintura e reconhecer um quadro de mestre que suspeitou ser, pelo assumpto, *A Leda*, de Ticiano.

Nestas condições fez transportar, em janeiro de 1905, o quadro para Paris, recommendado aos cuidados do notavel restaurador dos *Museés Nationaux* François Touret e ao celebre pintor René de Waele, restaurador dos quadros do

hey do Egypto, para estes conscienciosos e habéis artistas procederem á completa restauração deste thesouro artistico, cujo veu secular que o havia encoberto, o sr. Dr. Paes Barreto tivera a fortuna de levantar em parte.

Um anno consumiram aquelles artistas no difficil e melindroso trabalho da restauração, procedendo cautelosamente ao levantamento das successivas camadas de tinta e de verniz que escondiam a primitiva pintura, empregando para esse fim os processos mais modernos e valendo-se da sua pericia e grande pratica para o conseguir com bom resultado.

A' medida que iam despindo a téla das successivas camadas de tinta que a empastavam, fôram dia a dia adquirindo a confiança no seu trabalho, até chegar á certeza de que estava alli a obra prima de Ticiano, o pintor por excellencia que melhor soube transportar á téla a plastica feminina com toda a belleza, suavidade e perfume das suas fórmãs, de que o quadro de *Leda* é o mais preconisado.

O sr. Dr. Paes Barreto assistiu em Paris aos ultimos trabalhos de restauração do quadro de Ticiano, e poudé vêr as suas suspeitas plenamente confirmadas com o consenso unanime de artistas e criticos notaveis, como Emile Bourdelle e o eminente Auguste Rodin, cuja opinião é concorde em reconhecer neste quadro todos os segredos da paleta do grande mestre da escola veneziana, o sublime Ticiano.

Quando outros criticos auctorisados o não affirmassem, bastaria a opinião de Rodin para destruir qualquer duvida que pudesse restar de que a obra prima de Ticiano tinha sido restituída ao mundo da arte, donde andava sequestrada, perdida.

A gravura que hoje temos a satisfação de apresentar a nossos leitores, representa o celebre quadro na sua primitiva pintura, como elle sahiu das mãos do auctor, e se isto constitue uma gloria para os habeis artistas François Touret e René de Waele, não o é menos para o seu possuidor, pela força de vontade com que procurou os meios de conseguir o seu fim, a despeito de consideraveis sommas dispendidas, como é facil de calcular.

Só um espirito superiormente educado e amante da arte a tanto se abalançaria, nas condições em que o quadro em questão foi parar ás mãos do sr. Dr. Fernando de Castro Paes Barreto». ¹

¹ Extrahido da revista *O Occidente*, de 30 de outubro de 1906, de um artigo firmado por Caetano Alberto.

Auctores Paraenses

Difficilimo, sem duvida, é o encargo de uma noticia, ainda mesmo que abreviada, ácerca do movimento intellectual da Amazonia. Excepção feita da imprensa, onde brilham alguns espiritos de incontestavel envergadura, não me parece que o estado do extremo norte seja d'aquelles em que mais avultam as aptidões litterarias. Poetas, ao menos, não os possui o Pará, com restricção apenas de Paulino de Brito e de João Marques de Carvalho, este ultimo mais apreciavel, por certo, na prosa do que no verso.

Paulino de Brito consegue agradar em varios generos, pois a muitos se adapta o seu talento maleavel de poeta, prosador, jornalista e philologo.

Dos que o sr. Eustachio de Azevedo pretendeu revelar na sua *Anthologia Paraense*, quasi todos são desproyidos de merecimento notavel, a começar pelo proprio auctor...

Em compensação, tem revelado o Pará verdadeiras vocações artisticas, principalmente na pintura, em que se fez admirar e applaudir a notavel aptidão de Corrêa de Faria, sem fallar de Carlos de Azevedo, egualmente considerado pelos seus admiraveis trabalhos. Do primeiro tive ensejo de apreciar o *Phtysico*; do segundo, encontrei no palacio do governo a bellissima t'ela *Fiandeira*. Na galeria do Dr. Paes Barreto existem ainda alguns quadros dos dous pintores paraenses, e creio que é de um destes a magnifica paysagem que observei em casa do Dr. Arthur Lemos — um dos amadores mais apaixonados da arte.

Da musica tem apparecido tambem no Pará alguns cultores dignos de nota.

Em proxima edição deste livro terá maior desenvolvimento a parte consagrada ás manifestações intel'ectuaes da Amazonia.

Não deixarei de citar, ao menos, os nomes de Meneleu Campos, compositor musical de reputação firmada, e de Paulino Chaves, pianista de raro talento, laureado na Europa com o premio Mosart e applaudido com enthusiasmo pelo publico e pela critica do Rio de Janeiro, quando pela primeira vez se exhibiu nesta cidade, em memoravel concerto realisado no Instituto Nacional de Musica.

ARMANDO PAIVA. — Vive no Pará. É auctor de um delicado livrinho, *Painas ao Vento*, em que se acham enfeixados vinte e tantos contos de pouco mais de duas paginas, cada um. Não se descobre nesses pequenos trechos nem uma das qualidades de um grande prosador, nem as belezas de estylo de um verdadeiro artista da palavra. O livro prende, no entanto, a attenção do leitor e proporciona algumas horas agradaveis, porque o assumpto é sempre leve e interessante, ingenuo e delicado.

Transcrevo, por exemplo,

AS TRES AMIGAS

— «Na proxima primavera nos encontraremos de novo neste mesmo lugar, á sombra deste jasmineiro em flôr».

Passaram-se os sóes e os luares de inverno. As arvores principiavam a engalanar-se e as madresilvas desabrochavam os seus primeiros botões. Voltou a primavera e com ella voltaram as tres amigas que se reuniram de novo, á sombra do mesmo jasmineiro em flôr.

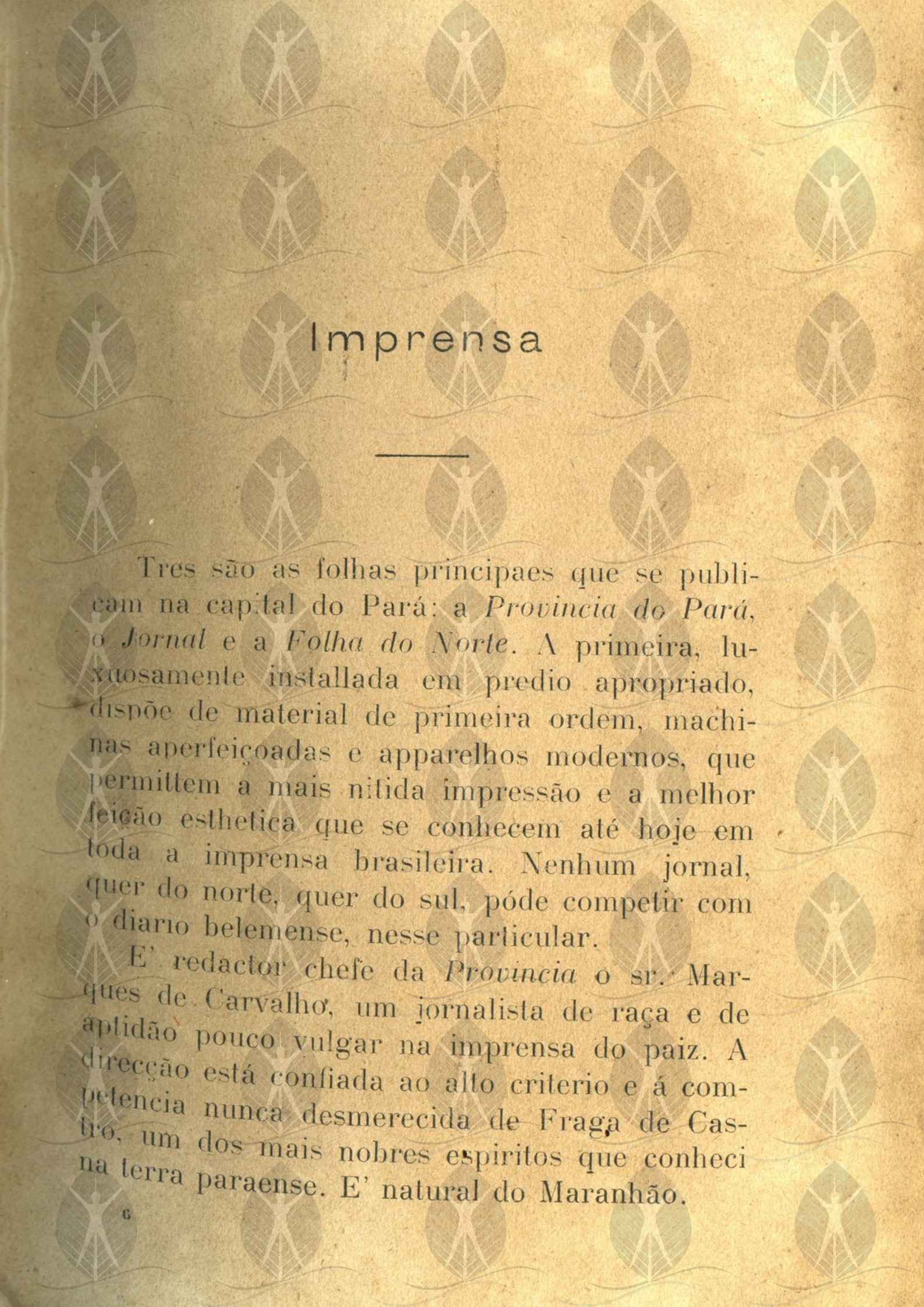
— «Quasi que não tinha mais o prazer de abraçal-as, boas amigas, (disse a Ventura, uma linda donzella de 15 annos). Todos me queriam, e a custo libertei-me dos importunos. Andei muito e nenhum solar encontrei que me attra-hisse. Um aborrecimento em tudo. E por toda

parte hypocrisia e maldade, fingimentos e apparencia. Preferi voltar» — «Depois de bem requestada e seduzida, me vi abandonada por um joven poeta, a quem já dedicava certa afeição — interrompeu a Fantasia, a companheira não menos bella e não menos joven. Emquanto em seu cerebro fervilhavam os sonhos de moço, emquanto sentia no coração as doces emoções de amor, era o seu maior prazer ter-me ao seu lado. Depois lhe veio o desengano e nunca mais me quiz... nunca mais!

— «Eu fui mais feliz — disse, por fim, a Saudade, modesta menina de cabellos soltos e tez muito alva. Em toda parte encontrei agasalhos e carinhos. Desde o palacio á choupana... no monte... nos campos... quer o sol doirasse as folhas, quer a lua purificasse o monturo. E foi justamente no silencio que me senti melhor... num sitio onde se não falla e onde, entretanto, tudo é eloquente.

— «Onde foi?» — perguntaram as duas a um tempo.

— «Ah! lá não poderão entrar as minhas queridas amigas... Foi no cemiterio...»



Imprensa

Tres são as folhas principaes que se publicam na capital do Pará: a *Provincia do Pará*, o *Jornal* e a *Folha do Norte*. A primeira, lussuosamente installada em predio apropriado, dispõe de material de primeira ordem, machinas aperfeicoadas e aparelhos modernos, que permittem a mais nitida impressão e a melhor feição esthetica que se conhecem até hoje em toda a imprensa brasileira. Nenhum jornal, quer do norte, quer do sul, póde competir com o diario belemense, nesse particular.

E' redactor chefe da *Provincia* o sr. Marques de Carvalho, um jornalista de raça e de aptidão pouco vulgar na imprensa do paiz. A direcção está confiada ao alto criterio e á competencia nunca desmerecida de Fraga de Castro, um dos mais nobres espiritos que conheci na terra paraense. E' natural do Maranhão.

Da redacção fazem parte, entre outros: Alves de Souza, jornalista vigoroso e brilhante; Ludovico Lins, humorista de fina verve e poeta de merecimento; Tito Franco, ardoroso combatente, e Romeu Mariz, joven que se inicia na carreira da imprensa.

A *Provincia* conta com um brilhante corpo de collaboradores, e é propriedade do sr. senador Antonio Lemos.

O *Jornal* é folha de combate e órgão do partido republicano do Pará. Servido por todos os elementos modernos de progresso, offerece boa e variada leitura, sendo, por isso, grande a sua popularidade. E' seu redactor chefe Elyseu Cesar, jornalista de valor e de rara competencia em todos os assumptos do officio.

O *Jornal* está sob a direcção de Licinio Silva que substitue o redactor chefe com o brilhantismo que todos lhe reconhecem e o espirito de combatividade de um luctador imperterrito.

Fazem parte da redacção e emprestam-lhe as luzes de sua constante collaboração: Alvaro Fausto, Enéas Pinheiro, José Chaves, Benjamin de Sousa e outros valentes batalhadores que muito têm contribuido para o progresso do Pará.

O *Jornal* tem por gerente o coronel José Soares.

Folha do Norte. — E' o órgão de combate da opposição política do Estado. Tem a seu serviço a penna adextrada de Paulo Maranhão.

Já militou tambem nas columnas dessa folha uma das mais completas organizações de jornalista que possui o Brasil: Enéas Martins, hoje retirado da imprensa e aproveitado na diplomacia.

Da redacção fazem parte, entre outros: Alves de Souza, jornalista vigoroso e brilhante; Ludovico Lins, humorista de fina verve e poeta de merecimento; Tito Franco, ardoroso combatente, e Romeu Mariz, joven que se inicia na carreira da imprensa.

A *Provincia* conta com um brilhante corpo de collaboradores, e é propriedade do sr. senador Antonio Lemos.

O *Jornal* é folha de combate e órgão do partido republicano do Pará. Servido por todos os elementos modernos de progresso, offerece boa e variada leitura, sendo, por isso, grande a sua popularidade. E' seu redactor chefe Elyseu Cesar, jornalista de valor e de rara competencia em todos os assumptos do officio.

O *Jornal* está sob a direcção de Licinio Silva que substitue o redactor chefe com o brilhantismo que todos lhe reconhecem e o espirito de combatividade de um luctador imperterrito.

Fazem parte da redacção e emprestam-lhe as luzes de sua constante collaboração: Alvaro Fausto, Enéas Pinheiro, José Chaves, Benjamin de Sousa e outros valentes batalhadores que muito têm contribuido para o progresso do Pará.

O *Jornal* tem por gerente o coronel José Soares.

Folha do Norte. — E' o orgão de combate da opposição política do Estado. Tem a seu serviço a penna adextrada de Paulo Maranhão. Já militou tambem nas columnas dessa folha uma das mais completas organizações de jornalista que possui o Brasil: Enéas Martins, hoje retirado da imprensa e aproveitado na diplomacia.



O Sport-Club

Entre as sociedades recreativas de Belém cabe inquestionavelmente o primeiro lugar ao Sport-Club. Situado na Avenida Nazareth, que occupa o coração do bairro elegante na metropole paraense, acha-se installado em vasto predio, simples mas confortavel, em que proporciona varias especies de diversões aos seus associados. Foi fundado ha doze annos, e já nessa época tinha por principal escopo o desenvolvimento physico dos seus associados, proporcionando-lhes tambem a cultura espiritual por meio de uma boa bibliotheca em que, a par de bons livros de sciencia e de litteratura, encontram-se revistas scientificas e sportivas, além de varios jornaes do Brasil e do estrangeiro.

As secções sportivas compoem-se de um hippodromo em que se exhibem animaes da

Amazonia; um frontão, um corte para *tennis*, jogo de bola, *foot ball*, salão de esgrima, carreira de tiro, secção nautica dispondo de optima *garage*, bilhares francezes e inglezes, e aparelhos modernos para exercicios gymnasticos. Todos esses *sports* são muito frequentados, alguns por senhoras.

No hyppodromo realisam-se, além das corridas dominicaes, outras festas sportivas em que toma sempre parte grande numero de socios, sendo as commissões organisadoras compostas de distinctas senhoritas que conferem bellos e valiosos premios aos vencedores.

No vasto salão do Club, luxuosamente decorado, dão-se *soirées* mensaes a que comparece a flôr da sociedade de Belém.

Tem sido de iniciativa do *Sport-Club* a organização de todas as festas elegantes do Pará, e ainda no anno corrente foi elle objecto de vivos louvores, pelo *corso*, introduzido na alta roda da sociedade belemense, sobresahindo especialmente o que foi levado a effeito durante os festejos do carnaval.

O club conta actualmente cerca de oitocentos socios, effectivos e benemeritos.

A directoria actual é composta dos seguintes cavalheiros: Jayme Gama e Abreu, presidente; Eugenio Soares, vice-presidente; Francisco Pinto, 1.º secretario; Guilherme Paiva, 2.º secretario. O cargo de thesoureiro está sem titular

effectivo, sendo interinamente occupado pelo 1.º secretario.

Entre os socios que mais têm trabalhado pelo desenvolvimento do club, pódem ser citados, além dos que fazem parte da directoria, os seguintes: Delfim Guimarães, Walter Costa, Manoel A. Marques, Darlindo Rocha, Alberto Cardoso, José Olympio Gomes, Julio Muniz, Carlos Aguiar, Abellardo Silva, etc. etc.

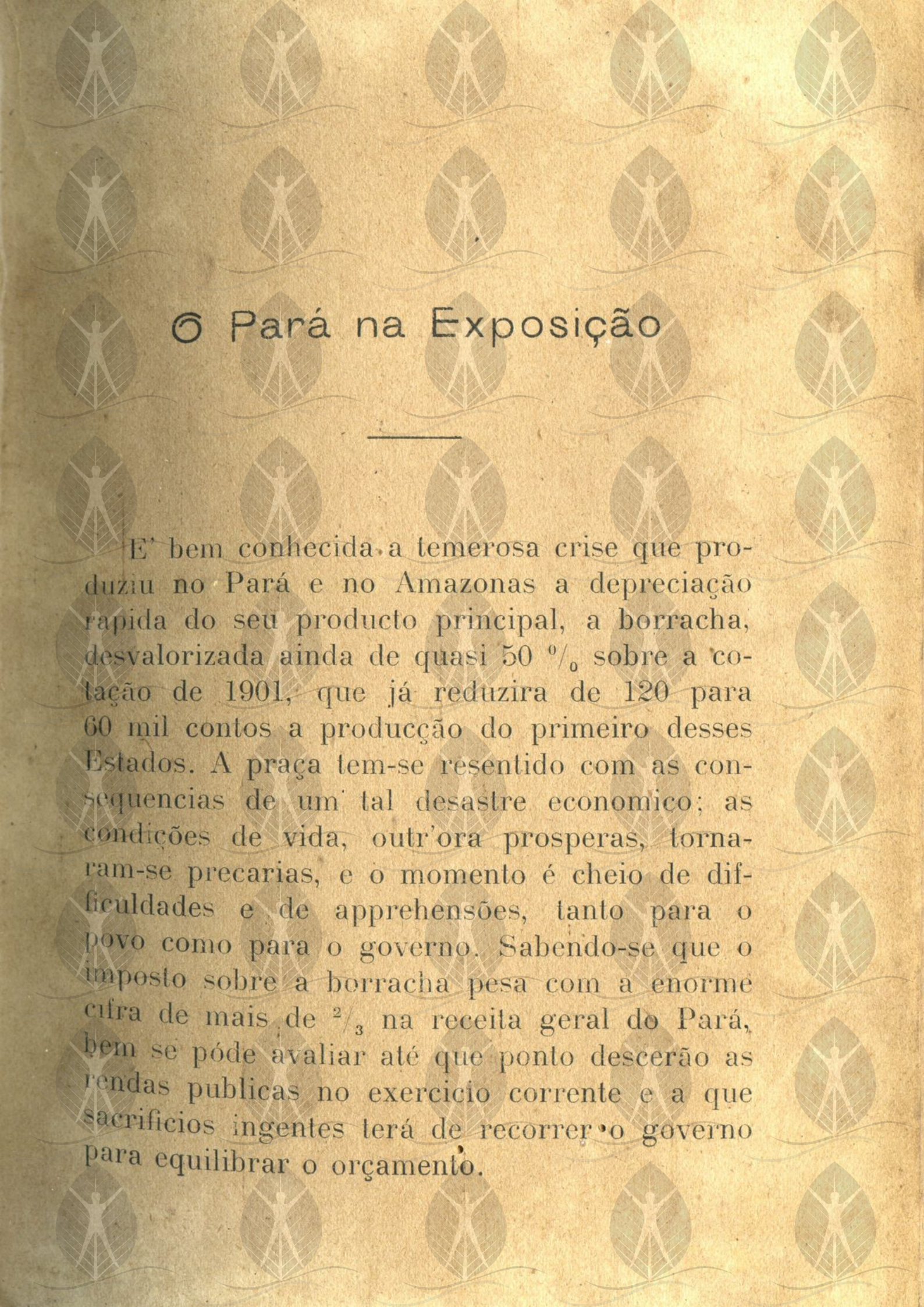
E' grande o numero de socios e visitantes que se encontram todas as noites nos salões da elegante sociedade, onde reinam sempre a ordem e o respeito absolutos.

A illuminação electrica dispõe de energia para cerca de seiscentos fócios incandescentes e voltaicos.

São socios do club, a que pertence toda a alta sociedade do Pará, o Governador do Estado, o Chefe de Policia, senadores, deputados, capitalistas, industriaes e uma pleiade brilhante de distinctos jovens que dão vida aos differentes sports.

O carinhoso acolhimento que recebem, tanto da directoria como dos outros socios, todos os visitantes do *Sport-Club*, foi uma das distincções que mais me penhoraram durante a minha permanencia na capital do Pará.

Deixo aqui registrada a minha gratidão aos correctos *gentlemen* que tanto sabem captivar pela fidalguia da sua hospitalidade.



○ Pará na Exposição

E' bem conhecida a temerosa crise que produziu no Pará e no Amazonas a depreciação rápida do seu producto principal, a borracha, desvalorizada ainda de quasi 50 % sobre a cotação de 1901, que já reduzira de 120 para 60 mil contos a produção do primeiro desses Estados. A praça tem-se resentido com as consequências de um tal desastre economico; as condições de vida, outr'ora prosperas, tornaram-se precarias, e o momento é cheio de dificuldades e de apprehensões, tanto para o povo como para o governo. Sabendo-se que o imposto sobre a borracha pesa com a enorme cifra de mais de $\frac{2}{3}$ na receita geral do Pará, bem se póde avaliar até que ponto descerão as rendas publicas no exercicio corrente e a que sacrificios ingentes terá de recorrer o governo para equilibrar o orçamento.

A simples lembrança do que está neste instante acontecendo no norte, e com especialidade ocorrendo no Pará, basta para dar idéa do heroismo de alguns abnegados corações de patriotas, que, á custa de trabalho, de energia e de tenacidade invenciveis, acabam de triumphar de todos os obstaculos para que o glorioso Estado seja condignamente representado na proxima Exposição do Rio de Janeiro.

Acha-se á frente da commissão o general Jacques Ourique, cujo nome é só por si uma garantia segura do exito dessa tentativa. Acompanham-n'o como auxiliares intemeratos e esforçados os snrs. Dr. Arlindo Costa, visconde de Monte Redondo, Armando Paiva e Jayme Abreu, nomes justamente estimados e queridos no meio paraense.

Fui, a convite do general Ourique, visitar o pavilhão provisório em que se acham installados os productos paraenses que vão figurar na Exposição, e venho transmittir aos leitores do *Correio* um ligeiro *avant la lettre* ácerca do que acabam de vêr durante algumas horas os meus olhos maravilhados. Começo methodicamente pela entrada.

A primeira curiosidade da Exposição, aquella que logo me surprehendeu e me attrahiu com mais sollicitude, foi, sem duvida, a collecção de madeiras do Estado, todas cortadas em pequenos toros envernizados e classificados com es-

mero. Lá estavam enfileirados e attrahindo a attenção maravilhada: o *pão santo pintado* (zollernia paraensis) o *pão louro*, o *cajúuna*, o *pão violeta*, o *mará-mará*, o *cumatê*, o *jacarandá*, o *macacaúba*, a *muirapinima*, o *pão d'arco*, o *pão amarello*, o *cedro branco*, o *inharé*, o *louro rosa*, o *louro preto*, a *muirapiranga* e multissimas outras especies que hão de occupar um longo e circunstanciado catalogo, porventura o mais interessante da Exposição. Ha exemplares de mais de 200 especies.

Outra secção riquissima, que eu desde já recommendo aos futuros visitantes da praia da Saudade, é a de fibras, em que o Estado do Pará difficilmente encontrará quem com elle possa rivalizar.

A borracha e o cacão constituem secções especiaes. Na segunda será observada a marcha evolutiva de toda a industria peculiar a esse nosso producto, graças ao intelligente trabalho do Dr. José Simão da Costa, que expõe desde a arvore do cacão até as pastilhas e as geléas fabricadas do preciosissimo fructo.

Avultam logo adeante: o fumo paraense, proprio para a fabricação de charutos; marmores, madeiras, fibras, fructas, sementes, cimento, ladrilhos, telhas, pós, extractos, pastas, etc.

Opulenta e preciosissima a secção consagrada aos productos pharmaceuticos, bem como a outros preparados congeneres, entre outros ás

bebidas e licores, que são alli fabricados como em nenhuma outra parte do Brasil.

Outro lado curiosissimo da Exposição é a dosapparelhos de pesca, em que avultam exemplares acabados de canôas, remos, redes, espinheis, coffos, arpões e outros artefactos relativos a essa primitiva industria, cultivada nos nossos rios, e principalmente no Amazonas, pelos selvagens de todos os tempos. São bellissimas as cuias *rendadas* (de Santarém) e uma canôa cavada em um só tronco, que tive occasião de admirar um pouco mais adeante, passada uma nova secção em que avultavam chapéos de palha e mosaicos de madeira, de todos os feitios e tamanhos.

O algodão, as castanhas, o carvão mineral e alguns novos tóros de madeira vão ficando para traz, junto ás paredes, quasi esquecidos á minha esquerda, emquanto galgo a parte elevada do salão para contemplar a galeria photographica, alguns trabalhos de typographia e varias plantas medicinaes que se alastram por toda parte. Occupando, talvez, a área mais consideravel da Exposição, e ao longo das paredes, em que avultam duas soberbas télas — uma de Girard e outra de Carlos de Azevedo — está condignamente representado o Instituto Lauro Sodré: dentre os muitos productos que recommendam a actividade e o adeantamento dessa utilissima instituição, sobresaem roupas, calçados

varios, fardamentos, mobílias escolares e communs, um jogo de livros commerciaes admiravelmente acabado, trabalho dos alumnos.

Explicou-me ainda o illustre presidente, radiante com a victoria que acabara de obter, vendo coroados os esforços da commissão, que todos aquelles productos seriam em breve acompanhados pelas mais bellas colleccões de animaes do Museu Paraense, dirigido pelo sabio Emilio Gœldi.

A industria paraense será tambem representada por uma esplendida *victoria*, que certamente vae ser apreciada na devida conta, sabido como é que só o Pará e o Rio de Janeiro têm elementos necessarios para a construcção de carruagens de luxo.

Outros productos têm sido reiteradas vezes solicitados de suas fontes de procedencia; outros vão sendo promettidos, e já agora a boa vontade de muitos, despertada pela tenacidade e pelos esforços cada vez mais ingentes da commissão organizadora, vae-se manifestando no sentido de figurar o Pará com uma representação á altura dos seus creditos no certamen que se ha de inaugurar em breve na metropole brasileira.

Não conheço a representação do Amazonas; mas fio que não fará figura apoucada, nem mediocre, tão lisonjeiras foram as informações que colhi na minha passagem pela formosa Manáos.

Dos artefactos indigenas e productos de ceramica, pertencentes ao Museu Paraense, onde foram catalogados pela sabia orientação do professor Emilio Goeldi, facil é de imaginar o rico manancial com que os dois Estados do norte poderão contribuir para o estudo de intrincados problemas ethnographicos até hoje sem solução, apesar da competencia erudita de um Couto de Magalhães e de um Baptista Caetano, secundados subsidiariamente pelas contribuições de Capistrano de Abreu e de raros outros estudiosos destes assumptos em nossa terra. E', evidentemente, uma vergonha que todas as tentativas para o estudo da anthropologia americana devam partir de sabios estrangeiros em excursão pelo nosso paiz, onde quasi se desconhecem os documentos vivos, authenticadores do nosso passado ancestral. E' possivel que a vista de taes objectos consiga despertar a attenção dos curiosos da materia, concitando-os a novas tentativas de pesquisa, talvez mais fecundas em resultados que as primeiras. E' essa a primeira e mais relevante utilidade dos museus, como este do Pará, que não visa sómente a instrucção pratica do povo, mas possui tambem preciosos repositorios de informações, capazes de retemperar e de tornar fecunda a solida sciencia dos eruditos.

Muito há que esperar ainda, neste mez de preparativos e encaixotamentos, da actividade

febril que tem sabido desenvolver o general Jacques Ourique na realização da alevantada empresa.

De um sr. Freitas Dias, conhecido industrial, que lhe não remetteu em tempo o principal producto de suas fabricas, chegou o general a comprar uma certa quantidade de pregos, para que figurassem ao lado dos varios specimens de outras industrias paraenses! Não o intimida a crise, não o atemorizam as mil dificuldades e os mil tropeços que se têm de vencer em tentativas desse genero: tudo se submete á vontade de ferro desse trabalhador infatigavel, que não conhece barreiras desde que pretende vencer. O resultado ahi está, desde agora, evidente e palpavel: o Pará não iria, talvez, deslumbrar os visitantes da Exposição de 1908; mas figurará nella com os variados e apreciaveis productos da sua industria, já bastante adeantada, dando mesmo, no meio da crise aguda em que se debate, uma prova eloquente do seu progresso, da sua vitalidade e do seu espirito de trabalho.

A Bordo

Estou de regresso ao sul, depois de quasi cinco mezes de ausencia. Devo saltar ainda no *Recife* onde me esperam alguns amigos — nobres espiritos e fidalgos corações que tão bem sabem reflectir a delicadeza da alma pernambucana: Arthur Muniz, Rosa e Silva Junior, Adhemar Tavares, Layette Lemos, M. Monteiro, Anibal Freire, Farias Neves, Manoel Nogueira... e outros e outros, que todos são bons e meigos e generosos nessa nobre terra heroica e hospitaleira.

A viagem deve durar seis dias de Belém ao Recife, mesmo a bordo desse *Pará* em que me acho embarcado, e que é um dos vapores *rapidos* do Lloyd Brasileiro. Prevejo o supplicio. Para amenisal-o, porém, estão felizmente a bordo: a gentileza captivante de Arthur Lemos, a bondade conquistadora do Dr. Rogerio de

Miranda, a jovialidade communicativa de José Olympio Gomes e a simplicidade despretenciosa de Alcides Bahia — quatro companheiros que um mesmo fluido de sympathia aproxima e que mutuamente se respeitam, se attrahem e acabam por estreitar relações.

O facto é tanto mais para salientar quanto os dous primeiros são representantes do partido situacionista do Pará, ao passo que os dous ultimos militam intransigentemente nas fileiras da opposição. Esquecem-se, porém, essas rivalidades, e os adversarios se comprehendem facilmente no terreno liso da gentileza e da polidez diplomatica. Arthur Lemos captiva; o Dr. Rogerio seduz.

A viagem promette correr agradavelmente.

No segundo dia recebo uma denuncia grave: ha no mesmo vapor um poeta de raça, fogoso domador de rimas bravias, mas tão modesto, ou tão avaro, que tem por habito esconder as gemmas do seu escritorio, furtando-as á vista de quem quer que seja. Esta ultima declaração, comprehendida na denuncia, justifica em parte ou, pelo menos, attenúa a minha ignorancia acerca do confrade illustre. Combina-se uma cilada. Conduzimos o poeta ao salão e começamos por lhe pedir que nos recite versos de outrem. O recitador possúe a arte difficil de dizer: recita com calor, com intenção, com apuro e com elegancia.

Ao cabo de alguns minutos, chegamos á méta desejada: havíamos conquistado a sua condescendencia. Foi assim que cheguei a ouvir, recitados por elle mesmo, estes bellissimos versos de Arthur Lemos, o mais inspirado e o mais artista dos poetas que actualmente vivem no Pará:

LINHA CURVA

*Nas obras de architectura
Que fazem sonhar os poetas
As curvas têm mais doçura
Do que as rectas.*

Quando eu a vi, pasmei; foi-me um assombro
Aquella apparição...
Dansava junto a mim; já, hombro a hombro
E mão talvez na mão,
Da quadrilha no ardor a que me entrego
Nos prendera a vertige', e bronco e cego,
Não percebi a sua perfeição!

De subito, porém, rasgou-se um véo,
E que deslumbramento!...
Como se as portas, par em par, do céo
Se abrissem num momento,
Tal meu espanto foi... espanto e enlevo
Suavissimo, ah! que eu não me atrevo
A confessar, mas que esconder não tento!

Baldado esforço! Arcar contra a torrente,
Aos fados resistir;
Evitar que o sol brihe e baixe ao poente,
Remover o porvir!



Arthur Lemas



Si posso e devo impôr sigilo á bocca,
Para vencer-me essa tortura é pouca:
O olhar resta, ancioso, a me trahir.

O olhar que a segue assim, da mesma sorte
Que a bussola, do mar
Na vastidão azul, rumando ao norte
Sempre, sem variar;
O olhar, luz que lhe envolve o corpo inteiro,
Que grita, — é voz! — nem ha maior pregoeiro
Desse crime dulcissimo de amar.

Crime ante a fera lei que uniu no mundo
A' delicia o tormento,
Fez-nos escravo o corpo, e errabundo
E livre o pensamento,
Culpa, voluptia, dôr juntou num beijo,
E, dando ao ser a febre do desejo,
O remorso lhe oppoz, agro e profundo.

...E a tenho a todo instante retratada:
Ou no ether suspensa,
Ao sol a pino, á luz da madrugada,
E pela noite densa,
Ou no campo, ou no mar, ou na cidade,
Sem que das cousas a final verdade
A imaginação me dobre e vença.

E o que mais nella avulta, o amplo recorte
Do busto saliente,
Dos quadris o relevo augusto e forte,
Phantastico, imponente,
Eu olho... e logo a vista se me turva
Ao esplendor triumphal da linha curva
Sobre essa carne exuberante e quente.

Curva sem par que tumida pompeia,
Como, em noite de estio,
Pelo concavo azul a lua cheia,
Ou na volta de um rio,
Branca, de fina areia contornada,
A collina que a languida enseada
Cinge, ondulando em flébil murmúrio...

Horizonte em que o céu largo se arqueia,
Collear de serpente,
Dorso felino, brejo que serpeia,
Lyra, estrella cadente,
Arco-iris flammante, mar sanhudo
A ondear... tudo me evoca, tudo
Essa curva immortal, omnipresente!

De linha assim, noutra mulher, não sei:
Por isso foi que quando a vi, pasmei!

*Nas obras de architectura
Que fazem sonhar os poetas,
As curvas têm mais doçura
Do que as rectas.*

Minutos depois o poeta recitava o seguinte soneto:

SOBRE A TERRA

D'onde o barco surgiu? Que incerta plaga
Busca, por noites tragicas, ou bellas?
Quem rumo lhe dá, lhe enfuna as velas,
E ora um pharol lhe accende, ora lhe apaga?

Mysterio! Nem as tremulas estrellas
Que no alto scintillam, nem a vaga
Que em baixo freme, que o luar affaga,
Ou irosa se empina nas procellas,

A's perguntas respondem, que fazemos...
Pare, pois, o batel da humana lida,
Alçando um' hora os fatigados remos!

A vida passa, como a flôr, querida!
Colhamol-a sem mais... Amo-te! Amemos!
Amor — unico premio desta vida!

E', na verdade, para lamentar que um poeta
de tal valor não nos queira brindar de vez em
quando com outros bellos e admiraveis fructos
do seu talento.

Maldita politica, impiedosa e assassina, que
até faz perder o canto aos rouxinoes!





MARANHÃO

ESTADO DO MARANHÃO

LIMITES. — Ao norte, o oceano Atlantico; a leste, o Piauhy; ao sul, o Piauhy e Goyaz; a oeste, Goyaz e o Pará.

COMMERCIO. — Tem como productos principaes o assucar, o algodão, o fumo e alguns cereaes.

GOVERNO. — Os tres poderes com os seus orgãos respectivos. O poder legislativo é exercido por um Congresso que se compõe de *Senado* e *Camara dos Deputados*.

DIVISÃO MUNICIPAL. — E' em 53 municipios.

CAPITAL. — S. Luiz, com 50.000 habitantes, na ilha do Maranhão, á margem oriental da bahia de S. Marcos. Está situada a 360 milhas de Fortaleza e a 1892 do Rio de Janeiro.

Possue algumas praças ajardinadas e em uma dellas a estatua do poeta Gonçalves Dias.

CIDADES PRINCIPAES. — Alcantara, em frente á capital; Caxias, Itapicurú-mirim, Carolina e Vianna.

ESTRADA DE FERRO. — A de *Caxias*.

REPRESENTAÇÃO FEDERAL. — Sete deputados e tres senadores.

GOVERNADOR ACTUAL. — Dr. Benedicto Leite.

De Passagem

— «*Vamos aos camarões*» — é a phrase inevitavel que se ouve a bordo, quando o vapor se approxima de S. Luiz, pronunciada com intenso jubilo por todos quantos se preparam para baixar á terra com o irreprimivel desejo de esquecer por algumas horas a repugnante comida do vapor.

Enchem-se os botes que aprôam para a rampa do desembarque, atravessando o longo percurso de umas quinhentas braças de mar, que os filhos da terra dizem ser o mais prodigioso viveiro de tubarões que se conhece até hoje. Affirmam que um pronunciado cheiro de melancia accusa a approximação desses bem armados e impiedosos monstros do oceano. A presença de dois illustres deputados do extremo norte garante-me, pela gentileza de um amavel convite, o desembarque, mais seguro, numa lancha posta pelo governo á sua disposição.

Livre assim de preocupações de segurança e de sentir, sequer, o cheiro de melancia, fui desembarcar ao pé da rampa que ao cabo de tres minutos de penosa ascensão leva o excursionista á praça ajardinada em que se ergue na sua simplicidade, aparentemente de quartel, o palacio do governador.

Convidam-me para almoçar em companhia de s. ex.^a, mas eu declino da honra, comprehendendo a inspiração da gentileza que a etiqueta quasi impuzera. Prometto comparecer mais tarde e sigo para o Hotel Central, onde tres coisas egualmente reparadoras me esperam successivamente: o abraço de um amigo, a agua de um chuveiro e uma travessa de camarões.

A entrada do hotel dá-me uma impressão desoladora de vetusticidade. Negros e negras, sentados no chão, espalham em roda os insignificantes objectos do seu commercio: pannos, rendas, cuias, fructas e quitandas de varios doces. Subo. São 9 horas apenas; mas já é grande a confusão dos que entram e sahem, recommendando a guarda dos logares, reclamando um banho, pedindo uma informação ácerca do Correio, do Telegrapho, ou do mais proximo barbeiro...

Meia hora de espera, um banho por empenho, o almoço reparador e depois um passeio pela cidade, com escala pelo Congresso, que

funciona proximo ao hotel, é esse o programma do dia até á hora da visita official.

O passeio pela cidade consiste apenas em tomar um bonde contemporaneo da Inquisição e percorrer, aos trancos, algumas ruas desertas e de velha casaria tristonha, para desembocar, afinal, numa grande praça, toda atulhada de capim, onde se ergue, sobre uma columna de pedra, a estátua de Gonçalves Dias.

O poeta dos *Tymbiras* está ladeado por quatro vultos da velha *Athenas brasileira*: Sotero dos Reis, João Francisco Lisboa, Gomes de Souza e Odorico Mendes — este ultimo o famigerado traductor da *Illiada*, da *Eneida* e de outros poemas que lamentavelmente estropiou, em versos ainda mais desenxabidos e duros que os do não menos famigerado e cacete Domingos José Gonçalves de Magalhães. Melhor fôra que o substituíssem pelo sizudo e escorreito Antonio Henriques Leal, que a essas qualidades de escriptor reunia a de grande e querido amigo do poeta.

Não sei, tão pouco, o que faz alli, ao lado do grande lyrico, a mediocridade chata de Sotero dos Reis — um grammatico de mãos bofes que nunca teve prestimo para cousa alguma.

Parece apoucada a *distincção* que conferiram a João Francisco Lisboa — esse, sim, um bom cultor das lettras, que fez honra ao berço de Gonçalves Dias e com este emparelhou não só

nos elevados surtos do espirito como no entranhado amor que sempre dedicou ao seu formoso torrão natal.

Seria de justiça que lhe dessem posição *mais elevada*...

S. Luiz é uma cidade velha e quasi deserta. Ha, porém, uma alma que parece desprender-se daquellas ruinas e dar vida ás tradições de seu passado glorioso, fazendo remontar ao tempo em que com justiça assentava ao berço do grande poeta o titulo tantas vezes justificado com que solemnemente se condecorava o seu orgulho. Hoje a velha cidade vive apenas da recordação desse passado, e só um ou outro nephelelibata de gaforinha persiste ainda em lhe chamar com arrogancia a *Athenas brasileira*.

Cumpro a segunda parte do programma, indo assistir a uma sessão do Congresso. Verifico, com grande surpresa, que ha apenas tres ou quatro deputados opposicionistas. Era de supôr que o fossem todos, porque — digam o que disserem das oligarchias estaduaes — o caso do sr. Benedicto Leite é positivamente um caso *sui generis* na historia dessas mesmas oligarchias, e de algum modo justifica a intolerancia que outros governos costumam a guardar em face das opposições desbragadas.

O sr. Benedicto Leite (o *senador*, como ainda lhe chamam) tem por norma tratar melhor os adversarios que os proprios amigos.

As repartições publicas estão cheias de opposicionistas, e é mais facil chover no Ceará do que ser alguem demittido no Maranhão por dizer mal do governo. Chegou a coisa a ponto de não ter mais o governador quem o defenda pela imprensa: todos os jornaes são opposicionistas!

Parece que ha uma lição proveitosa a tirar desse exemplo... Anceio por conhecer o original estadista, antithese de Nero germinada por descuido nas longinquas plagas de S. Luiz.

Chego a palacio ás 2 ¹/₂ da tarde. O almoço não terminou ainda. Espero alguns minutos, até que o meu velho amigo Clodoaldo de Freitas proporciona-me o ensejo da apresentação. Uma sem-cerimonia captivante põe-me logo á vontade, e é com a maior singeleza de maneiras e completa ausencia de etiqueta que o governador me conduz ao grande salão do palacio, de largas janellas abertas para um jardim.

Na amistosa palestra que travámos durante alguns minutos, procurei discretamente indagar das razões que levavam a primeira auctoridade do Estado a não usar de represalias contra as invectivas dos seus adversarios. Foi o proprio governador quem me deu a chave do enyigma:

— *E' porque eu não leio o que elles escrevem...*

Havia entre os visitantes, acompanhados de

algumas senhoras, o projecto de um passeio a carro.

Despedi-me, e sahi em companhia de alguns amigos.

A sahida do *Pará* foi marcada para as 8 horas da noite. Tenho a tarde toda deante de mim e já agora não perderei o ensejo que se me offerece para uma pequena desforra contra a monotonia de bordo. Mas em que hei-de eu passar o tempo, se já está tudo visto, desde Gonçalves Dias até o sr. Benedicto Leite?

As ruas estão desertas; o calor abraza; nada póde compensar o sacrificio de um percurso ocioso através de uma necropole escaldada pela inclemencia do sol. Recolho de novo ao hotel, de onde me vem tirar em breve um espectáculo que é uma nova confirmação de quanto acabei de dizer: é o *bota-fóra* de um illustre deputado, chefe da situação, que passa seguido de amigos para a rampa em que tem de embarcar. Pouco depois, um par de noivos, acompanhado das principaes senhoras da terra, passa tambem, em busca do mesmo destino.

Sigo o cortejo e approximo-me da rampa, quando um murmurio partido dos grupos mais chegados annuncia a approximação de um outro personagem politico: agora é o chefe da opposição, que vem cercado, por sua vez, de todo o pessoal dos descontentes...

E' então que se póde avaliar bem a tristeza

e o abandono em que vive a terra do Maranhão na quadra desoladora que vae atravessando: naquelle momento em que embarcava o chefe da situação politica do Estado, ao mesmo tempo em que partia o general em chefe da opposição; naquelle instante em que uma das senhoras mais distinctas da terra fazia as suas despedidas em demanda do Rio de Janeiro; todos esses acontecimentos que marcam dias memoraveis e solennes na historia de outros Estados, mal conseguiam reunir uma centena de pessoas, que tantas eram as que se agglomeravam em terra, no momento penoso da despedida!

Duas ou tres senhoras chorando, ao verem partir a formosa noiva, alguns abraços trocados, um ou outro lenço agitado na brisa quente que soprava do mar, e a volta da multidão andando lentamente, pesadamente, como se tornasse de um funeral...

E foi tudo quanto vi naquella tarde triste de abril, emquanto as andorinhas voavam chilrando pelo ar lavado e doce, e os tubarões andavam provavelmente acompanhando os botes veleiros que iam e vinham do caes para o vapor, e do vapor para o caes, transportando na mesma faina e ao mesmo archejo das vagas revoltas, noivos e deputados...

Quiz voltar ainda á praça dos Remedios para contemplar mais uma vez o poeta do

Y Juca Pirama. Lembrou-me, porém, o desgosto que teria de curtir ao encarar de novo a caranca do traductor da *Odysséa*: desisti do projecto e esperei pela noite.

Foi por entre os gramados da linda praça que conduz ao hotel, com a alma toda diluida na melancolia do crepusculo, que já vinha descendo, que comecei machinalmente a repetir muito para cima, para o alto, como se o proprio poeta me estivesse a escutar naquelle momento:

«De um mundo a outro impellido,
Derramei os meus lamentos
Nas surdas azas dos ventos,
Do mar na crespá cerviz;
Baldão, ludibrio da sorte,
Em terra estranha, entre gente
Que alheios males não sente
Nem se condõe do infeliz!»

«Louco, afflicto, a saciar-me
De aggravar minha ferida,
Tomou-me tedio da vida,
Passos da morte senti...
Mas quasi no passo extremo,
No ultimo arcar da esperanza,
Tu me vieste á lembrança,
Quiz viver mais e vivi!»

Ditosa terra que já ouviste uma vez a harmonia dessas estrophes immortaes!



CEARÁ

ESTADO DO CEARÁ

LIMITES. — Ao norte e a leste, o Atlantico; a leste, o estado do Rio Grande do Norte; a leste e ao sul, a Parahyba; ao sul, Pernambuco; a oeste, o Piauhy.

COMMERCIO. — A exportação é principalmente de algodão, assucar, carnaúba, café e borracha de maniçoba.

GOVERNO. — Os tres poderes com os seus orgãos respectivos.

DIVISÃO MUNICIPAL. — E' em 80 municipios.

CAPITAL. — *Fortaleza*, linda cidade com 50 mil habitantes, bellos jardins, bons hoteis, ruas largas e grandes avenidas. E' uma das melhores cidades de todo o norte do Brasil. Está a 1532 milhas do Rio de Janeiro.

CIDADES PRINCIPAES. — Ipú, Sobral, Granja, Camocim, Acarahú, Quixeramobim, Baturité e Aracaty.

ESTRADAS DE FERRO. — Tem duas: a de *Sobral* e a de *Baturité*.

REPRESENTAÇÃO FEDERAL. — Dez deputados e tres senadores.

GOVERNADOR ACTUAL. — Dr. Antonio P. Nogueira Accioly.



LEITE



Folk-lore Cearense

O norte do Brasil, principalmente a partir do Ceará para a zona equatorial, não comportou, na mesma escala de outras regiões do paiz, a immigração africana dos primeiros tempos coloniaes.

Realizada a sua conquista muito depois de instituido o governo que teve a primitiva séde no littoral, não precisou do braço negro para a construcção das primeiras habitações. A lavoura de canna e as industrias nascentes do assucar e do pão brasil, limitadas quasi aos dois grandes emporios commerciaes de Pernambuco e da Bahia, reclamavam, por outro lado, quasi todo o contingente dos pobres trabalhadores escravos.

Esses factos, que não podem ser esquecidos no estudo da ethnologia brasileira, explicam satisfatoriamente a pequena contribuição que teve

de dar o sangue africano ao cruzamento das raças no Ceará, onde a integração dos tres factores ethnicos, concorrentes na formação da nossa nacionalidade, se operou com assignalado e incontestavel predominio do elemento caucasico.

A população cearense, subdividida em varias mesclas ou sub-raças differentes, apresenta, com effeito, uma percentagem minima de 15 a 20 % de individuos em que se manifesta a preponderancia do sangue africano.

As inclemencias do clima, aggravadas com as seccas, de que decorre o constante flagello das epidemias e da fome, determinam frequentes renovamentos de população creoula, porque a par dos grandes desfalques occasionados pela emigração para o Amazonas, avulta a fecundidade da mulher cearense, a mais prolifera de quantas possui o Brasil. Dahi, o natural esquecimento das tradições avoengas, facilmente substituidas pelas que espontaneamente brotaram no proprio meio, onde recebe a influencia directa dos agentes physicos a população mais genuinamente brasileira de que tenho noticia.

Não é de estranhar, portanto, que as produções poeticas do Ceará substituíssem as velhas cantigas de engenho e a saudade dos lares e das palhoças, perdidas, pelas fontes inspiradoras do centro do paiz onde o sertanejo canta á viola a faina das vaquejadas, as proesas do

boi Rabicho e os mil encantos da vida patriar-
chal e livre do Sertão, onde elle impera e do-
mina, como senhor e como rei.

A verdade deste reparos põe algumas restri-
ções á doutrina de Sylvio Roméro, que pre-
tende, por uma generalização demasiado larga
de factos particulares, determinar definitiva-
mente a unidade ethno-physiologica do povo
brasileiro, suppondo-a de modo absoluto o re-
sultado de uma integração completa dos tres
ramos ethnicos originarios, isto é, do Portu-
guez, do Africano e do Indio.

Em muitos casos não se operou a fusão,
permanecendo puros de qualquer mescla mui-
tos exemplares das tres raças iniciaes, que pa-
rallelamente se continuaram.

Cedo a immigração italiana em S. Paulo
e a teutonica no sul vieram contribuir tambem
para que se salvassem do contagio os que guar-
davam ainda a pureza primitiva da raça branca.

Além da diversidade das correntes immigra-
torias no norte e no sul do Brasil, variam tam-
bem as influencias physicas nas tres grandes
zonas em que se divide o paiz. A ethnologia
do nosso povo é, por isso, além de um facto
complexo, um problema quasi sem solução.

Estas verdades foram em parte comprehen-
didas pelo illustre folke-lorista parahybano,
Rodrigues de Carvalho, que se propoz, em livro
recentemente publicado, a desprezar o trabalho

de selecção para as investigações do folke-lore deduzido do typo ethnico, para procural-o no estudo do meio e do momento da sua criação conforme as zonas em que se tenha produzido.

O auctor, porém, embora reconhecendo que «*das tres raças ha apenas a reminiscencia, estampada no typo, nas acções, nos costumes do Brasileiro actual*», não só parece referir-se mais particularmente á Parahyba do que ao Ceará (onde tal reminiscencia só existe em parte) como se revela ainda preocupado com *cantos portuguezes entremeiados de expressões indigenas e de onomatopéas africanas*, especies de hybridismos de épocas immemoriaes, hoje quasi desaparecidas de todo na maior parte do territorio brasileiro, talvez com excepção unica da Bahia, que ainda agora apresenta a feição peculiar e retrograda de uma emperrada civilização colonial.

O Ceará tem hoje vida e tradições proprias, além de uma linguagem peculiar, inconfundivel, original. E' nessa lingua diferenciada que se crystalizam, ha mais de dois seculos, as mais bellas producções da sua musa popular e anonyma, não sendo possivel incluir a terra de Iracema nesse *Norte do Brazil* em que a superficialidade de Varnhagem, alliada á mania do sr. Theophilo Braga, só consegue descobrir melopéas indigenas ou assignalados vestigios de batuques africanos.

E' outra preocupação erudita e pedantesca a de filiar todas as superstições brasileiras ás credices e abusões por vezes symbolicas, do Egypto e da India, como fazem os supracitados auctores, em má hora seguidos pelo folke-lorista parahybano, que chega a sentenciar devermos a Portugal todas essas tradições, modificadas no nosso paiz pelo fetichismo grosseiro do selvagem e do negro africano.

«O curandeiro de mordeduras de cobra (affirma o sr. Rodrigues de Carvalho) existe authenticamente pelos sertões dos Estados do Norte, como em França os *guérisseurs* de orin, ou os *psyllas* e encantadores indianos».

E' levar muito longe a mania das filiações!

Felizmente, em contradicção com algumas doutrinas expendidas pelo proprio auctor desse precioso trabalho, encontram-se no *Cancioneiro do Norte* alguns especimens de contos cearenses, de flagrante e incontestavel originalidade, productos logicos do meio que os produziu, dada a diversidade de vida, de costumes e de tradições que separam a população dessa zona dos habitantes de outros trechos do territorio nacional.

Um resumo de taes costumes, esboçado por Julio Monteiro no *Anno Escolar* do Instituto de Humanidades, dá uma idéa precisa dessa fonte de inspiração sertaneja da patria de Alencar.

Segundo aquelle auctor, a industria cearense resume-se em tres ramos principaes: a *agricultura*, a *criação* e a *pesca*, além da industria manual, que consiste no fabrico de objectos de uso domestico, taes como: chapéos de palha e de couro, esteiras, cestos e balaios de cipó, sellins, *ginetes*, caronas, arreios, macas, alforges, rêdes, cordas de fibras textis, vassouras, caçuás, *garajaus*, tecidos de pannos, rendas, bicos, almofadas, farinha, gomma, rapadura, tijollos, cachaça, vinhos, queijos, manteiga, fumo, etc.

Os instrumentos agrarios do cearense são tres: a foice, o machado e a enxada. A colheita é operada a mão, e o transporte em costas de animal, em carros de roça ou em canôas.

As armas são tambem resumidas: a faca, o cacete e a espingarda.

Dentre os instrumentos sonicos destacam-se: a viola, a harmonica, o pifaño e a gaita.

Como, em geral, nos outros Estados, é a viola a alma do *sambá*, onde se dança o baião, composto apenas de dois pares. Fórma-se de maneira diversa da que se usa em Sergipe e nos Estados do Sul: em vez da *umbigada*, atira-se com os dedos um estalo de castanhola na direcção da pessoa escolhida, até que se fórma a *quadra* e, dada a *venia* ao cantor, começa o *baião*.

Basta que estejam presentes dois *cantores* para que se estabeleça logo o *desafio*:

«Você diz que sabe muito,
Pois me *destrinche* esta conta:
Vinte e cinco guardanapos,
Dois vintens em cada ponta».

«Sim, senhor, *destrincharei*
Conforme me parecer:
Doze patacas e meia
Quatro mil réis vem a ser».

Essas funcções variam, como nos outros Estados, segundo as tres divisões apontadas por Sylvio e egualmente existentes no Ceará: as de *praieiros*, *matutos* e *sertanejos*.

O sertanejo, segundo o typo descripto por Julio Monteiro, usa vestuario de algodão, chapéo de palha ou de couro e *alpracatas*. O vaqueiro usa *véstia* de couro, excepção dos habitantes dos povoados, que trazem *gibão* de lona. O pescador traz blusa de algodão, ou camisa de meia, e *carapuça*, como os seringueiros do Amazonas.

Na vida domestica constituem comidas e bebidas genuinamente cearenses: o *pirão*, a *farofa*, a *paçoca*, o *Cús-cús*, a *canjica*, o *mucunzá*, a *pamonha*, o *xerem*, a *pipóca*, a *batida*, o *aljinin*, o *aluá*, a *garapa*, o *canim*, a *gengibirra* e a *manduréba* (cachaça).

Outros traços carateristicos assignalam ainda a originalidade de vida do cearense.



II

Existe ainda, e reside actualmente na cidade de Fortaleza, o velho poeta Juvenal Galeno, cantor das *Canções Populares* e iniciador, desde 1859, dos estudos do folke-lore nacional.

O estimado vate nos conta como se deixou impressionar pelas cantigas do povo, acompanhando-o e vendo-o ao trabalho, de *enxada ao hombro e de cachimbo ao queixo*, ou entregue ás aventuras do mar, na fragil jangada em que vae o pescador buscar o pão para a familia e volta cantando ao doce embalo das ondas.

«Minha jangada de vela,»
Que vento queres levar?
De dia, vento de terra,
De noite, vento do mar!

Mergulhou nos sertões, ouvindo os gemidos da rez, os sons tristes e melódiosos que os rapazelhos arrancavam das suas gaitas; os tan-

gedores e os vaqueiros historiando as suas aventuras.

«Então — diz o poeta — com o pequeno lavrador saudei a abundancia das colheitas, com o *criador* o augmento e boa venda do gado, e com o artesano a prosperidade de sua arte ou industria; e com todos elles lamentei as seccas, as epidemias, as perseguições policiaes que lhes obstavam o trabalho, e profligui os onerosos tributos que pagavam».

Ante o espectaculo da familia, que constitue o primeiro culto do cearense, enterneceu-se a alma do poeta, ao vêr a creança crescendo sem aprender a ler, a rapariga deshonorada pelo filho do rico proprietario, o escravo que fugira dos seus oppressores, a narração da *velha* que contava ao serão as proezas do *caipora* ou as *endemoniações* do *sacy*, em noites de sexta-feira.

«Nas horas da prece — diz com verdadeira eloquencia a musa de Galeno — todos ajoelhados ante o pequeno registro, pendurado á forquilha da choça, entoavam seus hymnos de verdadeira unção, rogando a Deus o perdão de suas culpas; e aquellas preces assim entoadas, sob quatro palhas, á luz de uma candeia, fallavam mais ao coração do que os cantarès que nas grandes festas resoam nos sumptuosos templos, onde por entre o ouro, a ostentação e o apparatus, reina muita vez a hypocrisia!»

Não pretendo deixar aqui mais que uma simples noticia ácerca das producções da musa popular cearense, que se me afigura a mais rica e a mais original do Brasil, justamente pela falta, que deixei apontada em artigo anterior, da integração dos tres factores ethnicos da nossa nacionalidade, e pelo esquecimento das tradições lusitanas, decorrente das contínuas renovações da população da terra, de longa data flagellada pelas seccas, pelas epidemias e pela fome.

E' tempo de citar algumas producções da sua musa inspirada:

A paixão da mulatinha
E' como a pomba ferida:
Nos ares perdendo o sangue,
Na terra acabando a vida !

Si eu fosse pôdre de rico,
Não morava lá no matto:
Morava, mais a *Lórina*,
Ali, na rua do Crato.

Inda depois de enterrado
Debaixo do frio chão,
Verás teu nome gravado
Dentro do meu coração !

Quando o mundo se *acabá*,
Que não *tivé* mais ninguem,
Vaê na minha *sepultura*,
Que ainda te quero bem !

Ai, menina, pede a Deus
O que eu peço a S. Vicente:
Que Deus nos junte a *nois* dois
Numa casinha sem gente!...

Me *atrepei* na bananeira,
Me enrolei com o *mangará*:
Comi banana madura
Até a gata *miá*!

Quando eu vim da minha terra,
Minha mãe recommendou:
«Meu *fio*, tu nunca apanhes,
Que teu pae nunca apanhou!»

Eu vi a morte pescando
Nas aguas do Giquiá:
Quando a morte pesca peixe,
Vejam que fome não ha!

Segundo uma crença popular, o gallo beliscará as pessoas que fôrem com roupa velha á missa do Natal. Essa crendice deu logar aos seguintes versos de um trovador inculto:

Começa o sino a *tocá*;
Grita um menino *em pleja*:
— O gallo hoje na igreja
Tem *gente* que *penicá*!
Apromptou a roupa nova
Mariquinha Quixadá;
Diz Rufino *Papa-ova*
Morador no Camará:
«O gallo, o anno passado,
Penicou tambem por cá!»

Amei-te enquanto me amaste,
Quiz-te enquanto me quizeste,
Tu me deixaste, eu deixei-te,
Fiz o que tu me fizeste !

Não te lembres do passado,
Que o passado já passou...
Só *te lembres* do futuro
Qu'inda não principiou !

Antonio da Piraóca,
Raymundo do Lagamar
Eu *louvo* junto á viola
No céu, na terra e no mar !

Não é preciso muito mais para dar, embora pallidamente, os traços característicos da alma cearense e da vida vivida na formosa terra de Paula Ney, o saudoso companheiro de quem venho encontrar um soneto que me cáe do céu, como fecho de ouro para estas linhas insipidas:

«Ao longe, em brancas praias embalada
Pelas ondas azues dos verdes mares,
A Fortaleza, a loira desposada
Do sol, dormita á sombra dos palmares,

Loira de sol e branca de luares.
Como uma hostia de luz crystalizada,
Entre verbenas e jasmíns pousada
Na brancura de mysticos altares.

Na solidão de vastos mattagaes...
Ha pipillos de amor em cada ninho
Lá canta em cada ramo um passarinho,

E' minha terra! A terra de Iracema,
O decantado e esplendido poema
De alegria e belleza universaes !»

Feliz e abençoada terra que possuiu tal filho
para cantar a sua belleza e o seu amor!

E' a segunda vez que os meus olhos se alongam da amurada de um navio para contemplar, toda branca e resplendente no fulgor da manhã, a patria da jandaia e dos cajueiros, a que um rasgo de generosidade e de civismo de seu povo fez valer um dia a antonomásia sonora e quasi heroica de *Terra da Luz*.

E' *Fortaleza* que tenho deante de mim neste momento, alva, languida e preguiçosa sob as caricias do sol, estendendo-se ao longo do littoral cheio de marulho e de espuma, como uma linda garça que se sentisse meigamente envolvida pelas ondas azues de um lago encantado.

O desembarque é difficil e perigoso, mesmo depois da construcção da ponte, tal a impetuosidade daquelles mares que a todo o momento se encapellam de espumas, rebentando de encontro á praia as suas furias de epileptico.

Ficou-me, da primeira vez que o arrotei, uma impressão invencível, de medo. E' por isso que consigo reprimir o desejo de saltar e de abraçar os amigos, deixando-me ficar na amurada de bordo, de onde contemplo saudoso o mais bello trecho da costa brasileira. A imaginação transmonta nesse momento ao passado colonial, para recordar que essa linda cidade de 60.000 habitantes, capital hoje de uma terra amoravel e tão ardentemente amada dos seus naturaes, é o mesmo trecho do sólo brasileiro que parecia impossivel de povoar, ha cerca de quatrocentos annos atrás, no tempo das primeiras tentativas do infeliz donatario da capitania, Antonio Cardoso de Barros.

Só em 1603, com a partida de Pero Coelho, da Parahyba, em demanda das margens do Jaguaribe, começou o povoamento do sólo cearense, obtido em pequena parte, á custa de immensos sacrificios continuados pelos jesuitas, e só levado a cabo, alguns annos mais tarde, por Martins Soares Moreno, auxiliado por Jacaúna.

Foi esse berço de heróes e de patriotas illustres que em 1817 sacrificou á liberdade a vida de seus filhos mais queridos, paladinos da Republica, dentre os quaes avulta a figura luminosa de Antonio Henriques Rabello; e que, em 25 de março de 1884, antecipou-se a todas as demais provincias do Brasil, lavando-se para sempre da mancha da escravidão...

Terra da luz!

De Antonio Henriques diz o major José Domingues Codeceira, na pag. 53 dos *Precursores da Republica*:

«O asylo de Antonio Henriques foi descoberto. Tendo sido o mais fervoroso dos republicanos, devia ser o primeiro immolado. Na presença do tribunal elle não mudou de côr, não se defendeu; gloriou-se dos seus feitos, confessou claramente os seus principios e desafiou a morte.

Sua intrepidez espantou os juizes; sua constancia e serenidade no cadafalso enterneceu o mesmo algoz, preto encanecido no ludibrioso officio: antes de estreitar a corda ao pescoço, pedia ao padecente mil perdões; aquelle amorosamente o abraçava, e penetrado de enthusiasmo, exclamava pela ultima vez: — Viva a Patria!

Sua cabeça mutilada foi exposta na ponte do Recife e ahi consumida pelo tempo».

Morreu tambem, ignobilmente assassinado nas margens do Jaguaribe, o grande patriota Tristão de Alencar Araripe, o mais empenhado defensor da Republica nas plagas do Ceará.

Tristão de Alencar Araripe, irmão de José Martiniano de Alencar, o velho, era tenente-coronel e, foi como militar e patriota que inscreveu seu nome entre os dois mais illustres precursores da Republica, que chegou a proclamar na villa do Crato, em 1817.

Dessa data até 1822 esteve encarcerado no Recife e na Bahia, sendo, afinal, indultado.

Em 1824 foi um dos heróes da celebre *Confederação do Equador*, proclamando a República na cidade da Fortaleza, no dia 26 de maio.

Em 31 de outubro foi o heróe assassinado nas margens do Jaguaribe pelas forças imperialistas de Manoel Antonio de Amorim e Manoel da Cunha Pereira, que de maneira vil e torpe se infamaram naquella occasião, mutilando o cadaver do grande patriota.

Por muitos outros vultos illustres que pereceram em defeza da liberdade, tornou-se ainda o Ceará benemerito da grande causa e digno por todos os titulos da gratidão nacional.

E' longa a lista de seus filhos, martyres da democracia.

Terra da luz!

*

*

*

Fortaleza é hoje uma cidade de cerca de 60.000 almas (56 mil, segundo as ultimas estatisticas officiaes) seguida logo de perto em adiantamento e densidade de população por Sobral (40 mil), Baturité (35 mil) e Crato (com 30 mil habitantes).

Cidade moderna, com ruas amplas e interminaveis, cortadas invariavelmente em angulo

recto; offerecendo á vista o espectáculo encantador de algumas praças arborizadas e bem cuidadas; dá uma impressão agradabilissima de asseio, de conforto e de bons costumes, como difficilmente se poderá receber em qualquer outra cidade do Brasil. Ahi está o *Passeio Publico*, recentemente reconstruido; ahi estão as praças *Sete de Setembro*, *Caio Prado* e *Accioly*, pontos de extraordinaria frequencia, percorridos em noites de retreta por quasi toda a população, homens, mulheres e creanças, que vão pedir aos jardins e ás avenidas illuminadas o refrigerio das brisas que por alli circulam em liberdade.

Ha varias linhas de bondes, e o ponto inicial é uma das praças onde existe um *café*, o mais movimentado de todo o norte, até S. Luiz.

Dahi me foi dado assistir aos folguedos do Carnaval, durante tres dias seguidos em que tive ensejo de admirar a graça, a gentileza e a distincção da mulher cearense, em todas essas qualidades muito approximada, por certo, das suas irmãs cariocas.

A vida intellectual da Fortaleza já não tem a intensidade de outr'ora. Ainda assim, não desanimam alguns cultores das lettras e, entre outros órgãos de publicidade, destaca-se o *Republica*, em que apparecem ás vezes alguns trabalhos de incontestavel valor. Ha grande numero de escolas na cidade, avultando dentre os

principaes estabelecimentos de ensino o Instituto de Humanidades, a cargo de um educador competente, o sr. Joaquim da Costa Nogueira. Interessante sob todos os aspectos é o *Anno Escolar*, revista desse instituto, destinada á leitura dos seus alumnos.

Tenho em mãos o numero correspondente ao anno de 1908, de que destaco, dentre outras, a seguinte curiosidade geographica, extrahida da pagina 186:

«Quem prestar muita attenção
Nas quadras infra, verá
A capital e as cidades
Do Estado do Ceará:

Fortaleza, S. Bernardo,
Crato, Quixeramobim,
Limoeiro, Cascavel,
Iguatú, Granja, Jardim,

Milagres, Sobral, Sant'Anna,
Maranguape, Acarahú,
Lavras, Senador Pompeu,
Pereiro, Viçosa, Ipú,

Pacatuba, Camocim,
Aracaty, Redempção,
Barbalha, Icó, Quixadá,
Baturité, União».

Quixadá é a cidade dos açudes, obra monumental e por demais luxuosa, em desaccordo flagrante com a pobreza da terra e o fim a que

é destinada. Não me foi dado emprehender a viagem, feita em caminho de ferro, com todos os encantos descriptos pela penna do dr. José Lino da Justa, coração de patriota sempre apaixonado e encantado por todas as bellezas da terra natal.

O percurso é longo e fatigante, apesar da variedade da paizagem; a temperatura escaldante do mez de março, em que já começa a se fazer sentir o flagello da secca, fez-me desistir do proposito.

Mondubim, com a sua clara lagôa adormecida, Maracanhú, a cordilheira de Maranguape, Monguba, Arataúba, Pacatuba, Guayuba, Acarape, Itapahy, Cannafistula, Aracoyaba e Baturité são os trechos intermediarios de Fortaleza e Quixadá. Creio que essa penosa excursão foi um dos passeios do dr. Affonso Pena quando por ahi andou, ha cerca de dois annos.

*

* *

Outra curiosidade que encontro no *Anno Escolar* do Instituto de Humanidades é o *Hymno do Ceará*, letra de Thomaz Lopes e musica de Alberto Nepomuceno, cantados pela primeira vez em 31 de maio de 1903, quando se celebrou o terceiro centenario da chegada ao Ceará de Pero Coelho, seu primeiro colonizador.

Espero, porém, que desaparecerá em breve das paginas do *Anno Escolar* o lamentavel equivoco que alli inscreveu o nome do poeta da *Delenga Carthago* como auctor daquella moxinifada patriotica, sem arte, sem grammatica e sem bom senso, que é a letra do nosso hymno: *seja um pallio de luz desdobrado*, etc., etc., etc.

Na terra de Paula Ney ninguem tem o direito de fazer dessas confusões...

Só o gosto litterario de Aristides Lobo poderia ter dotado a Republica com aquella vergonheira, tão lamentavelmente escripta em Cas-sange que até parece o hymno do Congo!

E' preciso dar aquillo a emendar, para que não se diga do Brasil que até os seus poetas são analphabetos. A pobreza franciscaña da inspiração casa admiravelmente com a indigencia da fórmula: é preciso dar um geito áquella miseria!

*
* *

Outro facto que chegaria para justificar o titulo de *Terra da Luz*, conferido ao Ceará por ter sido essa a provincia brasileira em que primeiro raiou a liberdade, é o de haver existido nella um orgão de opinião desde os primeiros annos da nossa emancipação politica.

Em 1 de abril de 1824 foi publicado o pri-

meiro numero do *Diario do Governo do Ceará*, seguindo-se-lhe, segundo o Catalogo Studart, o *Cearense*, em 1825, o *Diario Cearense*, a *Gazeta* e o *Diario do Conselho Geral*, em 1829.

Alguns trouxeram depois denominações extravagantes, como: a *Sentinella Cearense na Ponta do Mucuripe* (1838), o *Bumba-meu-boi* (1840), o *Gaspar da Terra* (1860) e *A Camphora* (1862).

Fecho, porém, o *Anno Escolar* que estava aberto deante de mim. Os companheiros regresam de terra e o vapor prepara-se para sahir. Correm os escaleres na faina de transportar passageiros.

Longe, no dorso agitado das vagas, passa a jangada da terra de Iracema, a jangada heroica e briosa que proclamou um dia a liberdade do negro.

Salvè, Terra da luz!

Phenix Caixeiral

Merece especial referencia esta associação de empregados no commercio, fundada em 24 de Junho de 1892, na cidade de Fortaleza, por iniciativa dos snrs. Heraclito Domingues, Cesar Silva, Raymundo Cabral, Januario Fernandes, Miguel Teixeira da Costa Sobrinho e Bemvindo Alves Pereira. Contra a geral expectativa, e talvez mesmo contra a dos proprios fundadores dessa instituição, logrou a *Phenix Caixerai* uma tão rapida prosperidade, que se acha funcionando em elegante palacete de sua propriedade e conta já cerca de mil associados. Mantem uma excellente bibliotheca e proporciona a instrução, tanto intellectual como physica, por meio de aulas theoricas e praticas de sciencias, linguas, musica, gymnastica, tiro ao alvo, etc.

Os diplomas e certificados de habilitação conferidos pela Phenix são geralmente acceitos no Commercio.

A alma da *Phenix*, o principal propugnador do progresso dessa utilissima instituição, tem sido o seu benemerito presidente, sr. José Perdigão Bastos, da importante firma João da Costa Bastos & Filhos.





Juvenal Galeno

Juvenal Galeno

Das «*Lendas e Canções Populares*», de Juvenal Galeno, transcrevo abaixo tres das melhores canções: as que se intitulam *Cajueiro Pequeno*, *Mysterio do Mar* e *Cantiga Triste*. São das melhores do livro e espelham, mais que qualquer outra, os traços mais vivos e mais característicos da alma cearense. Transcrevendo essas produções do velho poeta da Porangaba, rendo nova e especial homenagem á terra e ao povo mais genuinamente brasileiros que tenho conhecido.

I

CAJUEIRO PEQUENINO

Cajueiro pequenino
Carregadinho de flor,
A' sombra das tuas folhas
Venho cantar meu amor,
Acompanhado sómente
Da brisa pelo rumor,
Cajueiro pequenino
Carregadinho de flor.

Tu és um sonho querido
De minha vida infantil,
Desde esse dia... eu me lembro,
Era uma aurora de abril,
Por entre verdes hervinhas
Nasceste todo gentil,
Cajueiro pequenino,
Meu lindo sonho infantil.

Que prazer quando encontrei-te
Nascendo junto ao meu lar!
— Este é meu, este defendo,
Ninguém m'o venha arrancar!
Bradei, e logo cuidadoso,
Contente fui te alimpar,
Cajueiro pequenino,
Meu companheiro do lar!

Cresceste... se eu te faltasse,
Que de ti seria, irmão?
Afogado nestes mattos,
Morto á sede no verão...
Tu que foste sempre enfermo
Aqui neste ingrato chão!
Cajueiro pequenino,
Que de ti seria, irmão?

Cresceste... crescemos ambos,
Nossa amizade tambem;
Eras tu o meu enlevo,
O meu affecto o teu bem;
Se tu soffrias... eu, triste,
Chorava como... ninguem!
Cajueiro pequenino,
Por mim soffrias tambem!

Quando em casa me batiam,
Contava-te o meu penar;
Tu calado me escutavas
Pois não podias fallar;
Mas no teu semblante amigo
Mostravas grande pezar,
Cajueiro pequenino,
Nas horas do meu penar!

Após as dôres, me vias
Brincando ledó e feliz
O *tempo-será* e outros
Brinquedos que eu tanto quíz!
Depois, scismando a teu lado
Em muito verso que fiz...
Cajueiro pequenino
Me vias brincar feliz!

Mas um dia... me ausentaram...
Fui obrigado, parti!
Chorando beijei-te as folhas...
Quanta saudade senti!
Fui-me longe, muitos annos
Ausente pensei em ti,
Cajueiro pequenino,
Quando obrigado parti!

Agora volto, e te encontro,
Carregadinho de flor!
Mas ainda tão pequeno,
Com muito matto ao redor...
Coitadinho, não crescestes
Por falta do meu amor,
Cajueiro pequenino
Carregadinho de flor,

II

MYSTERIO DO MAR

— Jangadeiro, jangadeiro,
Que fazes cantando assim,
Embalado pelas vagas
No seio do mar sem fim ?

E o jangadeiro nas ondas
Cantava triste canção;
Solto o remo, presa a vela
De sua jangada então.

— «Ai de quem amou na vida,
«Ai de quem sentiu amor...
«Ai de quem sonhou constante
«Um peito falso, traidor !

E o jangadeiro cantava
No frio leito do mar,
Ao murmúrio da brisa,
Das vagas ao soluçar !

— «Amei-a com doce extremo,
«Com firmeza e devoção...
«Tê que um dia o seu desprezo
«Esmagou-me o coração...»

E o jangadeiro cantava...
Era noite de luar;
Ao longe, na choça, a festa...
Gemidos, prantos no mar...

Ao longe, ao som da viola,
Mais se animava a função,
Que Maria, a flor da praia,
Era noiva... dera a mão!

E o jangadeiro chorando,
Cantava triste a gemer...
Deserta a praia... e na choça
O riso, a festa, o prazer...

No outro dia... á luz da aurora,
Na areia viu-se encalhar
O corpo do jangadeiro
Que a onda trouxe do mar!

E a jangadinha sem vela,
Sem remo, veio também...
Ah! Como morrera o triste
Ninguém o soube... ninguém!

Desde esse dia, nas ondas
Quando a noite é de luar,
Vê-se ao longe a jangadinha
Por sobre a face do mar...

E o jangadeiro cantando
A sua triste canção...
Embalado pelas ondas,
Ao gemer da viração...

E a pobre gente da praia
Chora ouvindo esse cantar;
Mais triste suspira a brisa,
Soluça a vaga do mar!

III

CANTIGA TRISTE

Topei um dia de inverno
Nas terras do padecer;
Meus olhos desde a alvorada
No rosto pranto a chover!

Suspira triste e sentida
A brisa do coração,
Da minha vida nos céos
Negrumes da cerração.

Troveja meu rouco peito
No mais penoso gemer,
Minh'alma toda estremece,
Sinto minha alma tremer.

.....
Ai, quem me salva da chuva,
Que já meu rosto inundou,
Ai, quem me salva da cheia
Que já meu riso afogou?

Nos ares perdi meus gritos!
Ninguém me salva, ninguém!
Quem padecer, tenha pena
De quem padece também!

Auctores Cearenses

São muitos os cultores das letras na terra de Alencar, onde se tornou conhecida a associação que teve por titulo *Padaria Espiritual*. Não é possível citar todos; limito-me a referir os que estão mais em evidencia:

Rodolpho Theophilo. — Naturalista e auctor de varios romances. Suas obras principaes são: *Os Brilhan-tes*, *A Fome*, *Maria Rita*, *O Paróara*, *Seccas do Ceard*, *Botanica*, etc.

Farias Brito. — E' philosopho e jurista. Tem como obra principal *Finalidade do Mundo*.

Antonio Bezerra. — Naturalista e historiographo. Não poossuo nenhum dos seus trabalhos.

Barão de Studart. — Historiographo distincto, muito afeiçoado ao estudo dos assumptos cearenses.

João Brigido. — Historiographo.

João Perdigão. — Idem.

Poetas. — Antonio Salles, Americo Facó, Virgilio e Bruno Barbosa, e Antonio de Castro.

Jornalistas. — Waldemiro Cavalcante, H. Firnuosa, Godofredo Maciel e Justiniano Serpa (deputado do Pará).

Papi Junior. — Romancista, auctor d'*Os Simas*.

José Carvalho. — Novellista, auctor dos *Perfis Sertanejos*.

Resposta necessaria

Ao jornal «Unitario»

Distinguindo-me com alguns conceitos bastante lisongeiros, que não soube, no entanto, expender quando me achei em visita á sua terra, onde não faltei aos deveres da gentileza, levando-lhe, pelo contrario, pessoalmente, as minhas saudações de hospede e confrade, entendeu o *Unitario*, da Fortaleza, rebater algumas asserções historicas do artigo que publiquei no *Correio da Manhã* de 8 de Junho do corrente anno, ácerca do Ceará.

Vejamos a procedencia desses reparos:

«*Largando o cinzel, com que poz em relevo os esplendores da nossa natureza, o eximio artista da palavra foi menos feliz entrando pelos paramos das nossas antiguidades, á procura de verdades que nobilitassem o nome cearense*». E accusa-me em seguida:

1.º De ter attribuido Antonio Henriques Ra-

bello. o «heróe parahybano», ao Ceará; 2.º de ter dito de Tristão que foi um *militar*, aliás não tendo elle passado de *simples tenente coronel nominal ou de commissão*; 3.º de ter dado Pedro Coelho como primeiro colonizador do Ceará e das suas terras do littoral, *quando a elle nem as honras cabem de tel-as descoberto*.

Respondo:

1.º Apezar de toda a auctoridade que pretende exhibir o órgão opposicionista do Ceará em assumpto de historia da sua terra, estou perfeitamente convencido de que não errei, nem commetti nenhuma heresia attribuindo Antonio Henriques Rabello ao Ceará. Com effeito, sob o titulo *Patriotas cearenses*, encontrará o meu contradictor, na pag. 341 da Revista Escolar do Instituto de Humanidades da Fortaleza, de 1908, um trabalho do emerito publicista Antonio Bezerra de Menezes que, além de implicitamente incluír o heróe naquelle titulo generico do seu artigo, diz, clara e insophismavelmente, logo na pagina seguinte.

«Entre os compromettidos na tentativa de republica em 1817. apparece como primeiro immolado ás iras do Conde de Arcos o **cearense Antonio Henriques Rabello**, etc».

Se abrir o redactor do *Unitario* o, livro dos *Martyres Pernambucanos*, do padre Joaquim Dias Martins, encontrará tambem na pag. 333,

acompanhando o nome de Antonio Henriques Rabello, a seguinte rubrica: «*cearense* de 1817».

E' possivel que ambos estejam errados; mas nem assim caberá razão á folha cearense para me accusar do feio crime de haver falsificado a verdade historica da sua terra.

2.º O facto não tem a menor importancia e pouco interessa saber se Tristão foi, ou não, militar de carreira ou de *commissão*. E' certo que elle tem o posto de tenente coronel, como é certissimo tambem que foi commandante do 32.º batalhão. Se o facto de não haver militado nas fileiras do exercito exclúe a *gloria militar* de Aguinaldo ou de Gumercindo Saraiva, concedo razão ao redactor do *Unitario*; de outro modo é forçoso convir que sua observação não passa de impertinencia e paspalhice.

3.º Está lamentavelmente equivocado o redactor do *Unitario*. Não era preciso que *Pedro Coelho* tivesse sido *descobridor* de terras, para povoal-as. Foi, de facto, esse mesmo Pedro Coelho o primeiro colonizador do Ceará e das margens do Jaguaribe, onde fundou o fortim de S. Lourenço, sendo a sua obra continuada por Francisco Pinto, Antonio Figueira e Martim Soares Moreno, este ultimo ajudado por Jacaúna; já estando nessa época fundados os aldeamentos de *Ceará*, *Porangaba*, *Paupina* e *Caucaia*.

Causa riso, portanto, o tom dogmatico com que o redactor do *Unitario* põe tudo isso por terra, para affirmar cathedricamente que *andei sempre erradio, tacteando a historia do Ceará, e que o povoamento deste começou pelo sul, no periodo da invasão hollandeza (!)*

Os Hollandezes chegaram pela primeira vez ao Brasil em 1624, e já 21 annos antes estava colonisada a terra de Iracema. Basta um facto para avivar a memoria do historiador do *Unitario*: o de se ter festejado no dia 31 de Julho de 1903, em todo o estado do Ceará, o tricentenario dos seus primeiros colonisadores. O dia 31 de Julho de 1603 foi justamente o da chegada de Pero Coelho às plagas cearenses !

Leia-se ainda a respeito o que diz o illustre escriptor pernambucano Alfredo de Carvalho.

Apezar da affirmação previa que puz no introito deste livro, ácerca da superficialidade das minhas observações, fica-me, ainda assim, a consoladora certeza de não haver desconhecido a historia do Ceará, que alguns dos seus proprios filhos ignoram de modo lamentavel...





ПАРАHYBA



ESTADO DA PARAHYBA

LIMITES: — Ao norte, o Rio Grande do Norte; a leste, o Atlantico; ao sul, Pernambuco; a oeste, o Ceará.

COMMERCIO. — Algodão, assucar e côcos.

GOVERNO. — Os tres poderes.

DIVISÃO MUNICIPAL. — Em 36 municipios.

CAPITAL. — Parahyba, com 16 mil habitantes, velha cidade colonial, bastante atrasada, a 1194 milhas do Rio de Janeiro e a 70 de Pernambuco.

CIDADES PRINCIPAES. — Itaboiana, Mamanguape, Arêa, Bananeiras, Campina Grande e Cajazeiras.

ESTRADA DE FERRO. — A *Conde d'Eu*, de Cabedello, com 2 ramaes: um para o Pilar e outro para Alagôa Grande. Liga Cabedello á capital.

REPRESENTAÇÃO FEDERAL. — Cinco deputados e tres senadores.

GOVERNADOR ACTUAL. — Monsenhor Walfredo Leal.

Na Capital

Chego, enfim, ao porto de Cabedello, onde por longas horas estaciono deante da sua fortaleza desmantelada — reliquia do passado que ainda me faz evocar o heroismo da resistencia indigena contra a invasão hollandeza. E' preciso esperar algumas horas a lancha que me ha de levar á Parahyba, porque a prepotencia da mais exigente das companhias brasileiras impõe á nossa resignação esse percurso moroso e incommodo de cento e vinte minutos, quando no curto espaço de meia hora é facilmente vencida a viagem pelos trens da linha ferrea que liga o povoado de Cabedello á capital.

Parahyba é uma velha cidade de 30.000 habitantes, approximadamente, sem physionomia original, nem traço caracteristico ou saliente que a distinga. Não resiste ao cotêjo com os grandes centros, nem mesmo com outros de pe-

quena importancia, como a Fortaleza, indubitavelmente a perola do littoral do Norte, desde o Pará até Pernambuco.

O Estado vive da industria do gado e da exportação de alguns productos, como o algodão e a canna de assucar. E' um dos raros Estados da União que nada devem, tendo conseguido a economia de monsenhor Walfredo Leal, seu actual governador, juntar no Thesouro quantia em saldo superior a seiscentos contos de réis. A quem quer conhecer as condições das finanças estaduaes, tira elle da algibeira os balanços e contas que lhe andam sempre á mão. Por esse facto chamou-lhe o presidente da Republica «*uma excellente dona de casa*».

Na capital vegeta uma população indolente, buscando com difficuldade a manutenção da vida, que mal consegue arrastar por um clima de brazas, raramente abrandado por uma temperatura de menos de 30 grãos.

Um pequeno grupo apenas faz vida intellectual, fóra do meio burguez e da existencia inconsciente do resto da população. E' desse grupo que terei de dizer alguma coisa nestas linhas sinceras, traductoras de quanto pude vêr e ouvir na minha rapida passagem pela terra dos coqueirae, das patativas e do senador Coelho Lisboa.

Os homens de sciencia do Brasil não se conhecem — affirmei, ainda ha pouco, ao fallar

de Pernambuco. O Norte, principalmente, é quasi ignorado no Sul, onde mal se lê, por mera curiosidade, o que produzem os mestres da palavra, cuja obra só consegue o successo chamado de *estima*, ou a notoridade imposta quasi sempre pela reclame a um certo *snobismo* de uma sociedade burgueza que forceja em vão por parecer educada. Só da rua do Ouvidor ou dos prelos do Garnier sãe a investidura do generalato das lettras com que pavoneiam de genios algumas gralhas da Academia.

O Norte contribue, no emtanto, com o maior contingente de homens de talento, e são quasi todos filhos dessas plagas os que a sciencia ou a litteratura tem feito acclamar entre os seus eleitos: Ruy Barbosa, Coelho Netto, Raymundo Corrêa, Arthur e Aluizio Azevedo, Sylvio Romero, Arthur Orlando, João Ribeiro, Adelino Fontoura, Clovis Bevilacqua... dois terços, pelo menos, dos poetas e prosadores de valor que possuimos, viram a luz do berço longe da capital do paiz. E' ainda nessa atmospheria longinqua que se vão emplumando neste momento as futuras aguias da poesia.

Fóra dahi pouco mais vejo.

Quaes os novos talentos apparecidos no Rio, como esperanza de successão aos que pontificam nas lettras desde vinte annos atraz?

Duas figuras de destaque surgiram inopinadamente, cercadas de desmesurado fulgor: Eu-

clydes da Cunha e Nuno de Andrade; mas ninguém ousará proclamar *novos* os dois peregrinos talentos que outros misteres da vida conseguiram incubar para as lettras, roubando-os por tanto tempo ao cultivo da arte.

Um moço, que parecia ser uma bella promessa — o auctor dos *Religiões no Rio* — arrefeceu em pouco, como um producto artificial dessa reclame que só consegue momentaneamente guindar á evidencia os *Cabotins* da litteratura ou da arte, atacados do incuravel morbus da autolatria.

Que nos resta, com effeito, do impenitente imitador de Oscar Wilde, do insigne plagiador das *Petites Religions de Paris*? Resta a simples propaganda regional — desdobramento do elogio mutuo dos grandes centros, exercido agora por um comparsa da mesma folha, que faz actualmente conferencias em Manáos, para convencer os seringueiros do Acre de que na Capital Federal só ha um homem que sabe vestir: o sr. João do Rio; como só ha um homem que sabe comer: o sr. João do Rio; e um homem apenas que sabe usar pulseiras: o sr. João do Rio!

E' com esse estofo indecoroso que se tecem as novãs corôas de immortalidade para os genios *de aquem e de além Acre*, que, entalados entre os môstradores de escandalo dos dois jornaes em que escrevem, conseguem fazer com

vantagem a mais desleal das concurrencias ao homem *sandwich* da *reclame* parisiense!

Emquanto assim triumphava a velhacaria dessa mystificação, lucha com o anonymato uma pleiade de espiritos de *élite* que não conseguem romper os limites regionaes dos Estados, pela hostilidade surda que lhes movem os genios jornalisticos da capital, recusando-se calculadamente a transcrever os seus trabalhos.

Tive, não ha muito, occasião de fallar de um escriptor de raça — Alfredo de Carvalho — que ao lado de outros, perlustra com brilho as lettras pernambucanas. Antes de me referir aos jornalistas de pulso que encontrei no Pará, quero tratar aqui de um poeta de valor do pequenino e quasi esquecido Estado da Parahyba:

Raul Machado — um joven de 18 annos apenas — afigura-se-me, sem o menor exaggero, digno successor do poeta da *Via-Lactea*, pela maestria com que já começa a trabalhar o soneto. Não é difficil documentar a asserção.

Ahi vão, ao acaso, algumas amostras do precioso e já rútilo escriptorio do escriptor:

NA PRAIA

«Só, do acerbo pungir desta saudade cheio,
Sem ti, sem teu sorriso ameno, de luar,
Sinto uma ancia infinita, um infinito anceio,
Um desejo incontido e amargo de chorar!

E na febre de vêr-te e apertar-te ao meu seio,
Muitas vezes até me surges ao olhar,
Como Venus surgiu, toda núa, no meio
Das espumas em flôr da agua verde do mar.

Bem vês: não posso mais! Esta ausencia me cansa!
— E' minh'alma quem pede, é minh'alma quem diz:
«Vem! Não tardes em vir! Apressa o passo, avança,
Vem povoar com o teu riso os meus dias desertos
E deixar-me sonhar um momento, feliz,
Na alva cruz de marfim dos teus braços abertos!»

Ha na Academia mais de um poeta incapaz
de produzir obra igual. A escolha de um delles,
realizada em recente e escandalosa eleição, com
prejuizo da candidatura de Domingos Olympio,
repercutiu dolorosamente em todo o Norte, onde
unanime e decidida foi a reprovação manifes-
tada a esse acto de desvelado filhotismo acade-
mico que fez *immortal* o auctor de um simples
livrinho de baboseiras rimadas.

E' nisso que se occupa o cenaculo dos im-
mortaes!

Tarde ou cedo ha de vir a pensãosinha em
que o Medeiros já tem o olho fixo...

E' só achar quem queira apresentar o pro-
jecto...

Voltemos, porém, ao poeta de que me occu-
pava, que com isso has de lucrar um pouco
mais, amavel leitor. Ahi vae outra amostra das
produccões desse joven que já se revela, a par

de um artista paciente do verso, um escrupuloso cultor da lingua, com o censo esthetico da phrase e o conhecimento justo do valor das palavras, principalmente do adjectivo, desse adjectivo que anda por ahi tratado aos ponta-pés, victima de todas as irreverencias dos snrs. poetas, novos ou velhos, candidatos, ou não, á Academia de Letras.

Admire ainda o leitor:

LAGRIMAS DE CÊRA

«Quando Alice morreu choravam tanto!
Chovia tanto nessa madrugada!
— Era o pranto dos seus casado ao pranto
Da Natureza — mãe desconsolada.

Quando Alice morreu sentiram tanto,
Que ella foi, nivea, pallida, gelada,
Num caixão de velludo ao campo santo
Entre beijos e lagrimas levada.

Ai! Não crêdes, bem sei, porque não vistes!
Mas quando ella morreu, chorava tudo;
E até dois cirios languidos e tristes

Accendidos na sua cabeceira,
Iam chorando no seu pranto mudo
Um rosario de lagrimas de cêra...»

Parecem versos de um poeta e artista já consagrado pela critica, apparelhado já para a conquista da gloria, que não lhe ha de faltar; são, porém, obra de um adolescente, de um mocinho

imberbe a quem com propriedade se pôde applicar a chapa das *dezoito primaveras*... Medrou como planta rara, na acanhada estufa da Parahyba, onde médra tambem o extravagante engenho de Augusto dos Anjos, outro poeta de futuro.

Um ultimo soneto de Raul Machado servirá para fechar esta noticia e pagar-me da honrosa missão, que desde logo me impuz, de apresental-o aos leitores:

POSTHUMA

«Noite invernosa, lugubre, sombria.
Céo escuro, tristissimo, nevoento.
Relampagos, trovões, agua, invernia
E vento e chuva, e chuva e muito vento!

Abro um pouco a janella humida e fria;
Quédo a vêr e a escutar por um momento
O rugido feroz da ventania
E o rasgar dos fuzis no firmamento...

Quero vêl-a no céu... e o céu escuro!
E, sem temer que chova e o vento açoite,
Abro mais a janella... abro-a e murmuro:

— Ah! talvez acalmasse o meu tormento
Se eu pudesse chorar como esta noite,
Se eu pudesse gemer como este vento!»

Quem escreve disso aos dezoito annos, ha de fazer obra mais aceeda que o José Verissimo...

CARLOS DIAS FERNANDES. — Da Parahyba é também o formoso talento deste poeta revolucionario, auctor da *Vanitas Vanitatum*, da *Canção de Vesta*, dos *Solaus* e da *Palma de Acantho*.

Ha um estudo a fazer ácerca da individualidade desta musa bizarra que, nem por extravagante, deixa de desprender, de vez em quando, verdadeiras fagulhas de genio.

Carlos Dias Fernandes é o auctor da *Arte Nova* que tão grande celeuma levantou da critica indigena. O seguinte soneto é uma nova profissão de fé com que o poeta remata as paginas fulgurantes da *Canção de Vesta*:

URBS MEA

Ergue-te, que já vem repontando a alvorada!
 Quem trouxe o fado teu, tarde ou nunca descança.
 Eis-te na guerra, sus, alma tantalisada!
 Cavalga o teu corcel, pega na tua lança.

Recomeça de novo a intermina Cruzada,
 Põe no teu amuleto as azas da Esperança;
 Beija em face de Deus a cruz da tua espada
 E de encontro á legião dos barbaros avança!

E' um assedio! Vês: Mouros por toda parte;
 O Reyno de Aragão dos teus nobres cuidados
 Presa dos Infeis... Rompe-se o baluarte:

Entra a mourama hostile... Solta ao vento os teus brados
 E morre, proclamando o teu Symbolo d'Arte
 Na tragica invasão dos mouros derrocados!

Não resisto ao desejo de transcrever a bella invocação á Agua, que o poeta collocou como introdução ao seu novo poema *Natureza*:

Agua, esposa do Sol, virgem mãe do Universo,
Agua, pranto do céu pelo mundo disperso
Para dissedentar as plantas resequidas;
Casta Ruth maternal, que as sementes cahidas
No claro seio recolheis piedosamente,
Fazendo rebentar de cada uma semente
A planta esculptural, que hade enfeitar a terra;
Mater pulchra, emprestae-me esse condão, que encerra
O vosso corpo transparente e imperecível,
Por que o meu estro paire á flôr do vosso nivel,
Cantando a perfeição da vossa ubiquidade;
E essa piedosa e virginal maternidade
Com que vos dividis pelo Universo todo,
Das moleculas do ar ao movediço lodo,
Que aos vossos beijos se humedece e se encorpora,
Engenhando comvoseo os matizes da flora:
— Raiz e caule e folha e flôr e fructo e ramo —
Fórmãs bizarras, que estremeço e que proclamo
Vivas consummações da impeccavel belleza;
Agua, berço da vida, alma da natureza,
Caricia palatal, balsamo dos sedentos,
Liquida communhão dos varios elementos,
Patria dos leviathans, dos peixes e baleias,
Palacio de crystal das lendarias sereias;
Agua etherea, em vapor, nimbo dos horizontes,
Cataractas ao luar, branco lençol dos montes;
Nivea desolação das estepes glaciaes;
Agua thermica, suor quente dos mineraes;
O' agua baptismal, liquido sacrosanto,
Vinde cantar nos hemystichios do meu verso,
Agua, esposa do sol, virgem mãe do Universo!

Descrevendo a perseguição do *ourango-tan-go* desde o momento em que elle appareceu sobre a terra, narra Dias Fernandes como o avô da humanidade teve de recorrer a um ramo, que se partira, e de prostrar um veado por meio de uma paulada certa...

«Nasceste assim, clava dos seculos obscuros,
Que havias de ajudar os guerreiros futuros
Nessa renhida e sacrosanta defensão
Do patrio amor e da legitima razão;
Clava antiga, bordão dos nomades primeiros;
Cajado dos peões; thyrsos dos pegureiros;
Fino chuço mortal dos barbaros de outr'ora;
Haste dos pavilhões; lança conquistadora
Dos persas, dos hebreus; remo audaz dos Phenicios;
Báculo — ramos em flôr dos sagrados officios —
Emblema imperial — sceptro augusto dos reis —
Identicos irmãos, todos vós descendeis
Do galho defensor, que um medroso primata
Certa manhã, colheu num angulo da matta!»

Não é preciso mais para se ter ideia do vigor de imaginação e da riqueza de vocabulario que fazem deste auctor uma das figuras mais curiosas do nosso parnaso. E' possivel que algum dia lhe dedique um estudo especial.

The page is framed by a decorative border consisting of a grid of stylized leaves. Each leaf contains a white silhouette of a human figure with arms raised, set against a background of fine lines representing the leaf's veins. The leaves are arranged in a regular pattern, with a small gap in the center where the title is located.

As seccas

Tres são os estados que frequentemente supportam no Norte do Brasil o terrivel flagello das seccas: Ceará, Rio Grande e Parahyba. O mal estende-se tambem por vezes ao Piauihy, mas é sobre tudo no Ceará que se faz sentir o peso das grandes calamidades.

De modo diverso tem sido estudado o phenomeno, e á causa da direcção dos ventos que sopram na região, oppõe o general Beaurepaire Rohan a objecção de corresponder o *perpendicularismo* que ha ao sul do cabo de S. Roque, ao *parallelismo* dos ventos de S. E., que ha no Ceará. Joffily tira a razão das seccas da natureza e diversidade das zonas do terreno. «A catinga tem um solo secco e pedregoso, na maior parte, carecendo d'agua e de mattas, que, produzindo vapores aquosos, possam agir sobre a atmospherá; pelo que, embora seja uma zona estreita e intermedia ao littoral e brejos, seu clima muito differe d'estes, relativamente

abundantes de mattas, fontes e rios perennes, focos de constante evaporação, que lá faltam».

Do Ceará diz tambem o ex-senador Pompeu: «E factò constantemente observado que nas regiões ou tratos de terrenos mais seccos e rochosos da provincia é onde chove mais tarde e menos».

Parece que as causas devem ser mais de uma, e que as seccas não dependem tão sómente da direcção dos ventos ou da natureza do terreno, mas, no minimo, de ambos esses factores; e se é verdade, como expõe Joffily, que são as chuvas mais regulares e copiosas nas zonas cobertas de densa vegetação e regadas por fontes e riachos perennes, (como o littoral e o brejo) do que nas escalvadas, ou núas e rochosas, em que os raios solares, actuando directamente sobre o solo, profundamente o dessecam, como o sertão; é tambem evidente que os ventos perennes que sopram naquella região, espalhando os vapores da atmosphaera e impedindo as chuvas torrencias, ou demoradas, concorrem tambem de modo poderoso para seccar a terra, produzindo effeitos de maior calamidade nas zonas do sertão, não só pelas razões acima apontadas, como ainda pela ausencia de rios perennes nessa parte do solo, em que é tambem sensível o declive do terreno, dando logar a rapido escoamento para o oceano ás aguas da estação invernosa.

«Nessa epoca — diz Rodolpho Theophilo — qualquer regato parece um rio, e as correntes de maior curso e leito, como o Jaguaribe, assumem proporções de rios navegaveis. As^a aguas, porém, baixam logo que cessam as chuvas, e em meio do verão aquellas correntes caudaes, que se vão perder no oceano, e que, se por meio de barragens fossem retidas, fertilisariam a terra numa extensão de muitos mil kilometros, ficam reduzidas a tenues fios que o sol de dezembro acaba por cortar, deixando apenas no profundo leito do rio poços esparsos e escassos que servem de bebedouros aos homens e a seus rebanhos.»

Não deve haver a menor duvida sobre a influencia dos ventos constantes que sopram com furia no Ceará, encapellando os *verdes mares bravios* e açoutando e varrendo a atmospheria, de onde as chuvas rarissimamente se desprendem em rapidos lençóes de agua, que não chegam a durar o espaço de meia hora, como tive ensejo de observar.

O periodo mais calamitoso das seccas correntes foi o de 1877 a 1900, em que o flagello se manifestou por quatro vezes.

A primeira apparição, por inesperada, não deu tempo para remedios e precauções, e acarretou comsigo a ruina do commercio, da industria, da agricultura e das finanças do Ceará. A musa de Guerra Junqueiro descreveu com tra-

cos magistraes todo o inferno da fome e da sêde aberto pela terrivel catastrophie.

As cidades do littoral, principalmente a de Fortaleza, encheram-se de retirantes dos sertões, chegando só a capital a abrigar uma população adventicia calculada em mais de cem mil individuos famintos!

Uma terrivel epidemia vem completar a obra maldita, arrancando a existencia a milhares de pessoas.

O serviço da Assistencia publica era pessimo, e tudo concorreu para o desastre de 77. No anno seguinte aquelle serviço melhorou, graças á intelligente direcção do Dr. Albuquerque Barros, barão de Sobral; mas a secca prolongou-se ainda com mais vehemencia, a variola succedeu ás febres de mão character e o anno de 1878 foi o *anno terrivel* do Ceará. Segundo a affirmação de Rodólpho Theophilo, testemunha ocular de tanta desgraça, só no dia dez de dezembro pareceram *mil e quatro pessoas!*

Vem a proposito transcrever o que diz esse auctor ácerca da efficacia da vaccina:

«Temos sobejas razões e o testemunho de innumerados factos para assim nos pronunciarmos em favor da vaccinação. Entre outros basta lembrar o da Escola de Aprendizes Marinheiros, que tinha mais de cem alumnos e onde não se deu um só caso de variola, embora passassem na frente daquelle estabelecimento os ca-

daveres dos bexigosos, em grande numero e completamente expostos.

Na citada epidemia de variola, talvez a mais mortifera que registra a historia desta^a peste, e a que assistimos toda, a immuidade da vaccina salientou-se de tal maneira que os individuos mais obstinados por indole e ignorancia a tal meio prophylatico acabaram por entregar os braços á vaccinação, afim de serem preservados !

A morte de algumas pessoas vaccinadas e mesmo a de algumas que já haviam tido bexigas, uma e duas vezes, trazia o espirito dos que se suppunham immunes em desconfiança e perturbação.

A variola, póde-se dizer, matou emquanto encontrou individuos não preservados pela vaccina. Ella revestiu as fórmas mais graves e foi assim que a fórma hemorrhagica tornou-se commum e temida pela sua incurabilidade: não tivemos conhecimento de um unico caso de cura.

O terror que infundiu na população foi enorme, e mais augmentou quando o proprio palacio do governo foi invadido pelo mortifero morbus, sahindo pelas suas portas uma victima, — o cadaver da mulher do presidente da provincia.

O governo geral enviou uma commissão de medicos para tratar da *bubonica*, mas quando ella chegou apenas encontrou os destroços pela variola. De janeiro a dezembro daquelle anno,

em uma população de 124 mil almas, morreram de variola, febres, dysenteria, beriberi e outras molestias, 57.780 pessoas!!»

O flagello das seccas reproduziu-se ainda em 1888, 1898 e 1900, e foi sempre o principal obstaculo ao progresso da terra cearense, cujos filhos tem a coragem indomita e a fortaleza dos grandes conquistadores da natureza selvagem.

Foi com o seu sangue e o seu sacrificio que se povoaram por fim as florestas e os seringaes do Amazonas.





PERNAMBUCO

ESTADO DE PERNAMBUCO

LIMITES. — Ao norte, os estados do Ceará e Parahyba; a leste, o oceano atlantico; ao sul os estados de Alagoas e Bahia; a oeste, o Piauihy.

COMMERCIO. — Os principaes productos de exportação do estado são: assucar, algodão, café, aguardente e alcool.

GOVERNO. — Identico ao do Maranhão.

DIVISÃO MUNICIPAL. — E' em 59 municipios.

CAPITAL. — *Recife*, com 170 mil habitantes, banhado pelos rios Capibaribe e Beberibe; possui varios estabelecimentos importantes, faculdade de direito, theatro, etc. E' residencia de uma brilhante pleiade de escriptores. De sua imprensa, bastante adiantada, destaca-se o *Diario de Pernambuco* que é a folha mais antiga da America Latina.

E' cidade de grande movimento commercial.

ESTRADAS DE FERRO. — O estado possui 3, com 500 kilometros de trafego.

CIDADES PRINCIPAES. — Olinda, antiga capital, a meia hora do Recife; Bezerro, Cabo, Palmares, Escada, Jaboatão, Victoria, Caruarú, Limoeiro e Nazareth.

REPRESENTAÇÃO FEDERAL. — Dezesete deputados e tres senadores.

GOVERNADOR ACTUAL. — Dr. Herculano Bandeira.



Martins Junior





n memoria saudosa e querida

de

Martins Junior

Espirito sonhador de patriota e de artista,
que conseguiu reunir e espelhar toda a
generosidade e todas as energias da
alma pernambucana.



RECIFE

Acho-me agora em uma cidade verdadeiramente digna desse nome: a metropole pernambucana, vasta colmeia em que vivem para mais de 150.000 almas, distribuidas em cerca de 18.000 predios que se alastram por 245 ruas, 29 praças, 215 travessas e 67 beccos!

Quem quer que tenha compulsado os magnificos trabalhos do sr. Barbosa Vianna, paciente compilador de curiosas informações historicas, ha de pasmar, com certeza, ao vêr como este enorme e prodigioso viveiro de almas, desde a sua entrada actual até aos bairros mais afastados, foi pouco e pouco surgindo de vastissimos e profundos mangues que a enchente das marés alagava, como uma conquista feita ás aguas por meio de diques e de aterros que a mão do homem levantou.

Em 1593, por occasião da chegada de Lencaster a este porto, teria elle, quando muito,

uma centena de habitantes. Mais tarde, porém, tomando proporções extraordinárias a ilha de Antonio Vaz, graças á fecunda e sabia administração do grande Mauricio de Nassau, foi em 1709 elevada á categoria de villa a povoação do Recife, já então poderosa rival de Olinda com a qual se empenhou, por esse facto, na encarniçada lucta que teve a denominação de *Guerra dos Mascates*.

De 1737 a 1746 e de 1787 a 1798, Henrique Freire e Thomaz de Mello, os dois benemeritos governadores do seculo xviii, promoveram corajosamente os melhoramentos materiaes do Recife. Do segundo escreveu um poeta da época, a proposito do concerto que fez D. Thomaz no aterro dos Afogados:

«Muito tempo não ha que o mar cobria
Este mesmo logar, onde hoje estamos;
Ainda agora a areia que pisamos
Mal sêcca está das aguas que vertia!

Quem cansado chegar de longa via,
Escutando das vagas os reclamos,
A' sombra poderá de verdes ramos
Passar as horas do calmoso dia.

Se entre nós se celebra o grande Henrique,
Porque fez este aterro e a crêr me movo
Que ainda a sua memoria eterna fique;

Que dirá de Thomaz o grato povo?
De Thomaz, que não só renova o dique,
Mas que todo o Recife faz de novo?

Datam, portanto, de pouco mais de um século os fundamentos da formosa cidade que a admiração estrangeira, com justo motivo, denominou *Veneza Americana*. É essa a impressão que recebe o viajante, ao vê-la surgir das águas, à proporção que della se vae approximando. O espectáculo do rio que a corta em varias direcções, as soberbas pontes que ainda mais realçam a belleza do seu aspecto, os jardins, as torres e a paizagem, tudo lhe dá essa physionomia característica e original que não se repete em nenhum outro ponto da costa do Brasil.

Ao entrar a barra, vê-se á direita a cidade de Olinda, celebrizada na resistencia ao dominio hollandez. Outros pontos vão successivamente despertando a attenção, como o pharol, a fortaleza de Brum e uma estação de via-ferrea. Feito o desembarque, chega-se á Praça do Commercio, ou Lingueta, onde avultam os edificios da Associação Commercial, da Companhia Pernambucana de Navegação a Vapor e, por ultimo, o da Alfandega.

Sobre a linha dos Arrecifes, verdadeiro capricho da natureza, está situada uma grande casa de banhos de mar.

Tomando um *tramway* da Companhia Ferro-Carril de Pernambuco, e depois de atravessar uma das pontes principaes que abraçam as margens do Capiberibe, penetra-se, enfim, no coração da cidade.

Nesse percurso, de dez minutos apenas, encontram-se edificios e instituições da mais subida importancia: paço municipal, palacio do governo, theatro Santa Isabel, Lyceu de Artes e Offícios, Gabinete Portuguez de Leitura, quartel de cavallaria, Senado, Policia, convento de S. Francisco, egreja e hospital da ordem 3.^a, templo maçonico, Telegrapho, redacções, etc., etc.

Um grande numero de linhas de bondes conduz o viajante aos bairros principaes da cidade: Magdalena, Hospicio, Afogados, Fernandes Vieira, Santo Amaro, Conceição, Boa Vista e outros.

Sem sahir, a principio, da parte central da cidade, demorei-me em apreciar o movimento commercial e de transito que faz do Recife, a par da sua belleza natural, uma das primeiras cidades do norte. E' vastissima a área commercial, em que não raro se encontram estabelecimentos de primeira ordem, grande numero de hoteis e de casas de pensão, restaurantes, cafés, confeitarias, armazens e casas de moda (quasi todas servidas por elegantes raparigas). A cidade em geral é limpa, bem edificada e calçada, com pequenas praças e jardins.

A industria é principalmente representada pelas fabricas de calçado, que comportam para mais de 5.000 operarios; por algumas de tecidos e de fumos, além de 1 phosphoros, 1 de polvora, 6 de sabão, 15 de cerveja, 4 de distillação,

12 de moveis, 3 de oleos, 5 de velas, 2 de luvas, e outras de generos diversos.

Ha um bom theatro na capital, varias casas de espectaculo, diversas sociedades recreativas, cinco jardins e 1 passeio publico.

Fôra tarefa interminavel querer citar todas as instituições com que é dotada a formosa cidade do norte, desde os seus hospitaes até aos estabelecimentos de ensino e litterarios, comprehendidas a Faculdade de Direito e a Academia Pernambucana de Lettras. Dellas me occuparei mais tarde, quando tratar do seu movimento intellectual, sem duvida alguma o maior do paiz depois do da capital da Republica.

A cidade do Recife deu-me a impressão agradabilissima de um centro civilizado e culto, em que a vida se apoia fortemente nas melhores condições de bem estar e de conforto.

Do seu clima privilegiado basta lêr as primeiras palavras do estudo que lhe dedicou o sabio naturalista Diogo de Loreto Couto:

«Sem controversia é Pernambuco o mais delicioso paiz de toda a America Portugueza. Seu clima é por excellencia o melhor entre os bons. E' um segundo paraíso em ares vitaes e benignos. O terreno é outra nova terra de promissão. Logra uma continua primavera em que se enfeita a terra, alegre a vista, recreia o olhato, sustenta o gado, cura os homens e enriquece os pobres...»

cos no Brasil. Foi esse o seu papel desde a época da nossa emancipação politica, quando já fermentava no cerebro da mocidade o estímulo do patriotismo de que as revoluções anteriores haviam erguido a flammula vermelha no berço tradicional da liberdade, fecundada pelo sangue dos seus heróes. Conheci-a até o momento mais luminoso da sua historia, aquelle em que os espiritos peregrinos de Tobias Barreto, Celso Magalhães, Sylvio Romero, Clovis Bevilacqua, Laurindo Leão, Martins Junior, Arthur Orlando, Phaelante da Camara e alguns outros revolucionaram a velha Philosophia e mataram de vez a Metaphysica, encaminhando magistralmente as concepções do Direito e pondo-as de accordo com os principios racionaes de Hæckel, de Spencer e de Augusto Comte. Systematizaram-se nella os estudos sociologicos de que sahiu mais nitida a comprehensão da *Patria*, e, como nota o seu historiador, o Dr. Phaelante da Camara, foi do seu seio que sahiram em periodos successivos do Imperio e da Republica os quatro grandes espiritos encarregados de architectar a obra formidavel do nosso Codigo Civil.

«A noção da patria (diz o citado historiador) refundiu-se, alargou-se com o catecismo do Direito, desde o Amazonas até á Bahia; directamente, pelo vigor dos que d'aquí fôram servir na imprensa, no functionalismo, na advo-

cacia, na magistratura das provincias, levando os habitos e as lições adquiridas no convívio académico: indirectamente, por meio das normas que elles depois elaboraram como legisladores.

Naquelle centro de instrucção superior desappareciam os preconceitos e as raças, as discussões de aldeia, os odios sertanejos, as pequenas intrigas de campanario, e dalli, ao menos para o grande numero, a patria começou a ser contemplada num circulo mais vasto. Daquelle recinto de paz e concórdia voltavam aos lares levando, na proporção das forças individuas, o esmalte das lettras juridicas, o disciplinamento das paixões pessoaes e o vinculo da solidariedade que os tornaram portadores fecundos de uma grande remodelação no paiz. Assim a formosa escola do Recife se constituiu o estuario da civilização nacional: as suas represas alagaram o paiz inteiro, levando-lhe o humus da cohesão civica, e até mesmo o bergantim das lettras palacianas, que os mais felizes tripularam na cõrte do 2.º reinado, fazendo as honras ao neto de Marco Aurelio, andou por vezes singrando no remanso daquellas aguas».

Tudo isso se me gravara, desde muito, no espirito. Pouco sabia, no emtanto, dos continuadores daquella pleiade illustre, principalmente nos dominios da Litteratura e da Arte.

Vejo-me, por isso, perplexo deante dos nomes que encontro agora fulgurando, prosadores, philosophos e poetas aggremiados numa *Academia de Lettras*, no *Instituto Archeologico de Pernambuco*, e em varias outras instituições litterarias e scientificas do Estado.

Quando de nada mais me valesse a excursão emprehendida, já me teria proporcionado motivo de legitimo orgulho o facto de enfrentar espiritos como os de Clovis Bevilacqua, Arthur Orlando, Porto Carreiro, Arthur Muniz, Phaelante da Camara, Theotonio Freire, Alfredo Carvalho, Samuel Martins, Pereira da Costa, Faria Neves, Balthazar Pereira, Raul Azedo, Sampaio Ferraz, Regueira Costa, Souza Pinto, e outros, e outros, aos quaes vae já succedendo uma pleiade brilhante de jovens, como Lafayette Lemos, Mario Rodrigues, Gastão Diniz, Carlos Estevão, M. Monteiro, Silveira Carvalho, Moreira Cardoso e Ademar Tavares.

Nunca me pareceu tão justa, nem tão verdadeira, como neste momento em que visito a nobre terra pernambucana, a these sustentada, ha pouco, por um escriptor do Sul: «*No Brasil não se lê*».

Uma flagrante e incontestavel verdade encerram essas palavras que não encobrem, como parece, o despeito de ignorado, antes expandem o queixume sincero e patriotico de um espirito dolorosamente convencido da inutili-

dade de todo esforço pela conquista de um nome, ou da aureola de uma reputação litteraria.

O phenomeno tem, no emtanto, uma justificativa cabal: é que parte de nós mesmos, homens de letras, somos o exemplo lastimavel da indiferença e, ainda mais, da ignorancia, em que nos encontramos, do movimento intellectual do paiz. Nem nos conhecemos, sequer! Cultores da arte, não chegamos a comprehender o que ella tem de mais forte e mais elevado nos seus estímulos: a solidariedade que a tendencia para o mesmo ideal anima, o vinculo sagrado que prende e que irmana as almas empenhadas no mesmo surto de luz e de suprema aspiração para o Bello.

Muito não é que o publico se desinteresse da obra dos escriptores, quando estes mesmos se ignoram, e as simples barreiras do territorio servem de muralhas formidaveis á approximação intellectual, entre o sul e o norte da Republica.

Sáem-me da penna estes reparos ao reconhecer a ignorancia em que eu proprio me achava, e que sinceramente confesso, ácerca de uma boa parte do movimento intellectual do Recife.

Não são poucos os seus poetas, como não o são em todos os outros Estados do Brasil; mas, ao envez dos versejadores pernesticos e

vasios, de certas visinhanças do sul, possui Pernambuco cinco ou seis poetas de valor, entre outros Faria Neves e Porto Carreiro, o applaudido traductor de *Cyrano de Bergerac*.

Na arte, especialmente na musica, ao nome festejado da senhorita Siqueira, que ficou substituindo Arthur Napoleão na cadeira de piano, basta citar o nome de outra moça que acabo de ouvir com enthusiasmo: a senhorita Elisabeth Diniz, filha de uma pianista de raça, a snr.^a D. Thereza Diniz, e na qual já se revela aos 15 annos uma vocação genial.

Além da *Academia de Direito*, do *Instituto Archeologico* e de varios outros fócios de intelligencia, que abundam nesta terra, basta citar os progressos da sua imprensa, rival da do Pará e só excedida pelas do Rio e de S. Paulo. A' sua frente está o *Diario de Pernambuco*, o decano do jornalismo em toda a America latina: data de 1825, tendo precedido de um anno o apparecimento do *Jornal do Commercio*!

Destacam-se ainda: o *Jornal do Recife* (51 annos), *A Provincia* (30), *Jornal Pequeno* (10), e o *Correio do Recife*. E' notavel a *Revista do Instituto Archeologico*, vasto repositorio de produções scientificas e litterarias do mais subido valor.

Citei os nomes de Gastão Diniz e de Ademar Tavares, poetas da nova geração que vaé surgindo.

Do segundo, que é ainda estudante de Direito, escolho para offertar aos leitores uma singela, mas perfumada flôr, colhida ao acaso num formoso ramallete que me foi offerecido pelo poeta.

«Mãos frias, coração quente,
Mãos quentes, coração frio»
Diz isso o adagio prudente,
Grave, solemne e sombrio.

Dessas palavras fulgentes
Eu tenho a prova — não rias:
— As tuas mãos são tão quentes!
— As minhas mãos são tão frias!...

De Gastão Diniz, ainda hoje acommettido de completa surdez, escolho um ligeiro soneto extrahido das suas *Trevas*, livro que ditou quando tambem o acabrunhava a cegueira:

«Mas quem lhe inspira tão bonitos versos?»
Perguntaste-me a rir, gentil morena,
E os olhos teus fitavam-me perversos
Com a ironia atroz que me condemna.

Pois tu não vês meus olhos sempre immersos
Do teu celeste olhar na luz serena,
Donde as idéas vêm-me, dos diversos
Cantos que solta o bico desta penna?

Mas tu não sabes que de ti nascera
A inspiração com que meu plectro animas ?
Por ti sómente poeta eu me fizera !

Ah ! Tu bem sabes, flôr dos patrios climas,
A rescender na minha primavera,
Que outra não fôra a musa destas rimas !

Não: decididamente, nunca me penitenciarei
bastante do feio crime de não haver conhecido
os jovens poetas de Pernambuco...

Castro Alves inedito

Um interessante artigo do brilhante e fecundo publicista recifense Alfredo de Carvalho, ácerca da vida de Castro Alves em Pernambuco, despertou-me a idéa de procurar o Dr. João Baptista Regueira Costa, citado pelo auctor como amigo querido e companheiro inseparavel do grande poeta das *Espumas Fluctuantes*.

Essa affirmativa da intimidade entre os dois poetas do Norte, achei-a fartamente documentada na correspondencia que Alfredo de Carvalho dera á estampa nas suas preciosissimas notas.

Respigo, aqui e alli, alguns trechos que mais a evidenciam:

1.º: «Regueira. Meu sympathico amigo. Perguntas-me, na tua ultima carta, se estou offendido contigo... Ninguem se fere no velludo, e

tu és todo delicadeza e dedicação. Falas-me nos meus triumphos... E' verdade, tenho-os tido muitos, muito maiores que o meu pouco merecimento, mas ainda não estão completos; falta-me o teu juizo, que me dizem ser uma obra prima. Eu, antes de o escreveres, já o sabia... E' que tu já não *crystalizas*, hoje *adamantizas* as idéas.

Em mão do Augusto ou do Melchiades encontrarás alguns escriptos que me dizem respeito, assim como duas poesias minhas, uma *Ao 2 de julho* e outra intitulada *O Livro e a America*; esta foi recitada no theatro e agradou tanto que fui obrigado a ir á scena.

Manda-me o teu juizo critico... quero-o e quero-o muito.

Adeus, meu querido Regueira; recebe o coração saudoso de teu collega e amigo, e deixa que te faça o pedido de que não te esqueças que aqui tens uma alma que te preza muito.
Forget me not, my dear!

Teu amigo,
Castro Alves».

2.º: «Manda-me a *Parisina* e a traducção de Lamartine, e tudo o que tens escripto ahi, nessa boa terra das inspirações do romantismo, dos meus sonhos da Bohemia, do meu paiz Latino,

das minhas loucuras e dos meus amores. Adeus. Dá um abraço a todos esses bons amigos que ahí deixei.

Farewell.

Teu do coração,

Castro Alves».

3.º: Dedicatória das *Espumas Fluctuantes*, em autographo:

«A Regueira Costa, ao companheiro dos tempos de lucta, ao amigo dedicado e bom, ao talento vigoroso, modesto e cheio de futuro, eu envio nestas paginas um abraço de irmão. *Castro Alves*».

Estava mais que authenticada a intimidade dos dois espiritos; resolvi, por isso, ir ao encontro do escriptor pernambucano, em busca de alguma joia preciosa que elle por ventura guardasse ainda com a solitudine de um avarento...

Recebeu-me o Dr. Regueira Costa com essa fidalguia cavalheirosa tão caracteristica da hospitalidade pernambucana. Servira-me de credencial a apresentação com que, dias antes, me havia honrado o Dr. Arthur Muniz, um dos mais estimados cultores das lettras no norte do Brasil.

Pouco restava do espolio poetico de Castro Alves. Uma só producção daquelle privilegiado espirito estava ainda completamente inédita: era um bilhete do poeta apresentando 'ao seu amigo um pianista que vinha da Bahia.

Dizia apenas:

«Caro Regueira.

Tendo de apresentar o eximio pianista Thomaz Rodenas aos meus amigos dahi, o teu nome vinha-se collocar em primeiro logar.

Poeta, que tens o enthusiasmo de todas as coisas altas, folgo que frequentes um joven que encarna em si o genio de Gottschalk.

Sê util ao nosso maestro e agradavel ao

Teu do coração,

Castro Alves».

Era, evidentemente, muito pouco para o que eu desejava. O Dr. Regueira Costa accrescentou porém: «Tenho, além desta carta, uma poesia intitulada *Canção do Africano*, que só foi publicada no 1.º numero da *Primavera*, em 17 de maio de 1863. Ambos estes papeis têm grande valor: o segundo por ter sido composto aos 16 annos de idade, e já então revelar os sentimentos abolicionistas do grande poeta dos *Escravos*; o primeiro por ter sido escripto 48 dias apenas antes da morte do seu auctor».

Apoderei-me ávidamente dos dois autographos e aqui proporciono aos leitores uma cópia da *primeira poesia de Castro Alves*:

A CANÇÃO DO AFRICANO

Lá na humida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao brazeiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...

De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no collo a embalar...
E a meia voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez p'ra não o escutar!

«Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas á outra eu quero bem!

«O sol faz lá tudo em fogo,
Faz em braza toda a areia;
Ninguém sabe como é bello!
Vêr de tarde a *papa-ceia*!

«Aquellas terras tão grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar...

«Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro».

O escravo calou a falla,
Porque na humida sala
O fogo estava a apagar;
E a escrava acabou seu canto,
P'ra não acordar com o pranto
O seu filhinho a sonhar!

.....

O escravo então foi deitar-se,
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do sol nascer,
E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo sêr.

E a captiva desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijal-o,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do somno,
De seus braços arrancal-o!

O Dr. Regueira Costa possuia ainda o autographo de uma poesia datada de 1865 e intitulada *Visão dos mortos*. Era, porém, composta em oitavas e bastante longa; dispensei-me de reproduzi-la na integra, mas não deixarei de citar uma das estrophes em que se affirmam de novo os sentimentos abolicionistas do poeta, que contava nesse tempo dezoito annos:

Então no meio de um silencio lugubre
Solta este grito a legião da morte:

— «Aonde a terra que talhamos livre ?

— «Aonde o povo que fizemos forte ?

— «Nossas mortalhas o presente inunda
«No sangue escravo que nodôa o chão...

«Anchietas, Graccos, vós dormis na orgia

«Da lua pallida ao fatal clarão !»

Publicado num almanak Pernambucano,
mas desconhecido no Rio, é o seguinte impro-
viso dirigido á mocidade academica do Recife,
num tumulto em que ella tomou parte:

«Moços ! A inepecia nos chamou de estupidos !

Moços ! O crime nos cobriu de sangue !

Vós os luzeiros do paiz, erguei-vos !

Perante a infamia ninguem fica exangue !

Protesto santo se levanta agora,

De mim, de vós, da multidão, do povo;

Somos da classe da justiça e brio,

Não ha mais classe ante esse crime novo !

Sim ! Mesmo em face da nação, da patria,

Nós nos erguemos com soberba fé !

A lei sustenta o popular direito,

Nós sustentamos o direito em pé !»

O Dr. Regueira Costa possuia o precioso
autographo da bella poesia de Castro Alves, a
principio intitulada *À uma judia*, e posterior-
mente publicada com a denominação de *Hebréa*:

«Estes versos, como affirma o Dr. Alfredo
de Carvalho, deu-m'os o poeta ao voltar da

Bahia em 1866, declarando-me havel-os dedicado a uma judia de nome Semi Amzalac. Vou mostrar-lhe ainda a poesia extrahida do album do desembargador Antonio Domingos Pinto...»

E' a que começa assim:

«O naufrago nadou por largas horas...
Na praia dorme frio num desmaio,
A força após a lucta abandonou-o,
Do sol queimou-lhe a face ardente raio.

Pois eu sou como o nauta... Após a lucta
Meu amor dorme languido nõ peito,
Cançado... talvez morto dorme e dorme
Da indiferença no gelado leito.

Sobre as azas velozes a andorinha
Maneira se lançou nos puros ares...
Veiu após o tufão, luctou debalde,
Mas em breve boiou por sobre os mares...

Eu sou como a andorinha. Ergui meu vôo
Sobre as azas gentis da phantasia;
A descrença nublou-me o céu da vida
E a crença estrebuchou numa agonia...

.....
Recife, 7 de outubro de 1863».

—«Agora os versos a que apenas allude Mucio Teixeira, dando-lhes o titulo *Aos academicos voluntarios*, e já citados por Alfredo de Carvalho. Restam estes fragmentos...»

Tomei da penna e copiei:

O céo é alma; o relampago
E' uma idéa de luz
Que pelo craneo do espaço
Perpassa, brilha e reluz.
Depois o trovão é o verbo;
Segue-o o raio, gladio acerbo,
Que se desdobra soberbo
Pelos paramos azues...

Accção e idéas são gêmeas...
Quem as pudera apartar?
O facto é a vaga agitada
Do pensamento, que é o mar.

.....

.....

Assim sois vós; nem se pense
Que o livro enfraquece a mão;
Troca-se a penna co'a espada:
Hontem Numa, hoje Catão;
E' o mesmo: se a penna é espada
Por mão de Homero vibrada,
Co'o gladio — epopêa ousada —
Traça mundos Napoleão!

— Póde publicar ainda (acrescentou o illustre litterato) o seguinte soneto, em glosa a um mote de Tobias Barreto e recitado no theatro Santa Isabel, no Recife, em homenagem ao joven violinista Muniz Barreto:

Era no céo, á luz da lua errante
Moema triste, abandonando os lares,
Scindia as vagas dos cerúneos mares
Te erguendo ao longe, ó peregrino infante!

Lá dos jardins sob o vergel fragrante,
A' sombra dos maestros, sobre os ares,
Ouvias das estrellas os cantares
— Aves de ouro no espaço scintillante.

Mas quando o genio teu se alteia afflicto,
Da alabastrina luz á claridade,
Lançando flôres, lá do céo proscripto,

Pasma Bellini; e em meio á immensidade
Diz a lua suspensa no infinito:

«No teu arco prendeste a eternidade!»

Não era preciso mais: os adoradores do
grande poeta certo me hão de agradecer o pre-
sente que lhes fiz, tão sinceramente como eu
agradeço ao Dr. Regueira Costa a distincção
com que me penhorou.

Auctores Pernambucanos

Difficil e ingrattissima tarefa é a de nomear auctores e afferir capacidades no campo da litteratura, onde o mais obscuro nem por tal deixa de ser ás vezes o mais presumido. Já o eloquente Richepin comparava pittorescamente o parnaso francez a um immenso charco povoado de sapos; quem se atrevesse a perguntar — *quel est le prèmier poète français?* —, ouviria em resposta o mesmo canto, murmurado por um milhão de batrachios: *moi! moi! moi! moi!*

A simples referencia a alguns cultores das letras pernambucanas, feita pelo excursionista que mal teve tempo de conhecer os principaes, feriu a velleidade de alguns genios lamentavelmente esquecidos, e não tardou que até das mais longinquas plagas do paiz viessem disfarçados protestos que, simulando a defeza de um medalhão (que tambem me aggreuiu pelo mesmo motivo)

não visavam senão reivindicar a gloria dos seus auctores, victimas imbelles da myopia ou da inveja de quem não sabia ou não queria descortinar a traça do genio! Entretanto, não foi, como ainda agora não é, proposito do auctor escrever a historia da litteratura pernambucana. Uma simples noticia ácerca dos litteratos que conheceu e que teve occasião de apreciar atravez dos seus trabalhos, é tudo quanto visa a boa fé nestas paginas ephemeras que de nenhum modo poderão obscurecer a aureola dos immortaes.

Para maior cunho de imparcialidade vae por ordem alphabetica o registo dos nomes a que se faz referencia neste trabalho, sem menos preço de outros que, por motivos diversos, deixam de ser citados, bem a contra gosto do auctor.

ADELMAR TAVARES. — E' muito moço ainda e ensaia agora os primeiros passos na carreira das letras. Publicou, de collaboração com outros, um pequeno livro de *trovas* e escreve chronicas ligeiras no *Jornal Pequeno*, do Recife. Em ambos os generos vae revelando aptidão pouco vulgar e promete occupar em breve um posto de honra entre os poetas da sua terra.

Da expontaneidade e da singeleza da sua musa dão testemunho as seguintes quadras:



Arthur Muniz



«Mente violão, como eu minto;
Não gemas — guarda o sentir...
Eu, como tu, também sinto,
Mas vivo sempre a sorrir».

«A chamar-me não te afoites
«Atheu», amada Maria,
Que eu rezo todas as noites
O que me dizes de dia».

ALFREDO DE CARVALHO. — E' um escriptor de raça, que faz honra ás letras pernambucanas. Tem já uma consideravel bagagem litteraria e em todas as suas obras deixa lastro de quanto vale como analysta, investigador e estudioso, revelando-se ao mesmo tempo estylista elegante e adestrado cultor da lingua. Sociologo, critico, historiador, tem produzido paginas de incontestavel relevo ácerca dos mais variados assumptos, destacando-se as que colligiu sob os titulos de *Estudos Pernambucanos* e *Horas de Leitura*. São também da lavra deste escriptor um notavel trabalho sobre «*o tupy na corographia pernambucana*», e varias traducções do allemão e do hollandez.

ARTHUR MUNIZ. — E' uma das figuras mais sympathicas da litteratura pernambucana. Journalista, estudioso, critico, historiador, é sobretudo na oratoria que mais se affirma o seu talento, adaptavel a todos os generos. E' um

dos tribunos mais estimados no Recife onde sua palavra é solicitada em todas as commemorações patrióticas e litterarias. Acaba de publicar o perfil de Natividade Saldanha, traçado com maestria e vigor. Dedicá ás lettras todas as energias do seu talento e exerce com a pureza de um apóstolo a nobre função de cultor apaixonado da arte. A' admiração pelo escriptor e pelo tribuno junta-se a immensa sympathia que lhe tributa toda a população do Recife. Faz lembrar, pela meiguice da sua alma, aberta a todos os affagos do ideal, a doçura de Martins Junior, de quem foi amigo devotado. E' membro da Academia de Lettras e do Instituto Histórico, de Pernambuco.

ARTHUR ORLANDO. — E' uma reputação firmada em todo o paiz. Philosopho, jurista e escriptor de rara envergadura, tem seus meritos reconhecidos e proclamados desde que estreou na carreira das lettras. Divulgador da moderna escola jurista da Allemanha, fórma com Sylvio Romero e Clovis Bevilacqua a trindade maxima da philosophia e da critica.

E' actualmente redactor chefe do *Diario de Pernambuco*.

CARLOS ESTEVÃO. — Pertence á nova geração. Collaborador de Ademar Tavares e outros no livro dos *Descantes*, cuida da fórma sem a tor-

nar preciosa. As seguintes quadras dão esperança de obra mais solida no futuro:

«Musa dos olhos brilhantes,
Senhora dos versos meus,
Não desprezes meus descantes
Que os meus descantes são teus!»

«Meu coração é um cofre
Onde minha'alma, gemendo,
Guarda as maguas que alguém sofre
E as magoas que eu vou soffrendo».

«Ando a sonhar uma vida
Cheia de cousas risonhas
E reconheço, querida,
Que a mesma vida tu sonhas!»

No emtanto, lyrio adorado,
Não sei porque, mas supponho
Que o sonho por nós sonhado
Não ha de passar de um sonho».

«Sonhei ,contigo, disseste,
E eu com tristeza te digo:
Que grande mal me fizeste
Dizendo: sonhei contigo!»

Sim, minha flôr, se sonhaste
Commigo e vens me contar,
E' que, de certo, deixaste
De algumas noites sonhar».

Ha nestes versos o germen de um grande poeta. Que o futuro não desmintá o prognostico, e a terra de Annibal Falcão se ufanará de possuir mais um cantor.

CARLOS PORTO CARREIRO. — E' um poeta já consagrado pela critica. A traducção do *Cyrano de Bergerac* tornou-o conhecido e applaudido, tanto no norte como no sul. Foi quem melhor soube transportar por a nossa lingua a celebre scena do beijo que tão estimado tornou o lyrismo da musa de Rostand. Tem a palavra o poeta pernambucano:

Cyrano

«Mas... um beijo? O que é, que se não peça?
Um voto que se faz mais perto; uma promessa
Mais firme; uma expressão que o facto corrobora;
Um ponto roseo no i do labio que se adora;
Segredo que se diz na bocca; uma scentelha
Do infinito, e que faz leve rumor de abelha;
Communhão que nos dá de petalas o gosto;
Modo de se aspirar o coração no rosto,
E de provar-se, um pouco, á flôr dos labios, a alma.

Roxana

Calae-vos!

Cyrano

Sim! Um beijo é soberana palma:
A rainha de França a um lord, ao mais ditoso,
Um beijo concedeu...

Roxana

Portanto...

Cyrano, *exaltando-se*

Silencioso

Como elle, eu suffoquei a dôr que me espesinha;
Como elle triste, em vós adoro uma rainha,
Como elle eu sou fiel...

Roxana

Como elle, meu querido,

E's bello !

Cyrano

Sim ! Sou bello ! Eu tinha-me esquecido !

Roxana

Pois bem ! Vinde buscar a vivida scentelha !...

Cyrano, *impellindo Christiano*

Sóbe !

Roxana

A flôr sem rival.

Cyrano

Sóbe !

Roxana

...o rumor de abelha !

Cyrano

Sóbe !

Christiano

Mas quero crêr que assim procedo mal...

Roxana

...o coração no labio!...

Cyrano

Avia-te, animal!

Christiano

Ah! Roxana!

Cyrano

Ai de mim! Que lancinante dôr!
Beijo! No teu festim sou Lazaro de amor:
Comtudo, uma subtil particula, que é tua,
Dentro em meu coração nas trevas se insinúa:
Pois no labio que beija, em frivola doudice,
Roxana está beijando as phrases que eu lhe disse!»

O poeta acaba de ultimar a traducção do *Aiglou*, de Rostand, e não é de mais augurar a esse novo trabalho de erudição e de engenho o mesmo successo alcançado com o *Cyrano de Bergerac*.

CARNEIRO VILELLA. — Poderia arguir-me de suspeito a curiosidade de certa gente que não encontrasse nestas paginas o nome do conhecido escriptor pernambucano. Fui por elle aggreddo na imprensa da sua terra, procurei desag-

gravar-me, e dei ao litterato o diploma de mediocridade chatissima a que apenas tem feito jus pela sua incapacidade. O poeta é, porém, membro da Academia Pernambucana, e há quem lhe proclame os altos meritos, «apenas enfraquecidos pela fadiga e pelo exgottamento proveniente da decadencia senil». Se a suspeição não deixará de ser arguida contra o auctor destas linhas, por tratar de um desaffectedo, menos se lhe perdoaria a omissão, certamente inquinada de proposital e mesquinha. Eis porque não hesitou elle entre a repugnancia da primeira e a covardia da segunda hypothese. Acresce que para confirmar o seu primitivo juizo, basta-lhe a citação da propria obra do sr. Carneiro Vilella, que tem agora diante dos olhos, como fonte documental de incomparavel valor, não precisando já de outros subsidios de menor quilate, como a producção ephemera e pouco meditada que observou na imprensa, a par de muitos versos detestaveis que surprehendeu em albuns e cartões postaes, quando passou pelo Recife.

E' na *Revista da Academia Pernambucana* que se pôde com abundancia respigar os melhores trechos da poesia villeliana, para expôr o vate de taes sandices ás tagantadas do bom senso e da critica imparcial e justa dos que não tiverem *parti-pris* no julgamento da sua obra.

Não é preciso escolher; basta abrir ao acaso

qualquer pagina em que haja uma producção do auctor e, sem a tarefa de as sublinhar ou de as pôr em destaque, patentear á vista as bellezas de poesia, de criterio e de grammatica dos seus versos monumentaes:

«Que o diga em linguagem sem vicios esse extranho emigrar dos famosos patricios pelos invios sertões, para longe dos lares, sem abrigos, sem pão, procurando lugares, onde á sombra das leis e das crencas de Christo encontrassem, fugindo a um dominio imprevisto, para o corpo descanso e vestido á nudez, nesse tempo em que a Patria pisava o Hollandez.

Ora em lucta feroz, sempre expondo a existencia, mas alerta e subtil como uma Providencia, guiando o triste povo em sua retirada, abrindo á rude golpe a appetecida estrada, entre as urzes do valle, entre as sarças do monte, foi nosso CAMARÃO maior que Xenophonte».

Versos como esses devem conduzir o auctor á immortalidade, se não houver alguma voz a gritar ao ouvido do Vilella: «*Põe o teu nome em baixo, e estou vingado!*» Apreciem-se ainda, do mesmo disparate poetico, os versos que seguem, frouxos, aleijados, sem arte, sem grammatica, sem elevação nem brilho, de uma indigencia de retirantes famintos, com «cães de caças» de mistura:

Prostrei-me ante o altar, em cujo augusto nicho
 se expunha á adoração a deusa do capricho.
 Fui devoto e fiel á mulher, não aquella
 que trouxesse após si, — cães de caças á trella —
 como abutres em bando, esfaimados, vorazes,
 um montão de fieis, um montão de rapazes,
 algozes de uma vez, de outra vez fraldiqueiros,
 porém sempre immoraes e no vicio primeiros.
 Nunca, — e o digo num tom que a verdade me ensina —
 para mim teve encanto a mulher messalina».

Querem mais? São ainda da mesma *peça*:

«Mas aquella que os dons e que os dotes celestes
 Da candura e do amor encobria com as vestes
 De pudica vestal, como santa em seu nicho;
 não cedia ás paixões, não dobrava ao capricho,
 resistindo do vicio ao fatidico lote
 tendo o pudor por lei e a modestia por dote,
 essa, sim, teve em mim, sempre e sempre constante,
 por escravo fiel um idolatra amante».

Cumpro a promessa de não sublinhar as as-
 nices do poeta cuja fertilidade, como se vê, é
 inexgottavel.

Ainda mais:

Si o guerreiro boré pelas mattas troveja,
 si o tacape se apruma e si a flexa alli zune
 tendo a morte na ponta, o que o povo reúne,
 o que accende-lhe o brio, o que augmenta-lhe a furia,
 é punir uma affronta, é vingar uma injuria:»

Este penultimo verso, immortalisaria um
 grammatico se não equiparasse o poeta ás

aguias mais capitolinas do nosso Parnaso! Os outros, quasi todos são symptomas evidentes de imbecilidade aguda.

Ria commigo o leitor:

«Ha trinta annos que fôra o Brazil descoberto. Si era valida a gloria, o seu lucro era incerto, e, de extranhas nações ás cobiças exposto, bem podéra o perder Portugal com desgosto. Para colonisar, pois, a nova conquista — linda gemma engastada á riquissima lista dos florões da corôa em campinas de Ourique forjada pelo velho e heroico Affonso Henrique a golpes de montante — o rei D. João Terceiro, cançado de expender o seu proprio dinheiro e para concertar da bolça as avarias, divide a Santa Cruz em varias feitorias e aos validos da côrte, aos amigos do peito, distribue-as então para em proprio proveito desfructal-as».

Eis ainda um trecho epico em que o auctor mais impunemente o *dique das asneiras arre-benta*:

«Si acaso um pensamento, — assim como uma veia d'agua pura e subtil que arroja-se da areia por impulso expontaneo e alarga-se no solo cavando e aprofundando o primitivo collo e crescendo a rugir sem minimo intervallo — lhe brotava tambem, não tinha p'ra afogalo da sua evolução no circulo perfeito nem a estúpida força, a que chamam Direito; nem a triste fraqueza, a que chamam Dever o podia extinguir mesmo quasi ao nascer».

Não commento ! Não se trata de um poeta, mas de um imbecil de 4.^a classe.

Uma unica vez foi o auctor sincero e eloquente em toda essa moxinifada poetica das *Legendas da Patria*; foi quando exclamou, cheio de enthusiasmo e de verdade, debruçado sobre a tampa do seu escriptorio poetico:

«Quantas vezes, *fictando* os meus olhos no espaço
Onde o mar e onde o céu, sem limites de um traço,
Se confundem na côr e na luz, no reflexo,
Não fiz versos ao mar, *porém versos sem nexo!*»

Essa confissão é eloquente: não é preciso augmentar a afflicção ao afflicto para vê-lo condemnado pelo tribunal da opinião á pena maxima a que só fazem júz os delinquentes sem entranhas, inveterados no crime de lesa arte e de lesa grammatica. E dizer que ha quem julgue *um talento* um imbecil desta ordem !

E foi por não me declarar admirador de tanta parvoice, e não citar o nome de Carneiro Vilella como o de uma gloria das lettras pernambucanas, que attrahi o odio venenoso e peçonhento da sua penna !

Até nisso foi desastrado o jornalista do *Correio*: devia ter percebido melhor o serviço que eu lhe prestara com o meu silencio generoso.

Citar os seus escriptos é uma impiedade só permittida ao supremo recurso da mais legitima defeza, como esta a que me vi agora arras-

tado e da qual não me teria servido se o Vilella, além de burro, não fosse também um refinadíssimo canalha.

FARIA NEVES. — E' o mais vibrante e o mais artista dos poetas pernambucanos da actual geração. Basta a citação de alguns trechos para confirmar esse juizo. Da *Estatuaria*:

«Entro, Larga officina de esculptura:
Vamos, artista!

Que esse blóco de marmore a figura
De Christo, em ancias sobre a cruz, revista!

Pega o martello e o escopro, e o blóco informe
Talha! as arestas hispidas supprime!
Que, a cada golpe, a pedra se transforme!
Que, a cada golpe, o marmore se anime!

Talha! desbasta! amolda! quebra! córta!
Mais! inda mais! Que surja, depois disto,
Da inercia bruta dessa pedra morta
O corpo anciante e livido de Christo!»

Do Poema do Olhar:

«Olhos que não olhaes, tristes, sumidos olhos
Dos escravos da vida, humildes e opprimidos,
Dos que, dentro de si, nos intimos refolhos,
Antes de combater sabem que são vencidos!

Quem poderá saber toda a profunda magua
Que, apagados, guardais nos intimos refolhos,
Se outros olhos jámais vos viram rasos d'agua,
Olhos que não olhais, tristes, sumidos olhos?»

Este, sim, é um poeta, e dos maiores, não só de Pernambuco, mas de todo o Brasil. Tem idéas, tem forma e não escreve em Cassange!

GASTÃO DINIZ. — Páginas atrás foi referido este poeta com a transcrição do mais acabado dos seus sonetos. Fazem parte da collecção outras producções estimaveis, compostas ainda na época tormentosa em que o auctor se encontrava cego e surdo, em consequencia de uma cruel enfermidade. Dos seus trabalhos é para recommendar a referida collecção, publicada com o titulo de *Trevas*.

GERVASIO FIORAVANTI. — Deve-se a Martins Junior o bom serviço de haver revelado as producções deste poeta, auctor dos *Mezes*, publicados em 1895, com uma introducção daquelle valente e inspirado tribuno pernambucano. Martins resumiu em poucas palavras o juizo exacto que é de justiça fazer do poeta: «Fioravanti é um subjectivista por excellencia, um lyrico delicadissimo, vendo tudo atravez da sua alma e, sobretudo, da sua paixão». Além do pequeno trabalho que lhe serviu para a apresentação, tem o auctor publicado farta copia de producções avulsas em varios numeros da *Cultura Academica* e de jornaes do Recife. Não se abalancou ainda a fazer obra de largo folego, mas as que tem sahido da sua musa recommendam-se

quasi todas por certa espontaneidade e delicadeza que as tornam sobremodo dignas de leitura e de apreço.

Conheci o poeta na minha passagem pelo Recife e apreciei na pessoa a bondade e a doçura que transpiram de seus versos.

E' bem exacto o conceitò de Martins a seu respeito.

Sirvam para corroborar esse conceito as duas seguintes primorosas composições:

Quando o inverno passar, daqui distantes
Pelos bosques iremos solitarios;

— Tu, meu amor, inveja dos canarios,

— Eu, teu amor, inveja dos amantes.

Teus labios nos meus labios, tão instantes
Que eu nem lembro que os tens tão usurarios...

Teus olhos nos meus olhos, tão constantes
Que eu nem me lembro já que os tens tão varios.

Quando cançares, tu terás meu braço;

Quando eu cançar, terei o teu regaço;

E após beijar-te, eis-me a beijar-te ainda...

Ambos fugindo ao termo da viagem,

— Eu nos teus olhos vendo a minha imagem,

— Tu nos meus olhos vendo como és linda!

Até julho, nas festas eu passava

Descuidoso da vida e sem te vêr:

Mas quando agosto em meio caminhava,

Eis-me a te amar, querida, e eis-me a soffrer.

Em setembro, um fatal presentimento
Asylou-se em meu triste coração
Quando a ramagem no soprar do vento
Folhas e fructos sacudia ao chão.

D'ahi não sei que tempo tem passado
Entre o pranto e a alegria, o riso e a dôr,
E desde então eu tenho atravessado
Verões de frio, invernos de calor.

Mas ainda dos campos no renovo,
Setembro os fructos madurecerá;
E meu amor a começar de novo...
E teu amor, quando começará?

Essas e outras composições revelam, com effeito, o poeta subjectivista e delicado de que falla Martins.

Não me é possível desenvolver, como desejava, este capítulo de informações — não só pela natureza do trabalho, mal esboçado no curto prazo de um mez, como por me faltarem os subsidios indispensaveis para a documentação dos conceitos que vou expendendo ácerca deste ou daquelle escriptor. De muitos possúo livros, que me fôram gentilmente offerecidos, ou que tive occasião de adquirir; de outros mal posso conseguir minguadas producções que á custa de muito esforço vou logrando apanhar em paginas de revistas ou de jornaes, desordenadamente colleccionadas na minha excursão.

Trata-se, porém, de uma breve noticia, e não de um trabalho de critica ácerca da litteratura do norte; essa confissão deve absolver-me das lacunas e imperfeições que forçosamente se hão de notar neste livro.

LAYETTE LEMOS. — Pertence á nova geração que vae agora despontando no Recife. E' uma promessa de futuro escriptor, mas que já deixa lastro de talento, tanto na prosa como no verso. Layette Lemos trabalha no *Jornal do Recife* onde ensaia com brilho os primeiros passos na vida jornalística. Muito moço ainda, tem já produzido versos bastante apreciaveis e realizou com successo algumas conferencias na capital pernambucana. Cultiva as lettras com entusiasmo e é de prever que o seu ardor juvenil inspire ao moço poeta novas producções ainda mais confirmadoras de um talento já tão brilhantemente manifestado.

LAURINDO LEÃO. — Da Academia de Direito; cultiva com verdadeira paixão a philosophia. Tem publicado nessa especialidade varios trabalhos que gosam de grande estima. Segue a escola *phenomenista*. E' tambem orador conceituoso e vibrante.

MENDES MARTINS. — Assiduo collaborador da *Provincia*, empregado no commercio. E' poeta

de merecimento. Sua principal obra poetica intitula-se *Calvario*. E' de sua lavra o seguinte soneto, que se não vale por uma obra prima, é, comtudo, um trabalho correcto e feito com desvelo, como outros muitos desse auctor, bastante popular no Recife:

REVOLTADO

Eu vou, á proporção que o tempo vae marchando,
Perdendo, uma por uma, as crenças de outras eras:
Não creio mais num Deus de aspecto venerando
Dirigindo no espaço o gyro das espheras.

Já não tem o esplendor das outras primaveras
A que hoje anda contente os campos enflorando,
E um dia hade fugir das ultimas chimeras
Pela estrada deserta o derradeiro bando.

Almas que andais na terra olhando o firmamento
E em procura, atravez das nuvens do infinito,
De alguém que vos minore o extranho desalento;

Volvei para este mundo o vosso olhar magoado,
De um Deus não necessita aquelle que é maldito,
Não precisa de um Deus quem é desventurado.

MANOEL MONTEIRO. — Um dos auctores dos *Descantes*. Tem veia lyrica e sentimental, patenteando grande facilidade no poetar. Muito moço ainda, promette, como seus companheiros, conquistar em pouco um logar de honra entre os bons poetas pernambucanos. São das melhores as seguintes quadras desse auctor:

«Supporto negro cilicio,
Mas não conto meu desgosto,
Que, pelos traços do rosto,
Todos lerão meu supplicio»,

«Quando, após ao nascimento
Teus olhos se descerraram,
Duas estrellas faltaram
No manto do firmamento».

«Seguindo junto ao teu seio,
Vendo teu rosto sem véo,
Julguei-me um santo em passeio
Pelas estradas do céo».

«Fui confessar-me, e na grade
Contei meus crimes e o teu:
Se é bonita... disse o frade,
E rindo me absolveu!»

«Amor — este fogo eterno
Que pelo mundo resplende,
Nem sempre do céo descende,
Descende, ás vezes, do inferno».

Não é preciso mais para dar idéa da inspi-
ração e expontaneidade que se encontram em
todos os trabalhos deste poeta.

MOREIRA CARDOSO. — Afinado trovador dos
Descantes, faz bellissimas quadras de encanta-
dora simplicidade. Dentre outras basta desta-
car as seguintes:

«Do que amantes hão contado
Não se duvide, porque
Olhares de namorado
Vêm cousas que ninguem vê».

«Por mais que tentes, senhora
Tirar-me sempre a esperança,
Mais a paixão me devora
E mais tormentos me lança;
Pois este amor, que me inspira,
E' cova, mal comparando,
Que tanto mais se lhe tira
Quanto maior vae ficando».

O pezar tem tal voragem
Que o prazer não tem valor,
Não sendo mais que a passagem
De uma dôr para outra dôr».

«Os corações namorados
Devem a lua evitar:
São tanto mais desgraçados
Quanto mais lindo o luar !...»

NETTO CAMPELLO. — Lente da Faculdade de Direito. E' auctor de varias trabalhos juridicos e tem publicadas algumas conferencias sobre instrucção religiosa e outros assumptos de interesse social. Dentre os primeiros avulta *O matrimonio em Roma*, these de direito romano.

OLIVEIRA LIMA. — Diplomata, historiador, membro da Academia de Lettras, tem nome firmado no principal fóco intellectual do paiz. Os

assumptos da historia patria merecem-lhe particular carinho, e é para essa especialidade que tem dirigido principalmente a sua attenção. E' auctor de varias memorias em que tem revelado não só qualidades de investigador e de erudito, como tambem predicados de excellente prosador. E' um dos auxiliares de mais competencia do Ministerio das Relações Exteriores, e, como tal, tem prestado bons serviços ao governo da sua patria.

PEREIRA DA COSTA. — Historiador de raro merecimento, analysta subtil e fino discutidor, possúe o estylo claro e a força de dialectica requerida pelo genero em que se fez especialista de grande competencia. «*A verdadeira naturalidade de D. Antonio Filippe Camarão*» é um estudo historico dos muitos que fazem honra á penna desde escriptor.

Annuncia-se para breve o apparecimento do seu «*Folk-Lore Pernambucano*», que Alfredo de Carvalho previamente encomiou, como «*somma verdadeiramente prodigiosa de materiaes ineditos*».

PHAELANTE DA CAMARA. — Lente da Academia, litterato e jurista, tem militado na imprensa e é auctor de varios trabalhos de merecimento, como: *História da Faculdade de Direito do Recife, Orações Civicas e Litterarias, Maciel Mon-*

teiro, *Nos desvãos da imprensa, etc.* E' principalmente como orador que se tem manifestado o talento desse distincto homem de lettras, cujo nome andou tão em voga no tempo das grandes agitações politicas de Pernambuco. A conferencia que realisou ácerca da Academia do Recife é um trabalho de valor, que muito recommenda o seu espirito de observador, de philosopho e de critico.

REGUEIRA COSTA. — E' um velho cultor das musas, do tempo de Castro Alves, de quem foi particular amigo. Homem de sciencia e ao mesmo tempo litterato do periodo romantico, tem publicado muitos trabalhos, como sejam: *Selecta Classica, Contos Moraes, Eglogas de Virgilio e Revista de Instrucção Publica*, além de grande numero de traducções de varias obras sobre sciencias naturaes.

As *Flôres Transplantadas*, que vieram á luz em 1874, bem como a maior parte da obra poetica do auctor, não se revestem de todos os predicados de fórma que a nova escola reclama. Ainda assim, ha em quasi todas qualidades estimaveis, e já se apresenta com boa roupagem moderna a seguinte traducção em que o poeta pernambucano parece ter sido mais feliz do que outros que tentaram, com exito mediocre ou contestavel, a mesma empreza temeraria:

VASO PARTIDO

(Sully Prudhomme)

O roçagar de um leque, por acaso,
De mão formosa, esculptural, pequena,
Deixou eiva subtil no fino vaso,
Em que fenece esta gentil verbena.

À levíssima falha, penetrando
Na contextura do crystal luzente,
Foi pouco e pouco o vaso contornando,
Até que o circulou completamente.

A agua toda esvahiou-se; está já finda;
Toda a seiva da flôr tem-se exaurido;
Não lhe toqueis; ninguém percebe ainda
Que o vaso de crystal está partido.

Tal, si aquella, a quem amas, vem sorrindo
Pungir-te o coração, mesmo de leve,
Este vaso de amor vai-se partindo
E a flôr, que ahi nascêra, morre em breve;

Nada revêla então que a dôr o abala,
Que se aprofunda o golpe desferido;
Fibra por fibra o coração estala;
Ah! não toqueis num coração partido!

RAUL AZEDO. — Nem uma obra possúo deste escriptor; o prefacio que poz ás *Orações Cívicas e Litterarias* de Phaelante, deixa, porém, adivinhar um espirito superior, admiravelmente aparelhado para o cultivo das letras.

SAMUEL MARTINS. — Irmão do saudoso Martins Junior, começou, como elle, pagando tributo ás musas. Cedo, porém, as desamparou para cultivar as letras juridicas e é nessa especialidade que se tornou mais conhecido e estimado. Tem dado a lume: *Procurações de proprio punho*, *Subsidios para a moderna sciencia do Direito*, *Acções Prejudiciaes*, *O Fiador*, *Authéa*, *Cartilha Popular*, *Execuções das sentenças estrangeiras no Brasil* e *Direito Autoral*. Desses trabalhos só a *Authéa* se destaca como peça litteraria, sendo, como é, uma composição dramatica, inspirada de Sienkiewiez.

Dos livros de poesia encontra-se noticia de dous: *Phototypias* e *Amuletos*, de cujos versos disse o erudito Clovis Bevilacqua que eram «*mimosos e sadios*».

SILVEIRA CARVALHO. — Collaborador de Ademar Tavares, M. Monteiro, Moreira Cardoso e Carlos Estevam no livro *Descantes*, revela possuir as qualidades reclamadas pelo genero. São prova disso as seguintes *trovas*:

«Tenho, a lembrar os dispersos
Castellos que outr'ora ergui,
A pasta cheia de versos
E os versos cheios de ti».

«Santo Antonio foi tentado
Quando pelo mundo andou,
Mas resistiu ao peccado,
Morreu, foi ao céu, gosou...

Se isto fôsse hoje, santinha,
 Se elle te visse, garanto
 Que entre os santos da folhinha
 Não haveria este santo!»

THEOTONIO FREIRE. — E', não só um dos mais brilhantes, como também um dos mais fecundos poetas do norte, além de elegantissimo chronista. Tem publicado, entre outros trabalhos: *Republica, Ritornellos Lyricos, Lavas, Relevos, Stelos, Passionario, Regina. A Esmola da Justiça e Cartas e Chronicas*. São do recente poemeto, *Bronze de Corintho*, os seguintes vigorosos alexandrinos:

«Lavra o incendio inda mais, e mais o rio cresce.

Em cinzas tudo agora. O liquido arrefece,
 Em placas se adelgaça, em blocos se divide,
 Refulgentes, ao sol, que, vertical, incide
 E aloura-se, a luzir.

Os cúpidos guerreiros
 Vendo o novo metal, acercam-se ligeiros,
 Reclamando, exigindo a parte que lhes cabe
 Mas do novo metal o nome ninguem sabe.
 E porque sua cõr lembra a do cobre e estanho,
 E o brilho que derrama é rutilo e tamanho,
 Que offusca, e, percutido, em vibrações rebõa;
 E se o malho retine, elle zunindo atrõa;
 Ou, refundido, o artista o amolda, insculpe, alinha,
 E a massa infõrme e bruta aos poucos se avisinha
 Do humano sêr; e a sonabra e a luz combina e esbate,
 Dando ao rosto a expressão de um forte no combate;

Ou no olhar a doçura e a placidez dos sábios
 — Tempestades na fronte e o riso á flôr dos labios; —
 Ou corpos feminis, esculpturaes, hellenos,
 Evocando a belleza e a plastica de Venus:
 — «Bronze! a turba exclamou — É o bronze de Corintho!»

A arte salvou-te o nome, ó grande povo extincto!»

VIRGILIO DE SÁ PEREIRA. — Desertou das letras para a magistratura, que exerce com raro brilho na Capital Federal. Publicou em tempo alguns trabalhos poeticos, revelando-se sempre escriptor consciencioso, correcto e inspirado. Trattarei em outro lugar da feição principal do seu espirito, que é o jornalismo. São de 1894 as seguintes quadras deste auctor, por mais de um titulo estimavel:

MARCHA PARA O PORVIR

Que nos importa, a nós que impavidos marchamos
 Para a terra ideal das lucidas chimeras,
 O barbaro ulular das desabridas féras
 Dos humanos covis, que para traz deixamos?

Se desabrocha um riso á flôr da tua bocca,
 Se o teu bondoso olhar no meu olhar se espalha,
 Cerremos nosso ouvido á bramidora e louca
 Vozeria sem fim da estúpida gentalha!

Vem... Tua eburnea mão na minha mão se prenda
 Como num vaso etrusco a delicada flôr,
 E um cantico de amor a tua voz desprenda,
 Levando a nossa prece ao Deus do eterno amor!

Vem... que não te amedronte a turba iconoclasta
Que, blásphema, rasteja á sombra do teu pé!
Será teu dôce olhar a luz potente e casta
Que os ímpios dobrará na confissão da Fé!

Marcharemos assim nós dois... os braços dados,
A sorrir, a cantar por este mundo afóra!...
Pouco importa que o mal se estenda aos nossos lados,
Se em teus olhos me dás o fulgor de uma aurora!

Debalde rugirá, desesperada e louca,
A vozeria vil da turba que rasteja!
Para a treva que espalha em nossa estrada a inveja,
Mostras a luz de um sol na purpura da bocca!

São, como se vê, seis estrophes de versos
sonoros e fluentes, que promettiam, sem duvi-
da, obra bem acabada e de mais valor no futuro.

Faço votos para que o illustre juiz não aban-
done o cultivo das musas, nem o da prosa, vol-
tando a brindar as nossas letras com outros
e bellos fructos do seu incontestavel talento.

A Imprensa

De cinco periodicos de maior vulto consta actualmente a imprensa do Recife: *Diario de Pernambuco*, *A Provincia*, *Jornal do Recife*, *Jornal Pequeno* e *Correio do Recife*.

Entre os nomes que mais estimados se tornaram no jornalismo pernambucano, figuram no primeiro plano:

BALTHAZAR PEREIRA. — E' redactor principal da *Provincia*, folha que se tornou desaffecteda do auctor deste livro, por querer envolvel-o em pendencias de mesquinha politicagem. Não lhe nego justiça: é o mais brilhante dos jornalistas pernambucanos, e o seu talento, maleavel e polymorpho, distingue-se e prima em todos os generos, tanto na satyra como nos artigos doutrinaes e de combate.

E' sempre polido e cortez quando discute ou ataca.

ANNIBAL FREIRE. — E' redactor do *Diario de Pernambuco* e um dos melhores jornalistas pernambucanos. Doutrinador e moderado, prefere o argumento á invectiva. Clareza de estylo e precisão de dialectica são as principaes qualidades da sua penna. E' actualmente Secretario de Estado.

ULYSSES COSTA. — Chefe de Policia no actual governo. Foi redactor-chefe da *Cidade de Nazareth*. E' folhetinista do *Diario de Pernambuco* e escreve sob o pseudonymo de *Ramon de Oliva*. Faz-se muito apreciavel no genero leve, sendo sempre lido com muito agrado.

THOMÉ GIBSON. — Proprietario e redactor-chefe do *Jornal Pequeno*. Tem a verdadeira fibra do jornalista. Lente da Escola de Engenharia. O *Jornal Pequeno*, folha vespertina, gosa de larga popularidade no Recife, graças á boa orientação do seu redactor.

OSWALDO MACHADO. — Senador estadual, advogado e redactor do *Jornal do Recife*. Jornalista e pamphletario. Escreve sobre todos os assumptos, e faz tambem folhetins litterarios. E' publicista de pulso forte.

GILBERTO AMADO. — E' natural de Sergipe, mas faz parte da redacção do *Diario* onde man-

tém uma secção que intitulou *Golpes de Vista*. Cursa a Academia de Direito. Perfeita organização de artista, seu grande talento assegura-lhe uma reputação invejavel nas letras. E' orador e escreve com elegancia e correccão.

ARTHUR DE ALBUQUERQUE (Mello). — E' tambem um dos bons jornalistas de Pernambuco, distinguindo-se principalmente nas chronicas ligeiras que escreve com facilidade e humor. Pertence á redacção do *Diario* e milita com ardor na politica do estado de que é representante em uma das duas casas do Congresso.

E' muito popular e estimado no Recife.

GONÇALVES MAIA. — Conheci-o, ha muitos annos, na antiga *Cidade do Rio*, folha de José do Patrocinio. Escrevia então firmando os artigos com as duas iniciaes G. M. Havia, para quem escrevesse naquella folha, a mais cruel das desvantagens, que se traduzia na quasi impossibilidade de attrahir a attenção do publico: Patrocinio era o grande mestre que empolgava os leitores. Dizer que, mesmo figurando ao lado do grande poeta dos escravos, Gonçalves Maia conseguiu ser lido e apreciado no Rio de Janeiro, é o maior elogio que se lhe póde fazer.

Em Pernambuco não foi menos brilhante a sua carreira pela imprensa: além de muitos artigos politicos e doutrinarios, confirmam tal

juizo as suas bellas chronicas de viagem, publicadas na *Provincia* e depois enfeixadas em livro.

O jornalista pernambucano reside actualmente em Manãos.

VIRGILIO DE SÁ PEREIRA. — Distingue-se principalmente como jornalista, tendo deixado traços brilhantes de sua passagem, não só pela imprensa de Pernambuco, como pela de S. Paulo e da Capital Federal. No primeiro daquelles estados fundou a *Cidade*, foi redactor da *Gazeta da Tarde* e collaborou no *Jornal do Recife*. Vindo para o Rio, escreveu na *Gazeta de Noticias* as *Cartas sobre Pedro Ivo*; foi redactor d'*O Paiz* e collaborou na *Noticia*, onde publicou as *Recordações do Imperio*. Em S. Paulo dirigiu por algum tempo o *Correio Paulistano*. De volta ao Rio, collaborou ainda na *Noticia* (chronicas judiciarias).

FARIA NEVES. — E', a par de poeta notavel, um jornalista de grande valor. Polemista vigoroso, cultiva a satyra com rara felicidade.

E' collaborador effectivo do *Diario de Pernambuco*.

SILVA MARROCOS (Dr. Francisco Alcedo da). — Foi redactor chefe do *Jornal do Recife* e do *Commercio de Pernambuco*, tendo escripto tam-

bem na *Revista Industrial e Mercantil*. Auctor de varias theses de Direito, entre outras a que versa sobre *A Poesia do Direito Romano*. E' publicista de merecimento e foi sobretudo na imprensa que mais firmou a sua reputação de escriptor.

Vive actualmente na Capital Federal.

Academia Pernambucana de Letras

Denominação das cadeiras	Membros effectivos
1. ^a Bento Teixeira Pinto.....	A. J. Barbosa Vianna.
2. ^a Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão	Dr. Francisco Phaelante da Camara Lima.
3. ^a Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca.....	Dr. Bianor de Medeiros.
4. ^a Vigario Francisco F. Barreto	Dr. Carlos Porto Carreiro.
5. ^a José da Natividade Saldanha	Dr. Gervasio Fioravante.
6. ^a Fr. Miguel do S. Lopes Gama	Dr. Arthur Orlando da Silva.
7. ^a A. P. Maciel Monteiro.....	Dr. João Baptista Regueira Costa.
8. ^a J. ^m Vilella de C. Tavares...	Dr. J. M. Carneiro Vilella.
9. ^a M. ^{sor} Francisco M. Tavares	Dr. Francisco A. Pereira da Costa.
10. ^a Alvaro Teixeira de Macedo	Eduardo de Carvalho.
11. ^a General J. I. de Abreu e Lima	Dr. Alfredo de Carvalho.
12. ^a Antonio Joaquim de Mello	Dr. J. A. de Almeida Cunha.
13. ^a Francisco de Paula Baptista	Dr. J. I. Martins Junior. *
14. ^a Aprigio J. da S. Guimarães	Dr. Henrique Capitulino Pereira de Mello.
15. ^a Francino Cismontano.....	Ernesto de Paula Santos.
16. ^a Victoriano J. Marinho Palhares	Dr. J. J. de Faria Neves Sobrinho.
17. ^a M. ^{sor} Manoel da Costa Honorato	Dr. Sebastião Galvão.
18. ^a Affonso Olindense	Dr. Luiz de França Pereira.
19. ^a Paulo de Arruda.....	Theotonio Freire.
20. ^a Demosthenes de Olinda.....	Celso Vieira.

* Martins Junior foi substituido por Arthur Muniz.

MEMBROS HONORARIOS

Dr. Sylvio Romero. — Dr. Clovis Bevilacqua. — Monsenhor Raymundo de Penafort. — Dr. Antonio Feijó. — José Verissimo de Mattos. — Commendador João J. Salgado. — Barão de Studart. — Dr. J. C. Braner.

Por um numero da *Revista*, verifico que a Snr.^a Ignez Sabino foi feita socia correspondente da *Academia Pernambucana!*
Parece pilheria!

Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco

Deste Instituto fazem parte, entre outros:

Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire.

Dr. João Baptista Regueira Costa.

Desembargador Antonio Pedro da Silva Marques.

Desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade.

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho.

Dr. Aprigio Carlos de Amorim Garcia.

Major Augusto Cesar da Cunha.

Dr. Victalino Cordeiro Lins.

Dr. Carlos Ferreira Porto Carreiro.

Dr. Manoel Arthur Muniz.

João Walfredo de Medeiros.

Dr. Bianor de Medeiros.

Fernando Barroca.

J. P. da Rocha Pereira.





ALAGÔAS

ESTADO DE ALAGOAS

LIMITES. — Ao norte e a oeste, o estado de Pernambuco; a leste, o Atlantico; ao sul, Sergipe e Bahia.

COMMERCIO. — Algodão e assucar.

GOVERNO. — Identico ao do Maranhão.

DIVISÃO MUNICIPAL. — O territorio é dividido em 34 municipios.

CAPITAL. — *Maceió*, prospera cidade de 35 mil habitantes, com o porto de Jaraguá, a 1244 milhas do Rio de Janeiro e a 120 do Recife. Vae tendo grande desenvolvimento commercial e conta já não pequeno numero de bellos edificios, sobresahindo dentre todos o palacio presidencial, um dos primeiros do norte.

CIDADES PRINCIPAES. — Alagôas, Pilar, Atalaia, União, Porto Calvo e Penedo.

ESTRADAS DE FERRO. — Possui duas: a *E. F. Central das Alagôas* e a de *Paulo Affonso*, comprehendendo ambas 270 kilometros de trafego.

REPRESENTAÇÃO FEDERAL. — Seis deputados e tres senadores.

GOVERNADOR ACTUAL. — Dr. Euclides Vieira Malta.

As emboladas

(ESTUDO DE FOLK-LORE)

Foi Alberto Nepomuceno, parece, quem primeiro soube dar aos motivos da musica popular, pelo desenvolvimento thematico, uma grande dignidade orchestral, procurando na variedade dos timbres, na escolha dos naipes de instrumentos e na boa distribuição das partes conjugadas os melhores e mais suggestivos efeitos da esthetica musical. Um grande serviço lhe ficámos devendo nessa obra meritoria, apesar da myopia de uma certa critica, tão impetente e audaciosa quanto incapaz de comprehender o alcance de tão patriotico tentamen.

E' com muito trabalho e muita paciencia que, ainda no dominio da poesia, se ha de fazer comprehender a essa critica de escada abaixo o alto valor e a grande significação das creações populares. Pessoas ha, mesmo de uma regular cultura intellectual, que julgam a poe-

sia, de qualquer natureza que ella seja, popular ou erudita, um mero passa-tempo de desoccupados, simples producto de um cerebro escaldado pela paixão ou pela phantasia. Ignorantes da segunda como a mais nobre e a mais eloquente de todas as artes, muito não é que não cheguem a comprehender a primeira que, a despeito do falso juizo em que a possam ter, é e será sempre um monumento litterario do mais alto valor, reflectindo directamente a alma de um povo, como espelho fiel denunciador do seu espirito, da sua imaginação, das suas crenças e dos seus costumes. Pelo estudo dos monumentos litterarios chega-se a descobrir, como assignala Taine, a maneira pela qual sentiram e pensaram as gerações dos seculos anteriores ao nosso; equivalendo a posse de tal conhecimento á de todos os dados para escrever a sua historia. Poder-se-á descobrir através das distancias — diz o grande critico — o homem vivo, exercendo a sua actividade, dotado de nervos e de paixões, com os seus habitos, a sua voz e a sua physionomia, tão completo e distincto, emfim, como qualquer outro que nos fôsse dado encontrar, agora mesmo, na rua. Assim como da poesia e da arte moderna colhemos a percepção quasi photographica da vida contemporanea, por mais complicada que ella possa parecer; assim, se percorrermos os poemas e os monumentos litterarios de outros seculos, ainda

mesmo dos mais remotos, encontraremos as feições características de outras épocas e de outros homens que viveram então, reproduzindo, como *syntheses* extraordinarias, todos os individuos e todos os costumes de seu tempo. Está nesse caso a poesia popular, qualquer que ella seja: a simples quadra, o desafio, a xacara, o romance, a chegada ou o reisado, em que um leve traço, um conceito ou uma imagem póde ser a denunciação de um character, a fonte de uma *psychologia* inteira e completa.

A poesia *anonyma* do Brasil está cheia dessas fulgurações reveladoras, e desde os conceitos *moraes* e *philosophicos* até ás observações e á *phantasia*, desde as tradições e as crenças até aos costumes, ás tendencias e aos *ideaes*, tudo se encontra no riquissimo e farto thesouro das produções populares. Ha, na musica, que lhes é propria, uma manifestação parallela do nosso sentir, tão expressiva e tão eloquente como a da poesia. Esse facto reproduz-se em outros paizes com a mesma força e a mesma significação: os *lieder* allemães reflectem tão precisamente a alma contemplativa e sonhadora dos filhos da Germania como as melhores *estrophes* de Goethe, de Schiller ou de Uhland; a musica franceza, alegre, espirituosa, caricatural e até bellicosa, reproduz com justeza os traços característicos dessa raça privilegiada; do mesmo modo que as *jigues* inglezas, mais

rapidas que alacres, traduzem com fidelidade o caracter sêcco e positivo do grande povo britânico. A nossa musica popular não é menos rica, nem menos caracteristica; andam, porém, esparsos os seus muitos exemplares pela immensa vastidão do territorio nacional, e benemerito será o compositor que, como Alberto Nepomuceno, se der ao trabalho de colligir essas perolas do nosso thesouro sentimental e artistico, transportando-as para a téla orches-tral, opulento escritorio que as deve guardar.

Foi pensando nisso e seguindo o natural pendor que ultimamente me tem dirigido para os estudos de *folk-lore*, que me senti attrahido pelo tradicional baile do *côco* alagoano, muito mais caracteristico e mais traductor dos costumes do Norte que os celebrados descantes da Bahia, monotonas melopéas entoadas em torno de um thema eterno e invariavel: o louvor do *Bom Jesus* ou do *Senhor do Bom Fim*.

O *côco*, cantado principalmente em Pernambuco e Alagoas, assemelha-se um tanto ao nosso *chiba*, ou *samba* praieiro; está, porém, tão radicado na segunda daquellas duas circumscripções territoriaes do paiz, que até nas casas da primeira sociedade de Maceió não raramente se improvisam essas funcções populares. E' ao som do *gunzá* (cylindro de folha cheio de pequenas pedras, á guiza de chocalho) que se cantam as *emboladas* do Norte, — longas tiradas

em que o trovador popular celebra, quasi sempre de improviso, o acontecimento capital do dia ou o personagem mais em destaque nos arraiaes da politica.

De um applaudido e popular trovador de *emboladas*, geralmente conhecido por *Madruga*, é a seguinte historia, por elle mesmo contada em uma daquellas funcções:

O AÇUDE

Eu no *trabaio* nasci,
No *trabaio* me criei;
Nada *inóro* do *trabaio*,
Pois nelle me habilitei;
Vou lhe *contá* uma *históra*
Dum açude que *foimei*:

Entrei por um vão de serra
Do engenho do Trapiá;
P'ra *fazê* o meu açude
Gastei grande *cabedá*;
Antonces fiz uma obra
P'ra nunca mais se *acabá*!

Nos *alucerce* gastei
Dois mil *arqueire* de *cá*,
Quinhentos *trabaiadó*
E dois mil *officiá*,
Tudo *angola* e *estrangêro*
Da *portecão naturá*.

Dois mil *arqueire* de *pórva*
Só p'ra *furá* os *lagêro*,
Que na caixa desse açude
Tem tanque e tem *carderêro*;

Quando ás *peça* disparava,
Zuava no mundo *intêro*!

Quando esse açude se encheu,
O povo se *adimirou*;
Zuava que nem o *má*,
Roncava que nem *vapô*;
Inté a terra tremeu
Quando deu no *sangrandô*!

Quando deu no *sangrandô*,
Causou *adimiração*;
Numa hora de *relojo*
Havia agua a *bambão*;
Na lapada das *baleia*
Rabanava os *tubarão*!

Na *embocação* desse açude
Eu *foimei* um *hospitá*:
Tem doente e *enfermêro*
E doutô p'ra *receitá*;
Sacristão bate no sino
E o padre vem *confessá*!

No paredão desse açude
Perparei uma cadeia;
Botei cinquenta mil *preso*:
Não deu p'ra *ficá* nem meia!
Deu nella o *calô de figo*,
Rachou *inté as oreia*!

Quem *entrá* nessa cadeia
Penso que nunca mais *sái*:
Si *fô véio*, morre logo;
Si *fô minino* ou *rapais*,
Intísica, secca a carne,
Racha o couro e os *ósso* cai!

Esses versos, apanhados na fonte de origem, pois fôram tachygraphados por um amigo que pôz toda a solícitude nortista no empenho hospitaleiro de me ser agradável, dão idéa bem nitida e segura dessa prodigiosa riqueza de imaginação que, a par da espontaneidade, é o traço característico da nossa poesia anonyma, sempre opulenta e brilhante em alguns Estados, notadamente no Ceará, em Pernambuco, em Sergipe e nas Alagôas.

Em um côco pernambucano, o solista cantava, entre outras quadras, a seguinte:

«As canoa avirou
Lá no fundo do má;
Avirou, avirou,
Ai deixal-a avirá!

O côro, fortalecido pelo chocalhar do *gunzá*, fazia o acompanhamento, repetindo sempre o mesmo motivo:

Sinhá Don-don
Este côco é bom
Sinhá Don-don,
Este côco é bom!...

Taes funcções prolongam-se ás vezes por noites inteiras.

O trovador enamorado não perde nessas occasiões o ensejo que tão propiciamente se lhe offerece para revelar uma paixão até ahi dis-

cretamente guardada, ou recriminar os labios que perjuraram e os corações inconstantes.

Quando elle quer insinuar que duvida das juras de quem lhe protesta a propria innocencia, exclama em tom de ironia desdenhosa:

«Quando a mulher quer negar
Que offendeu o seu amor,
Ajunta dedo com dedo,
Jura por Nosso Senhor!»

Quando quer exaltar as qualidades da mulher amada com a discreção que requer um sentimento ainda não divulgado, diz com reserva e delicadeza o que se contém na seguinte quadra:

*«Cravo branco, quando se abre,
Parece a c'rôa de um rei:
Eu comparo o cravo branco
C'uma pessoa que eu sei!»*

Quando quer affirmar a sua constancia e o desejo de permanecer fiel ao objecto do seu enlevo, faz igualmente em verso esse protesto:

«Fui soldado, sentei praça
No regimento do amor:
Como sentei por meu gosto,
Não quero ser desertor».

Exemplo de musica e letra de um côco alagoano:

Vi o teu ras-to na-rei-a, meu bem-zi-nho. Me puz a con-si-de-rar, me puz a con-si de - rar. Que teu cor-po tem tal mi-mo, meu bem-zi-nho. Que teu ras-to faz cho - rar. Que teu ras-to faz cho - rar!...

A medida musical comporta todas as quadras de redondilha maior com predominancia tonica na 3.^a, na 5.^a e na 7.^a syllaba. Pertencem ao mesmo côco, cantando nas Alagôas, as seguintes quadras:

«A laranja, de madura,
Cahiu n'agua e foi ao fundo;
Os peixinho tão dizendo:
— Viva D. Pedro Segundo!»

«Nunca vi carrapateira
Botá cacho na raiz;
Nunca vi moça sorteira
«Tê palavra no que diz!»

Quem quer que tenha analysado o motivo musical desse canto, facilmente ha de verificar a perfeita harmonia da toada com o conceito e a melancolia daquella primeira quadra, uma

das mais inspiradas que tem produzido a musa dos nossos trovadores incultos.

Ha desses especimens em profusão em toda a zona do littoral brasileiro, desde a Bañia até ao Piahy.

Farta mèsse de preciosidades colheria o estudioso, ou o artista que a percorresse com o louvavel intuito de ainda mais enriquecer o ja opulento thesouro das nossas produccões poeticas e musicaes.



II

Poetas

Não ha, talvez, paiz algum no mundo em que a producção poetica seja tão copiosa como no Brasil; tão copiosa e tão lastimavel. Publicam-se annualmente em nossa terra cerca de mil volumes de versos, e certamente não andará em erro quem affirmar que apenas dous ou tres conseguem ser apreciaveis, ficando 5 % para os medioeres e o resto para os repositórios de imbecilidades rimadas. Apesar da obra de elogio mutuo e dos louvores que a critica de encommenda vae tecendo aos segundos, e até mesmo aos ultimos, a verdade é que os poetas brasileiros incontestavelmente dignos desse nome são ainda os mesmos de vinte annos atraz. Da chamada nova geração, apparecida depois da Republica, quasi nem uma capacidade notavel se revelou até agora na poesia.

Os bons trabalhos do genero, que de vez em quando apparecem, são sempre lampejos da geração que succedeu á de Varella, de Castro Alves e de Casimiro de Abreu e que tem ainda as suas fulgurações mais intensas na musa de Luiz Delfino.

Não será difficil determinar a causa dessa penuria, se se tiver em conta a crise mental que vae atravessando o paiz em consequencia do rebaixamento a que desceu a instrucção. E' tenebrosa nesse particular a perspectiva do nosso futuro. As academias estão cheias de moços sem o menor preparo, nem mesmo nas disciplinas elementares. A lingua é quasi completamente ignorada pelos que se propõem á conquista de um pergaminho — aspiração de todo filho de uma terra em que esse favor se concede e prodigalisa com a gravidade de um crime. Inutilisam-se impunemente os membros do magisterio que recusam cumplicidade a tão deslavada torpeza.

E' dessa geração que ahi está, sem preparo e sem ideal, que, além dos candidatos aos cargos da politica, sahem tambem os escriptores sem idéas e os poetastros sem grammatica.

Raras são as excepções a esse lastimavel estado de decadencia espiritual.

Na poesia, principalmente, são poucas as figuras de destaque. Já se me deparou a occasião de revelar a de Raul Machado, talentoso

poeta de dezoito annos, què tive a fortuna de encontrar na capital da Parahyba; Sergipe teve egualmente uma promessa auspiciosa no primeiro livro de Hermes Fontes. Tenho agora o ensejo, e ensejo bem feliz, de me referir a outro talentoso cultor das musas com o qual traivei relações na cidade de Maceió.

Trata-se de Julio Auto que prefere firmar seus trabalhos com a assignatura mais conhecida, mas por ventura menos sonora, de Cruz Oliveira.

- Julio Auto (prefiro chamar-lhe assim) não é um adolescente, nem um principiante: em idade, já deve ter entrado na casa dos trinta; em poesia, ha muito que lhe sahiu o dente do sizo. E' juiz na sua terra e sei que já poetava nos primeiros annos de Academia, onde deixou tradição.

São desse tempo algumas producções singelas e sem rigores de fórma, que já revelavam, no emtanto, o estro espontaneo de um verdadeiro poeta. Basta lêr as seguintes quadras, complemento de uma composição mais longa, escripta ainda nem cartão postal:

.....
«Fui trovador, e o ter sido
Hoje me dóe como um crime,
Porque um poeta é sempre um doido,
Embora um doido sublime...

Sonha-se rei, vê-se rico,
Mais rico do que um nababo,
E, entretanto, as mais das vezes
Não passa de um pobre diabo!

Tem cousas deliciosas,
Falla de amor, de illusão,
Mas... ou soffre da cabeça,
Ou soffre do coração !)

São ainda desse mesmo tempo e do mesmo genero, os seguintes versos, escriptos tambem no cartão postal de uma senhora que havia pedido ao poeta lhe desse uma definição de *saudade*:

«A saudade ? Eu não sei bem:
Nasceu-me desse desejo
Que tenho, de vêr alguém
Que ha muito tempo não vejo.

E a saudade é quasi nada,
E' sómente uma dôrzinha
Delicada
Que nos dóe tão subtilmente,
Mas tão de subtil, que a gente
Inda mais a adivinha
Do que sente».

Passou depois o auctor a cultivar as velhas fórmulas da glosa e do villancete, dos bons tempos de Camões e dos quinhentistas. Ahi vae uma pequena amostra que já recommenda a sua musa sentimental:

VILLANCETE

Quem será que vos não queira ?
Mercê de vós, que sois bôa,
Toda mão vos abençôa.

VOLTAS

Ai de mim que, se infelice
Vos mostrais porque vos quero,
Bem sabeis que fui sincero
Quando aquelle amor vos disse.
E haverá quem não cubice
A vossa mão feiticeira ?
Quem será que vos não queira ?

Se o vosso rancor me vem-
De algum velho amor que eu tive,
Por ventura ha quem se esquive
De ter amores ? Ninguem...
Todo mundo vos quer bem,
Todo mal se vos perdôa,
Toda mão vos abençôa.

E' já obra de poeta em todo o seu vigor de
lyrismo sentimental e apurado.

Continúa a evolução, revelada agora nos
versos de despedida á vida academica:

AGUAS PASSADAS

Vae-te ! Foge de mim ! Não quero vêr-te... Agora
Passo alegre e feliz pela existencia afóra,
Sou bohemio e cantor. Os meas novos amores
Tenho-os ao gosto meu, como bouquets de flôres...

Eu não quero illudir-te e não quero illudir-me:
Ao teu lado, bem vês, sou maior, sou mais firme,
Sou grande como um Deus, fórte como um carvalho.
E a luz do meu perdão sobre o teu rastro espalho.
Em ti vejo sómente a mulher moça e bella,
Na apparencia a visão de uma que amei, singela,
De uma que eu sempre amei, de quem tenho a lembrança
Como de um sonho bom que bem longe decança...
E' tudo. Nada mais. O que resta é o presente:
A mulher... a poesia... o vinho bom, sómente.

E adeus! Foge de mim; vae-te... Segue o teu rumo...
O que fôste, eu sonhei. Nosso passado é o fumo
Que a lufada varreu; tu não fôste mais nada
Do que a fria visão de uma noite gelada:
Veio o dia, acordei; da visão nada resta...
Hoje é a luz, o trabalho; a natureza em festa
Canta um hymno triumphal glorificando a vida.
Nem a nodoa, siquer, de uma nuvem perdida...
E por isso, bem vês que seria loucura
Repousares ainda a tua fronte pura
Um minuto, siquer, um segundo, um momento,
Sobre o meu coração mais voluvel que o vento...

Eu não quero insultar o teu amor, nem tenho
A minima intenção de te ser agradavel...
Tu bem sabes de mim, que tudo isso desdenho,
Quanto a farça a meu vêr sempre me foi odiavel.

Consequencia, talvez, de um cabellino branco
Que, hontem, mirando o espelho, encontrei na cabeça,
Hoje muito mudei: sinto-me até mais franco;
De tudo fallo mal, mereça ou não mereça.
Gosto menos de Deus que da litteratura,
Leio as *Flôres do Mal* e desprezo o Evangelho
E em direito eu bem sei que a minha compostura
Nem siquer teve o olhar de um magistrado velho.

Tenho momentos máos — fructos da experiencia —
E o meu senso commum é tão fiel e é tanto,
Que, embora eu viva a crêr na tua complacencia,
Fujo do teu olhar — todo mysterio e encanto.
Porque, emfim, quero crêr que, se ainda me queres,
Não m'o diz, como outr'ora, esse olhar que me fitas,
E amo o bello e a poesia, amo o vicio e as mulheres.
Pondo acima de tudo as mulheres bonitas...

Comtudo, inda não pude habituar-me á vida
Que hoje vivo arrastando — insolente grilheta —
E até sinto minh'alma estremecer ferida
Quando acaso recordo a tua trança preta.
E agora, ultimamente, ha tres dias, se tanto,
Vivo só de pensar, tal e qual como um frade,
Na maneira melhor de me fazer um santo,
Apezar do meu genio e da minha maldade...

Nesses versos offerecidos a Gervasio Fioravante, transparece a maneira de poetar de Guerra Junqueiro na dedicatoria da *Morte de D. João*: é o mesmo estylo a par da mesma espontaneidade.

Vejam os outra feição do poeta: sirva para definil-a o seguinte quadro, tão feliz na traducção de um estado de alma de verdadeiro artista:

PRIMEIRO AMOR

Ainda hoje, recordando os meus ricos vinte annos,
Acode-me á lembrança uma porção de cousas:
Castellos, versos meus, illusões, desenganos
E os amores que tive — inquietas mariposas.

Más de tudo o que mais por entre a luz diffusa
 Dos meus sonhos rebrilha, é um nadã, um quer que seja
 Que me lembra a visão que eu tenho de uma blusa
 Vermelha e de um chapéo com flôres de cereja...

E' singelo, mas é bom. São do mesmo ge-
 nero as seguintes quadras:

De todas vós que dormistes
 Sobre o meu peito inclinadas
 A' luz dos luares tristes
 Daquellas noites geladas,

Ouvindo de quando em quando
 O vento uivar pelas franças
 E o velho mar suspirando
 Ao beijo das ondas mansas;

De todas vós, nem mais uma
 Resta a mim que vos queria...
 E as montanhas vestem bruma,
 E a noite de hoje é tão fria!

Depois disso, é tempo de expôr a melhor
 galeria do nosso poeta. Eil-o já senhor e mes-
 tre da arte do soneto, só agora firmada nesse
 estadio final da sua transição, porque o auctor
 teve o bom senso de não começar por aquella
 fórmula de poesia, ao contrario do que fazem hoje
 todos os principiantes:

HONTEM E HOJE

Quando, ha tempo, me fui, (vê que presentimento!...)
 Ia apenas transpondo o limiar da porta,
 — Fôsse engano, talvez, fôsse talvez o vento —
 Presenti que ao voltar te encontraria morta...

— «Pois eu, que deste amor vivo todo momento,
Que o sinto a mais e mais que a minh'alma conforta,
Pela vida errarei, como um côrvo agourento
Que o céu limpido e azul tristonhamente corta?»

Disse. Disse e me fui. O mais rapido instante
Nem siquer te esqueci. Cantava-me ao ouvido
O teu beijo de adeus pelo meu corpo errante...

Hoje volto. «Onde estás?» — O teu nome é um gemido...
É o teu corpo? O teu corpo anda-me tão distante
Como a sombra de alguém que tivesse morrido...

OLHOS

Olhos! Tantos amei quantos me abandonaram...
Tantos cobri de bens, de ineffaveis ternuras.
• Quantos me querem mal, que em lugar me deixaram
De minhas illusões, desillusões bem duras.

E dizer que os perdoei; que máo grado amarguras
De que venho de encher dias que se passaram,
Só lhes dêsejo o bem das caricias mais puras
— Que hoje me apraz perdoar os que me não perdoaram!—

E isso me cura um pouco esse desgosto immenso
De amal-os, esse tedio, a fartura, o cansaço
Da vida; e me dá mesmo um prazer quando penso

Nas vezes em que a sós elles se consideram
E me admiram maior, pelo bera que lhes faço,
Do que elles, pelo mal que sempre me fizeram.

PAX

Quando na tua campã as rosas brancas, umas
Após outras, milhões, fôrem de ti brotando,
Rebentadas assim da seiva com que estrumas,
A terra onde em teu corpo andam vermes pastando;

Quando os alvos jasmims — mais alvos que as espumas —
Brotarem sobre o leito em que tu dormes; quando
Nada mais te restar que essas pequenas plumas
De flôres, em silencio aos ventos balouçando;

Que magoa a do que fica: a alma á saudade aberta,
Desolado beduino olhando o céo, perdido
Entre o azul do infinito e a planicie deserta !...

Que paz a do que morre: a dôce paz do morto
Insensível, dormindo o somno indefinido,
Todo entregue ao *não-ser* desse immenso conforto !...

FALSO

E agora, que fazer, se, em minhas mãos presente,
Leio uma carta aqui de alguém que a denuncia ?
Mas talvez nem sequer lhe passasse na mente
Essa idéa fatal de abandonar-me um dia...

Ainda hoje, ao lebrã-a, eu beijava e relia
Aquelle seu cartão que tive, quando ausente:
«Julio, porque não vens ?» — assignado: «Maria»,
E á margem, num cantinho: *amo-te doidamente*.

E esta carta, no emtanto, o contrario revela !
Comtudo, o meu amor nem de leve desmaia,
E eu vejo-a cada vez mais pura e mais singela !

Em nada posso crêr, que, a mim, traia ou não traia,
A mim bastar-me-á que veja os olhos della
E a luz do seu olhar sobre os meus olhos caia !

ORGULHOSA

Não é que sejas mais do que és realmente,
Nem de tantas que amei sejas a mais perfeita:
O orgulho é que te empresta esse ar indifferente
De alma superior que de tudo suspeita.

Vales tanto quanto eu, que a tua carne sente
A delicia de andar aos peccados sujeita;
Mas o instincto nos faz o batracchio indolente
Que da lama em que vive as estrellas espreita.

E olha, minha fatal e orgulhosa rainha:
As paixões não são más; nós podemos contêl-as;
Somos do mesmo barro, a tua carne e a minha...

Quantas vezes contigo, a sós, não te condemnas!
— E um verme, porque sonha e se eleva ás estrellas,
Não será, porventura, um pobre verme apenas?

Creio que tenho copiosamente documentado
o juizo que fórmoo sobre o poeta alagoano, um
dos mais formosos talentos da geração contem-
poranea. Ponho ainda nestas linhas reveladoras
mais uma das brilhantes producções que pude
obter por copia, do proprio auctor:

Quando eu tinha de vir, se não sabias,
Se porventura alguém não t'ò contava,
Que pressa de me vêr, dias e dias
Suppondo a cada instante que eu chegava!

E ás saudades de mim, que bem dizias,
Olhando o mar, o teu olhar buscava
Uma vela que, ao longe, entre sombrias
Nuvens do azul e aguas do mar, passava...

E hoje que resta ? Aquellas tranças pretas
Onde minh'alma adormeceu maguada
E andou por entre aromas de violetas !...

De tudo aquillo que nos resta ? Nada !
— A lembrança de uns sonhos, borboletas
De uma campina agora devastada...

Uma ultima citação sirva de remate a este
capitulo de citações: ella attesta, do mesmo
modo que as precedentes, o alto valor do poeta
que pela sua propria obra tem sido retratado
nestas paginas:

Quanto não deve doer esse obscuro supplicio
De que um fado ruim fêl-a agora vencida !
Desgraçada como é, presa ao peccado e ao vicio,
Mais no afan de esquecer que de gosar a vida,

Essa garça real, de alva e doce pennugem,
De olhos da côr do mar, verdes e transparentes,
— Alma que um mão destino atirara á salsugem
Do vicio, retalhando o corpo a extranhas gentes; —

Dir-se-hia que inda tem, num recondito escuro
De su'alma, como um lyrio a crescer entre abrolhos,
Um quer que seja assim de mysterioso e de puro
Que ás vezes lhé entristece a malicia dos olhos...

Essa poesia psychologica é uma tendencia
natural e organica da musa de Julio Auto; é
ella, principalmente, que denuncia o traço forte
e brilhante desse espirito — um dos mais finos

e estimaveis que tenho tido a ventura de conhecer.

MATHEUS DE ALBUQUERQUE. — E' um dos poetas alagoanos que merecem destaque. Tem vivido em Pernambuco, onde se tornou conhecido e estimado como cultor das musas. Foi ahi que escreveu e recitou a *Ode Civica*, por occasião do enterro de Martins Junior. Destaco as ultimas estrophes:

.....

Velhos vultos de heróes, ó martyres eleitos,
Envolvidos na poeira historica dos feitos
Que o passado legou para futuro exemplo!
Não mais palpitareis nos tumulos distantes
Que elle, em febre, apontava ás massas delirantes,
Cegas do seu fulgor, como um sagrado templo!

E vós, mestres da sciencia, e vós, almas de artistas,
Romeiros da verdade, e suaves phantasistas,
A' verdade e á belleza unidos para a gloria;
Buscae no rijo sol, pedi ao luar tristonho,
O pensador austero, o vosso irmão de sonho,
Que hoje sobe aos senis, bronzeos seios da Historia.

Mestre querido! enquanto o Espirito immanente
E o puro Coração vibrarem fortemente,
Páirando muito além do humano sorvedouro,
Teu nome vibrará na acclamação das éras,
Com o divino esplendor de eternas primaveras,
Descortinando á patria um fulgido thesouro!

Musa, um vasto clamor de magua soberana,
Da cidade sem calma á placidez serrana,
Perturba o coração desta encantada terra,
Como o oceano a fremir pela voz de uma vaga,
Que o revolve e domina, e vem de fraga em fraga,
Dando aos beijos da luz as perolas que encerra !

Ajoelha-te, constricta, e a syrma de ouro arrasta,
E exhora — na expansão da voz serena e casta
Com que sabes vencer as intimas procellas —
A essa Força immortal que nos ergue e supplanta:
Para o corpo vencido — o amor da terra santa,
Para a alma vencedora — o throno das estrellas !»

Tenho noticia de outros trabalhos do joven poeta alagoano, mas não me foi possivel obter nem um dos seus sonetos, dada a urgencia com que precisava ultimar este livro. Fio que as estrophes acima serão sufficiente attestado do seu engenho, além de robusta prova do honesto escrupulo com que sabe cuidar a fórmula...

Outros escriptores tem produzido o estado de Alagôas, um dos de mais cultura litteraria no Brasil, e foi lá que viu a luz do berço Guimarães Passos, o inspirado poeta do *Lenço* e dos *Versos de um Simples*.

Faltam-me, porém, os dados necessarios para mencionar os seus trabalhos, que tomarão outro vulto se, porventura, sahir publicada uma nova edição deste livro.

Resta-me fallar de:

LUIZ FRANCO. — Joven poeta que parece destinado a brilhantes conquistas. De seu bello talento é attestado bastante lisongeiro o seguinte soneto, já trabalhado e polido por um artista do verso:

A UMA PALMEIRA

O' palmeira triumphal, que, aos rigidos combates
Do tufão rugidor, ergues teu vulto heril!
Sobre teu solio augusto, onde nunca te abates,
Olhas o valle, a serra, o escavado alcantil.

Ouves o vento vir, ora em rudes embates,
Ora leve, a passar rumoroso e subtil,
Surjam do oriente em fogo as nuvens escarlates,
Ou se estenda no espaço o amplo docel de anil.

Nesses dias brumaes de tédio e isolamento,
Em que a ausencia de alguém se transfunde em pezar,
Vejo-te, erguida para o opaco firmamento;

E, olhando a oscillação das palmas verdes no ar,
Nesse eterno vai-vem, quanta vez avivento
Maguas que hão de fugir... sonhos que hão de voltar !...





BAHIA

ESTADO DA BAHIA

LIMITES. — Ao norte, Pernambuco e Piauí; a nordeste, Sergipe; a leste, o oceano Atlântico; ao sul, Espírito Santo e Minas Geraes; a oeste, Goyaz.

COMMERCIO. — A exportação consiste principalmente em fumo, cacão, assucar, diamantes e algodão.

GOVERNO. — Os tres poderes.

DIVISÃO. — E' em 127 municipios.

CAPITAL. — *S. Salvador* ou *Bahia*, a 720 milhas do Rio de Janeiro, séde de um arcebispado, com 250 mil habitantes. Divide-se em *cidade baixa* e cidade alta, sendo a primeira exclusivamente commercial

CIDADES PRINCIPAES. — Itaparica, Cachoeira, Ilhéos, Feira de Sant'Anna, Alagoinhas, Joazeiro, Valença, Nazareth, S. Felix, S.^{to} Amaro, etc.

ESTRADAS DE FERRO. — Uma que vae da capital á margem do Rio S. Francisco, e outras menores, com o total de 1.300 kilometros.

REPRESENTAÇÃO FEDERAL. — Vinte e dous deputados e tres senadores.

GOVERNADOR ACTUAL. — Dr. João Ferreira de Araujo Pinho.



Dr. João Ferreira d'Araujo Pinho



S. SALVADOR

A cidade de *S. Salvador* ou *Bahia* foi fundada, como ninguém ignora, por Thomé de Sousa, primeiro governador geral do Brasil, em 1549. A velha metropole conta hoje cerca de 250 mil habitantes e é o primeiro ponto forçado da escala que fazem os navios em viagem do Rio de Janeiro para a Europa. Em situação admiravel e pittoresca, acha-se perto da entrada e ao oriente da bahia de Todos os Santos. Divide-se em cidade alta e cidade baixa, comprehendendo esta ultima os bairros commerciaes e achando-se ligada á primeira por meio de um plano inclinado e de um elevador electrico. A topographia da região é o maior obstaculo á remodelação da cidade e aos melhoramentos materiaes que só muito difficilmente e á custa de enormes saerificios poderiam ser realisados. A parte commercial offerece, por

isso, espectáculo pouco suggestivo ao viajante de outros centros em que a vista não se entristece diante da casaria vetusta, ás vezes secular, que se observa na Bahia a par da falta de hygiene e de asseio em ruas lamentavelmente descuradas e orphãs da vassoura municipal. Na cidade alta o aspecto vae pouco e pouco mudando, até que no bairro chamado da *Victoria* tem-se a impressão lisongeira de quem subitamente se encontrasse em um arrabalde do Rio de Janeiro, ou de S. Paulo. Outros logares encantam pelo pittoresco da paysagem, ou pela amenidade do clima, havendo, a poucos kilometros da cidade, algumas praias de banhos, que attrahem a população rica ou mesmo remediada da capital, durante os mezes do verão.

O municipio da capital onde, ouvi dizer, ha mais de tresentas egrejas, comprehende as freguezias urbanas: Sé, S. Pedro, Sant'Anna, Nazareth, Conceição, Pilar, Santo Antonio Brotas, Mares, Victoria e Penha; e as suburbanas Paripe, Passé, Maré, Itapoan, Pirajá, Matoim e Cotegipe.

O recenseamento de 1900 accusou uma população de 205.813 habitantes, que se elevou em 1905 a 230 mil, com 7.805 eleitores, proporção, como se vê, por demais insignificante, de menos de 4 %.

E' grande o movimento commercial da Bahia. Entre os seus principaes estabelecimentos

de ensino, notam-se: a Faculdade de Medicina, o Instituto Normal, o Gymnasio da Bahia, e o Instituto Agronomico e Industrial.

Possúe dous bons theatros: o *Polytheama* e o *S. João*. Visitei, nas proximidades da capital, as cidades da *Cachoeira*, de *S. Felix* e da *Feira da Sant'Anna*, assim chamada por ser a séde de uma importante feira de gado. *Cachoeira* é a maior e a mais importante das tres; mas a *Feira de Sant'Anna* é já uma bellissima cidade moderna, com amplas avenidas e predios de boa construcção, offerecendo, além disso, admiraveis panoramas e clima delicioso.

Como em quasi todo o Brasil, os hoteis na Bahia constituem a principal tortura do viajante: na propria capital os que existem estão longe de satisfazer os mais modestos requisitos de conforto e de bom passadio.

O serviço de viação na capital é feito pela electricidade.

Alguns Auctores Bahianos

Não me proponho a um estudo demorado sobre as lettras bahianas, nem tão pouco a repetir conceitos ácerca dos auctores que avultam na litteratura, na politica e no jornalismo da capital federal. O intuito deste livro é todo um esforço de vulgarisação: alguns auctores apenas caberão, por isso, nas linhas geraes do seu plano.

HENRIQUE DE CASAES.—Formou-se pela Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes da Bahia, tendo regido a cadeira de Pedagogia na Escola Normal daquella cidade. Cultiva as lettras e é jurisconsulto de reputação. Reside actualmente no Rio, onde occupa um cargo publico.

São de sua lavra os seguintes versos:

UM VELHINHO DAS LENDAS JAPONEZAS

I

Rosam antigas lendas japonezas
Que um velhinho de plagas mysteriosas
Fazia refluorem mortas rosas
E arvoredos daquellas redondezas.

Tinha para amarguras e tristezas
Medicinas subtis, maravilhosas;
Mesmo de longe, curas portentosas
Fizera em almas de agonia prezas.

O mais fundo pesar, a mais sombria
Dôr, transformava em limpida alegria,
O velhinho das lendas japonezas,

Que fazia florirem mortas rosas
E tinha medicinas mysteriosas
Para curar pesares e tristezas.

II

Lendo acaso vetustos alfarrabios,
Senhora, descobri esse divino
Remedio que ao pesar o mais ferino
Desfaz os amargores e resabios.

Fidalgos e plebeus, nescios e sabios
Por certo invejariam meu destino,
Si soubessem que eu tenho o peregrino
Filtro que alegra corações e labios.

Quando vos torturar o amargo tedio,
Senhora, dar-vos-ei desse remedio
Do velhinho das lendas japonezas

Que fazia florirem mortas rosas
E tinha medicinas mysteriosas
Para curar pesares e tristezas.

MENDES DE AGUIAR (Joaquim Luiz). — Fez o curso completo de theologia no seminario da capital, recebendo ordens menores. Deixou, porém, a clericatura e seguiu para o estado de Sergipe, onde exerceu a advocacia e o cargo de promotor. E' actualmente professor de latim, litterato e jornalista na Capital Federal. Teve a originalissima idéa de verter para o idioma de Virgilio cerca de uma centena de sonetos, guardando o metro e a rima da versificação portugueza. Para dar uma idéa do exito brilhante que alcançou nessa tentativa, citarei apenas as seguintes versões do soneto *Ouvir Estrellas*, de Olavo Bilac, e dos dous atraz citados, de Henrique de Casaes:

AUDIRE STELLAS

*Euges, dicetur: — stellas exaudire!
Verè effrenata te movet amentia
— Ut autem videam lumina pallentia,
Mihi lubet in fenestras advenire...*

*E lectulo mihi gratum prosilire
Ut astra Viæ Lactææ colloquentia
Exaudiam; quando solis refulgentia
Scintillat, astra vellem invenire!...*

*Dicetur nunc: — oh mens exagitata!
Quid aiunt enim sidera argentata?
Quare sensum eorum nobis celas?*

*— Oportet, (palam dicam), vos amare:
Quia amantis est donum singulare
Aures potiri intelligendi stellas!...*

SENEX JAPONENSIUM LEGENDARUM

I

*Sunt voces japonensium legendarum
Senem, de plagis ortum latebrosis,
Mortuis nitorem revocare rosis,
Arboribusque partium vicinarum.*

*Sanabat ille vim mæstitiarum
Medicinis philtrisque generosis;
Procul etiam, velatus in umbrosis,
Mala de sinu prompsit animarum:*

*Dolor profundus, intima tristitia
Subito mutabantur in lætitia,
A sene japonensium legendarum,*

*Mortuis nitorem revocante rosis,
Medicinis philtrisque generosis
Procul sanante vim mæstitiarum.*

II

*Quum papyros legissem antiquorum,
Almum, domina, inveni medicamen
Quod, ingens ineffabile solamen,
Propinat ægrotanti ex vi mærorum.*

*Omne genus ac species humanorum
Durum ferebant erga me certamen,
Dum me scirent habere moderamen
Acerbitatum cordium et labrorum.*

*Te, si premunt angores atque tædium,
Tibi, domina, deferam remedium
A sene japonensium legendarum,*

*Mortuis nitorem revocant rosis,
Medicinis philtrisque generosis
Procul sanante vim mæstitiarum.*

EGAS MUNIZ (Pethion de Villar). — Tornou-se muito apreciado e conhecido pelos seus vãos, de poeta idealista. Homem de sciencia, ao mesmo tempo que litterato, possúe solidos conhecimentos e escreve tambem em francez. Reside actualmente na Capital Federal.

PEDRO AMERICANO. — E' hoje clinico em Campos. Orador brilhante e imaginoso, firmou invejavel reputação de tribuno desde o tempo em que cursava a Academia. Incumbido de saudar Ruy Barbosa na celebre visita deste grande espirito á sua terra natal, salientou-se logo como um dos maiores oradores do Brasil.

FERREIRA DE CAMPOS. — E', igualmente, uma privilegiada organização de orador. Muito moço ainda, notabilisou-se em um memoravel concurso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tornando-se conhecido nas rodas litterarias do paiz. Espirito brilhante e admiravel *causeur*, possúe, além de raros dotes oratorios, profunda e variada illustração.

J. J. SEABRA. — Não é um orador academico, nem cultiva a fórmula litteraria desse genero; possúe, porém, a envergadura de um verdadeiro tribuno e sabe identificar-se com as causas que defende, conseguindo realisar os dous principaes *desiderata* da eloquencia: convencer e per-



Dr. J. J. Seabra



suadir. Tem qualidades raras de estadista e é o mais popular dos politicos da sua terra.

Conta grandes serviços prestados ao paiz e foi o verdadeiro *leader* da opinião nacional no governo do inolvidavel Prudente de Moraes.

Como homem de governo, é um exemplo vivo de honestidade, respeitado pelos proprios adversarios e inimigos.

FABIO LUIZ. — Medico. Muito conhecido no meio litterario do Rio de Janeiro, onde tem exercido a sua actividade jornalistica, é um espirito bem equilibrado e estimavel pelas suas aptidões de escriptor. Não é pequena a sua bagagem, pois, além de tres romances publicados (*Novellas*, *Ideologo* e *Os Emancipados*), tem collaborado na imprensa da Bahia (*Aurora*, *Gazeta de Valença* e *Diario da Bahia*), do Rio de Janeiro (*O Sul Fluminense*), de S. Paulo (*O Amigo do Povo*), da Capital (*Jornal do Brasil*, *O Nacional*, *Correio Mercantil*, *O Paiz*, *Commercio do Brasil*, *Correio do Brasil* e *A Tribuna*). Escreve tambem para o *Nuevo Rumbro*, de Montevideu e grande numero de revistas, da capital e dos estados.



Imprensa

Consta de seis diarios principaes a imprensa da capital da Bahia: *Diario de Noticias*, *Jornal de Noticias*, *Gazeta do Povo*, *Diario da Bahia*, *A Bahia e o Dia*.

Contam todos pennas adextradas e veteranas em todas as pugnas da imprensa. No *Jornal de Noticias* apparece desde longos annos uma secção humoristica em verso, firmada por Lulú Parola, pseudonymo de Aloysio de Carvalho.



ESPIRITO SANTO



ESTADO DO E. SANTO

LIMITES. — Ao norte, a Bahia; a leste, o Atlantico; ao sul, o Rio de Janeiro; a oeste, Minas Geraes.

COMMERCIO. — Café e madeiras.

GOVERNO. — O mesmo dos outros estados.

DIVISÃO. — Em 29 municipios.

CAPITAL. — Victoria, situada na ilha do Espirito Santo, com um dos mais bellos portos do mundo. Tem 10 mil habitantes e está a 265 milhas do Rio de Janeiro.

CIDADES PRINCIPAES. — Espirito Santo, Conceição, S. Matteus, Guarapary, Anchieta, Cachoeira de Itapemirim, etc.

ESTRADA DE FERRO. — 220 kilometros de trafego.

REPRESENTAÇÃO FEDERAL. — Quatro deputados e tres senadores.

GOVERNADOR ACTUAL. — Dr. Jeronymo Monteiro.

A Capital

A 265 milhas do Rio de Janeiro e situada na ilha do Espirito Santo, fica a pequena cidade de *Victoria*, capital de um dos menores estados da União.

O porto, que offerece ancoradouro para navios de alto calado, é centro do commercio interior e promette ser um grande emporio dos productos mineiros, logo que se ache concluida a estrada de ferro de Minas a Diamantina. A entrada offerece á vista um dos mais bellos panoramas do mundo, circumdada de morros e de pequenas habitações.

A cidade compõe-se apenas de sete praças e muitas ruas estreitas e irregulares, quasi todas parallelas ao mar. E' ainda illuminada a kerozene e acha-se até hoje privada de exgotos e de agua canalizada.

Pouco ha a admirar, além da formosa bahia e de alguns arrabaldes bástante pittorescos.

Entre os edificios de regular apparencia destacam-se: o Palacio dos antigos governadores (primitivo collegio dos jesuitas) servindo actualmente de palacio presidencial; e as casas do Congresso, do Supremo Tribunal de Justiça, de Instrucção Publica e Escola Normal, da Estação Telegraphica, da Alfandega e do Mercado.

Todas as secretarias e repartições acham-se installadas no proprio palacio.

O *Theatro Melpomene*, construido de madeira e illuminado a luz electrica, é deselegante e sem o minimo conforto, tendo absorvido quantia approximada de mil contos de reis!

Entre os hoteis e restaurantes destacam-se apenas o *Hotel da Europa*, situado no largo da Alfandega, e o *Internacional*, na rua do Comercio.

Ha um bom botequim installado no *Eden Parque*, um dos melhores e mais concorridos passeios da cidade.

Os amadores de regatas estão aggremiados em tres clubs distinctos: o *Alvares Cabral*, o *Saldanha da Gama* e o *Internacional*.

Ha uma linha de bonds, de tracção animal.

E' actual governador do Espirito Santo o Dr. Jeronymo Monteiro, em cuja capacidade muito confia o paiz.

Seu manifesto criterio e a approximação que tem procurado conseguir dos varios grupos po-

liticos em que se divide o seu torrão natal, deixam prever o empenho de fazer um governo honesto e digno, sem as preocupações de politicagem, causa principal da ruina dos outros estados.

O futuro do Espirito Santo depende principalmente da construcção de estradas de ferro. Escoadouro natural dos productos mineiros, e do seu proprio café, está fadado, pela posição privilegiada em que se acha, a ser um dos mais prosperos estados da Republica.

A capital já vae passando por uma serie de melhoramentos materiaes importantes, tendo sido de recente abertura a Praça de Palacio, illuminada a luz electrica, com um jardim e um pavilhão para concertos. Estão feitos os estudos para a canalisação de agua e exgottos. Esses melhoramentos foram iniciados no governo do coronel Henrique Coitinho, cuja honesta administração acaba de findar.

Imprensa

Consta de tres diarios a imprensa da Victoria:

Diario da Manhã. — E' folha official e orgão do partido, tendo como redactor Olympio Lyrio, Affonso Lyrio e José Lyrio.

Commercio do Espirito Santo. — Dirigido pelo Dr. Torquato Moreira, um dos chefes de uma das facções politicas do estado, hoje alliada ao elemento governista.

Estado do Espirito Santo. — Orgão da opposição, escripto em Cassange. Director, Dr. José Monjardim.



Lettras

Não ha litteratos nem cultores da arte no estado do Espirito Santo. Entre os juristas póde ser citado o Dr. Thiers Velloso. Entre os que se têm destacado na imprensa figuram, além desse advogado, o Dr. Deocleciano de Oliveira e os irmãos Orozimbo, Affonso, Olympio e José Lyrio.



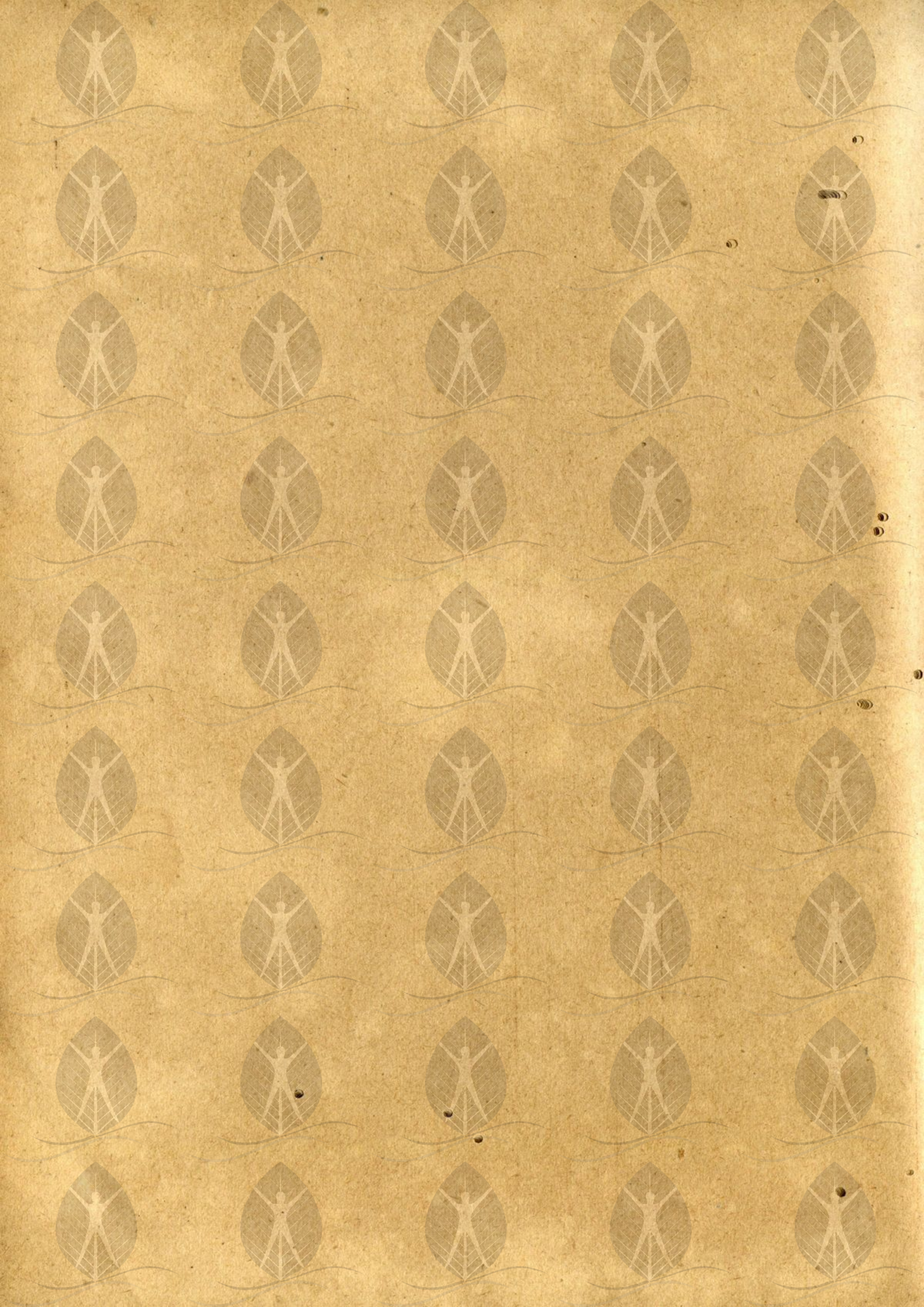
O Lloyd

Foi sempre em vapores do *Lloyd Brasileiro* que tive de percorrer a vastíssima costa do Brasil na longa excursão que empreendi, desde o Rio de Janeiro até Manáos.

Nem sempre foi perfeito o serviço dessa empresa, e algumas vezes tive, por experiencia propria, conhecimento de algumas irregularidades commettidas por funcionarios de bordo. Manda, porém, a justiça affirmar que, ao contrario do que muita gente pensa, não cabe á direcção da empresa a responsabilidade das faltas commettidas; sendo, ao contrario, merecedora de gabos a solícitude com que ella sabe attender ás reclamações que lhe são dirigidas. Dou, dessa verdade, publico testemunho; e se um ou outro facto vem patentear que o *Lloyd* não entrou ainda, por varias causas, na phase definitiva de uma perfeita organização, é fóra

de duvida que tudo se encaminha para a realisação desse *desideratum*, tanto mais digno do auxilio, e das sympathias do publico, quanto se trata de uma empreza nacional e que já tem prestado relevantissimos serviços ao paiz. Alguns dos seus vapores, como o *Ceará* e o *Pará*, são dotados de todos os aperfeiçoamentos modernos, proporcionando aos passageiros as melhores e mais lisongeiras condições de segurança e conforto, como as que só offerecem as mais acreditadas companhias estrangeiras.

Tempo virá, e fio que não será remoto, em que o *Lloyd Brasileiro* hade honrar de maneira eloquente a confiança que nelle deposita o publico da capital e dos estados da Republica.



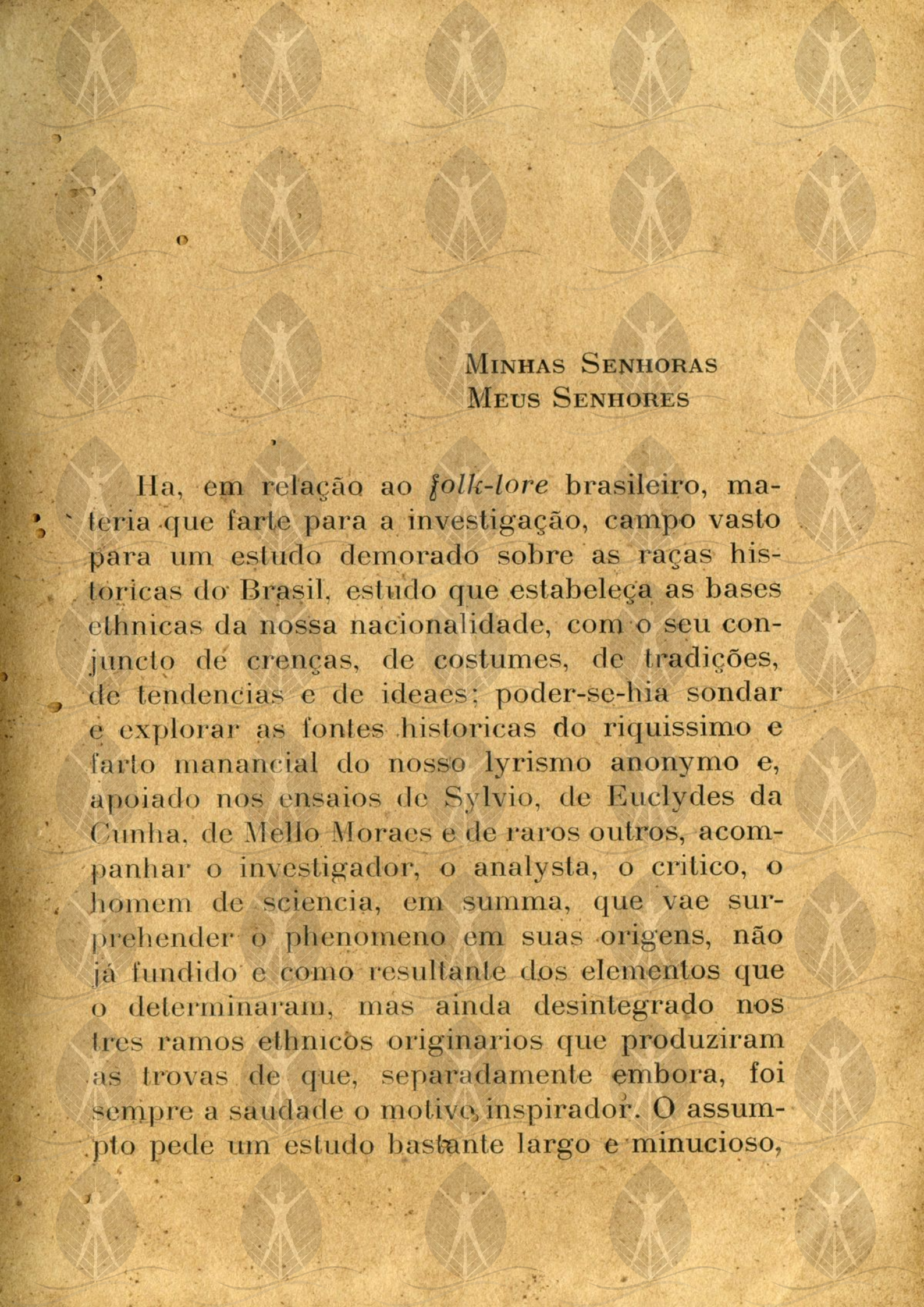


TROVAS POPULARES

CONFERENCIA LITTERARIA

Illustrada com grande numero de quadras
caracteristicas de varios estados do Brasil





MINHAS SENHORAS
MEUS SENHORES

Ha, em relação ao *folk-lore* brasileiro, materia que farte para a investigação, campo vasto para um estudo demorado sobre as raças historicas do Brasil, estudo que estabeleça as bases ethnicas da nossa nacionalidade, com o seu conjuncto de crenças, de costumes, de tradições, de tendencias e de ideaes; poder-se-hia sondar e explorar as fontes historicas do riquissimo e farto manancial do nosso lyrismo anonymo e, apoiado nos ensaios de Sylvio, de Euclides da Cunha, de Mello Moraes e de raros outros, acompanhar o investigador, o analysta, o critico, o homem de sciencia, em summa, que vae surprehender o phenomeno em suas origens, não já fundido e como resultante dos elementos que o determinaram, mas ainda desintegrado nos tres ramos ethnicos originarios que produziram as trovas de que, separadamente embora, foi sempre a saudade o motivo inspirador. O assumpto pede um estudo bastante largo e minucioso,

mas não é esse o meu proposito aqui, ao tratar delle na contingencia do tempo de que disponho, para uma palestra.

Accresce que a ethno-physiologia do povo brasileiro é um problema bastante complexo é que se me afigura até hoje sem solução. A doutrina de Sylvio não é em tudo verdadeira, porque o auctor procurou generalisar factos particulares quando de modo absoluto julgou a nossa nacionalidade um producto integrado das tres raças: branca, negra e india. Prefiro nesse ponto a orientação do grande analysta dos *Sertões*, Euclýdes da Cunha, para quem os tres ramos ethnicos não se fundiram, nem se integraram, antes se substituíram e desdobraram em outras sub-raças, em consequencia de mesclas varias que diversamente se fôram produzindo nas differentes zonas do paiz.

Casos ha, com effeito, em que as tres raças originaes se mantiveram immunes de qualquer contacto ou mistura; outros em que fusões parciaes apenas se operaram, de dous daquelles elementos; variando, além disso, pelas diversas correntes immigratorias no Norte e no Sul, a qualidade de contribuição dos factores ethnicos. Os casos de integração completa, produzindo o verdadeiro, o legitimo typo mestiço do mulato, parecem ser, justamente, os mais raros de todos. A unidade ethno-physiologica do brasileiro não existe, portanto, nem a discutirei neste momen-

to. Vejamos o que póde aproveitar ao ligeiro estudo de folke-lore com que pretendo prender por alguns minutos a vossa attenção, nesta despretençiosa palestra, sem preocupações eruditas e que, como diria Braz Cubas, é mais do que passa-tempo e menos que apostolado.

Fôram tres, com effeito, as raças que concorreram para a formação da nossa nacionalidade: o portuguez, o negro e o indio, que nos primeiros annos da colonisação e principalmente no tempo das capitánias hereditarias creadas por D. João III, acharam-se em contacto no solo do Brasil. Portuguezes, negros e indios eram ainda elementos separados, independentes, completamente á parte, e fóra do cadinho em que os haviam de fundir os agentes phisicos da nova terra. Eram, por isso, tambem distinctas as manifestações poeticas e sentimentaes desse primeiro periodo da nossa historia; ao contrario do que succedeu depois, porque, mescladas as raças em productos varios, differentes dos tres ramos iniciaes, differenciada tambem se achou a sua producção intellectual e affectiva como fructo particular de uma litteratura que já é brasileira, já nacional. Quer dizer: feita a mestiçagem das raças, fez-se igualmente a das idéas e dos sentimentos. Com o predominio da raça dos brancos, sempre augmentado pelas correntes immigratorias, for-

mou-se, como assignala Sylvio, o corpo das tradições populares, com o seu molde natural: a lingua do vencedor. D'ahi, o facto de apparecerem apenas em uma ou outra producção anonyma vagos enxertos africanos ou indigenas, como os do *mandúsarará* e do *Patuá-mirê-pupê*, comprobativos de um periodo de juxtaposição do portuguez e do africano, e do portuguez e do tupy.

Os cantos actuaes são productos quasi exclusivos da lingua portugueza modificada pelo clima. Essa lingua é agora mais doce, mas repousada e mais languida, depois que recebeu a influencia de poderosos agentes physicos, modificadores da raça e da linguagem. Possuimos, em verdade, cerca de sete mil termos genuinamente brasileiros, grande copia de locuções proprias, muitas variações dialectaes e outros mil caracteristicos de um idioma já diferenciado. Desde a alta loquella dos eruditos até ao impolido e desmanchado linguajar da plebe, são hoje bem differentes os modos de fallar dos dous povos. Esse facto reflecte-se tambem nas creações do espirito, accentúa-se nas producções anonymas e assignala por isso a independencia do nosso folk-lore, apezar das confusões, por vezes lamentaveis, que se têm feito de algumas quadras portuguezas com productos da nossa poesia popular, tão independente, tão caracteristica e tão original. Não ha approximação pos-

sível entre as concepções poeticas de um sertanejo do Ceará, ou de Sergipe e as de um trovador do Minho ou do Alemtejo, como, de modo geral, não ha confusão admissível entre o fado portuguez e a modinha brasileira: tudo nelles caracteriza uma differença extremada e radical. O tratamento de *menina* é já fundamentalmente diverso dos de *Yáya* e *Seu Bem* — talvez mais delambidos, mas essencialmente peculiares ás trovas do Brasil. Quando mesmo se approximam no motivo ou nos conceitos, as trovas de um e de outro paiz se distinguem com facilidade pela linguagem que lhes é peculiar.

Bastam dous exemplos:

Se o estro lusitano revolve o velho thema e repete:

Papagaio, penna verde,
Empresta-me o teu vestido,
Os teus vestidos são pennas,
Em penas ando mettido;

o sertanejo brasileiro responde no mesmo tom e diz quasi a mesma cousa com a sua expressão original:

«Lá vae a garça avoando
C'as pennas que Deus lhe deu:
Contando penna por penna,
Mais penas padeço eu!»

O lusitano dirá naquelle accento melancolico que constitue o fundo admiravel de toda a sua poesia:

«Eu jurei de nunca mais
Dizer adeus a ninguém:
Quem parte, saudades leva;
Quem fica, saudades tem».

O caboclo dirá ainda a mesma cousa, mas com o cunho original da sua linguagem pittoresca:

«Quem *inventou* a partida
Não sabia o que era amor:»
Quem parte, parte sem vida,
Quem fica, morre de dôr!»

Os exemplos abundam, estabelecendo a diversidade de taes modos de sentir e de cantar, que são característicos e distanciados nos dous povos. Tal facto já indica, só por si, a importancia do assumpto, á primeira vista banal e sem a dignidade de um thema capaz de despertar o interesse ou, sequer, a attenção de um auditorio illustrado. Bem digno de estudo é elle, no emtanto, porque a poesia popular, qualquer que ella seja, é sempre o espelho fiel e denunciador do estado de espirito de um povo, das suas crenças e dos seus costumes. Se um leve traço, ás vezes instinctivo, uma palavra ou um gesto, pôde ser a denunciação de um character, a fonte de uma psychologia inteira, muito mais nos pôdem revelar as trovas ácerca da indole e das tendencias de um povo. Nossa poesia anonyma é bastante eloquente e rica desses signaes

reveladores: conceitos moraes, sentimento, delicadeza, phantasia, inspiração... tudo nella se encontra com o rasto seguro da alma sertaneja, mattuta ou praieira do Brasil.

E' tempo de tratar das suas principaes producções. Não entrarei na complicada divisão que abrange varios generos, como as *xacaras*, os *romances*, os *bailes*, as *cheganças*, os *reisados* e os *versos geraes*. Destes ultimos apenas me occuparei, pela ausencia dos elemnetos musicaes que seriam precisos para dar uma idéa exacta de certos folguedos populares, como o *Baile das Lavadeiras*, as *cheganças do Marujo* e do *Bumba meu Boi*, e os *reisados da Borboleta*, do *Maracujá* e do *Pica-páo*.

Os versos geraes são quadras simples, quasi sempre cantadas ao som da viola e ao desafio, por vezes acompanhadas de danças que se executam nos *sambas*, *chibas* e *cateretés*: variam, conforme as tradições e o genero de vida dos habitantes do solo, divididos em tres grandes grupos e constituindo tres populações differentes: das praias, das mattas e dos sertões, por isso chamados *praieiros*, *mattutos* (tabaréos, caipiras e mandiocas) e *sertanejos*.

Cada um desses grupos tem um genero de vida differente e caracteristico e a sua poesia peculiar. Differem as fontes de inspiração e, conseguintemente, o estyló, as imagens, o modo de sentir e de pensar, concorrendo também

para isso os reflexos da natureza que varia nas tres grandes zonas em que se divide o paiz.

Os praieiros, habitantes de palhoças, não desamparam a viola, seu instrumento querido, e substituíram a agua da Castalia por outra fonte de inspiração de onde mana a cachaça, por elles tambem chamada *pinga*, *mandureba*, *jurubita*, *canna*, *branca* e *sinhaninha*. Dil-o uma das suas trovas:

«Quanta dôr me vae no peito
Quando estou longe de ti!
Só me passa um bocadinho
Quando bebo paraty».

E' principalmente com esses que se improvisam os *sambas* em que o mestiço bebe, ama e canta ao desafio. E' tal o amor por essas funcções, que os proprios velhos acodem pressurosos para ouvir os novos trovadores. Sylvio cita o caso caracteristico de um ancião que, não podendo mais fazer vibrar os instrumentos, annunciava melancolicamente: «eu sou aquelle que *pissuiu* sete violas».

Muito me demoraria em estudar as varias superstições peculiares a todos os tres grupos da população brasileira. Entram com principaes contingentes as que se ligam á religião e ás abusões e crendices sobre as *almas do outro mundo*, os *animaes encantados* (lobis-homens e mu-

las sem cabeça) as *rezas e benzeduras* e certas doenças, como o *feitiço* e a *espinhela cahida*.

As mulheres são os receptáculos mais copiosos dessas abusões:

«Quando S. Pedro diz missa,
Jesus-Christo benze o altar:
Assim benzo a minha cama
Onde venho me deitar».

Nas cidades, onde predominam os capadócios e quasi exclusivamente as festas religiosas, cantam-se de preferencia (e mais no Norte do que no Sul) as cheganças e os reisados. O Natal e o Anno Bom inspiram as trovas que se ouvem nas lapinhas e presepes. Nos outros logares predomina o *samba* e com elle o *desafio*, o improviso á viola, sempre animado pela frescura da inspiração e pelos ardores da paixão meridional. Algumas trovas são de creação puramente anonyma; outras, de cunho individual, mas de que as massas se vão apossando, como acontece com as *modinhas*.

De creação individual e vulgarizados pelas populações sertanejas são alguns contos do Norte, dentre os quaes avulta o que se intitula o *Rabicho da Geralda*.

Rabicho era o nome de um boi destemido que vagava pelos sertões do Ceará, desafiando quantos vaqueiros primavam na dextreza do braço

e na lepidez da carreira. O povo, associando os dous nomes, conservou na lenda o titulo facil de *Rabicho da Geralda*.

O conto é longo; citarei apenas alguns trechos capitaes:

«Eu fui o liso Rabicho,
Boi de fama conhecido;
Nunca houve neste mundo
Outro boi tão destemido.
Minha fama era tão grande
Que enchia todo o sertão;
Vinham de longe vaqueiros
P'ra me botarem no chão.
Ainda eu era bezerro
Quando fugi do curral
E ganhei o mundo grande
Correndo no bamburral.

Onze annos eu andei
Pelas catingas fugido;
Minha senhora Geralda
Já me tinha por perdido.
Morava em cima da serra
Onde ninguem me avistava:
Só sabiam que era vivo
Pelo rasto que eu deixava...
Sahi um dia a pastar
Pela malhada do Xisto
Onde, por minha desgraça,
De um caboclinho fui visto.

.....

Resolveram-se a chamar
De Pajehú um vaqueiro;
Dentre todos que lá tinha
Era o maior catingueiro:
Chamava-se Ignacio Gomes,
Era um cabra caribóca
De nariz achamurrado
Com uma cara de pipóca.
Quando esse cabra chegou
Na fazenda da Gruichaba,
Foi, todo mundo dizendo:
— Agora o rabicho acaba !»

De manhã logo bem cedo
Fui á malhada do Xisto:
Em antes que eu visse o cabra,
Já elle me tinha visto !
Encontrei-me cara a cara
Com o Ignacio topetado:

Não sei como nesse dia
Não se acabou mesmo tudo !
Foi uma carreira feia
Para a serra da Chapada:
Quando eu cuidei, era tarde,
Tinha o cabra na rabada !

«Corra, corra, camarada,
Puxe bem pela memoria;
Quando eu vim da minha terra
Não foi p'ra contar historia».

Tinha adiante um páo cahido
Na descida de um riacho:
O cabra saltou por cima,
O Russo passou por baixo...

Apertei mais a carreira,
Fui passar no boqueirão:
O Russo rolou no fundo,
O cabra pulou no chão.
Nessa passagem dei linha,
Descancei meu coração,
Que não era desta feita
Que o rabicho ia ao moirão!

Veu aquella grande secca
De todos tão conhecida,
E logo vi que era o caso
De despedir-me da vida.
Seccaram-se os olhos d'agua
Onde eu sempre ia beber;
Botei-me no mundo grande
Logo disposto a morrer.

Segui por uma vereda
Até dar num cacimbão;
Matei a sede que tinha,
Refresquei o coração.
Quando quiz tomar assumpto,
Tinham fechado a porteira;
Achei-me numa gangorra
Onde não vale a carreira.
Corrigi os quatro cantos,
Tornei a voltar atraz,
Mas toda a minha derrota
Foi o diabo do rapaz.
Correu logo para a casa
E gritou aforçurado:
«Ó gentes! Venham depressa,
Que o Rabicho já pegado!»

Trouxeram tres bacamartes,
Cada qual mais desalmado;
Os tres tiros que me deram
De todos fui trespassado.
Só assim saltaram dentro
Vinte para me matar:
Sete nos pés, dez nos chifres
E mais tres p'ra me sangrar.
Disse então o José Lopes
Ao compadre da Mafalda:•
«Só assim nós comeríamos
Do rabicho da Geralda!»

Acabou-se o boi de fama,
O corredor famanaz:
Outro boi como o Rabicho
Não haverá nunca mais.

As quadras geraes improvisam-se nos *sambas e chibas*, acompanhados geralmente de danças, ao som de violas e pandeiros. Organizam-se essas funções apenas com ligeiras variantes de um estado para outro. O typo commum é o descripto por Sylvio Romero e Mello Moraes: os convidados acham-se a principio sentados em bancos; um par se destaca e inicia a dança, com requebros particulares; ao fim de alguns minutos, esse par vae dar uma umbigada em outro que se acha sentado e que, por sua vez, entra a dançar, accitando tal especie de indicação ou convite. O 2.º par indica um 3.º; o movimento generalisa-se e começam então os desafios que tomam logo a fórma de dialogo:

A. Não ha papel nesta villa
Nem tinta neste convento,
Não ha passaro de penna
Que escreva tal sentimento.

B. Sentimento tenho tido
De um amor que anda tão longe:
Por não dar ouvido ao mundo
Fiz meu coração de bronze.

A. Quem se foi para tão longe
E deixou seu passarinho,
Quando vié não se *anoje*
De encontrar outro no ninho.

B. Se encontrá outro no ninho,
Heide fazel-o avoa,
Que eu não fui fazê meu ninho
Para outro se deitá!

Não é só a belleza do desafio o que ha para admirar nesses torneios, mas tambem a presteza das respostas e, muitas vezes, a propriedade dos conceitos; a essas duas qualidades superiores juntam-se ainda a precisão das imagens, a harmonia do verso e o fundo sentimento que transpira sempre das creações populares.

Outro exemplo:

Quando eu pensei que te tinha
Para meu divertimento,
Achei-te já transformada,
Fóra do meu pensamento.

Já fui amado e querido,
Prenda do teu coração;
Agora sou vassourinha
Com que tu varres o chão!

Desprezos, ingratidões
São mimos que tenho tido;
Por ter um bom coração
Soffro o que tenho soffrido!

Máo fim tenha, máo fim leve
Quem meu amor me tomô;
Que até na hora da morte
Lhe farte Nosso Sinhô!

Eu, para vêr si morria,
Recebi veneno em porção;
Veneno a mim não me mata
Quem me mata é ingratidão!

Triste viva, triste ande
Quem triste me faz andar:
Que tenha tanto socego
Como as ondas tem no mar.

Duram horas, ás vezes, esses desafios em que não se exgotta a inspiração, nem falha nunca a promptidão das rimas e dos conceitos, a par da riqueza e da exuberancia da linguagem floreada.

Conta-se que um poeta, provocou o estro de um caypira com a seguinte quadra:

«Eu sou maior do que a terra,
Que o mar immenso e profundo;
Eu sou maior do que o céu,
Maior do que todo o mundo».

O caypira acudiu no mesmo instante:

«Eu sou maior do que Deus,
Maior do que Deus eu sou:
Eu sou maior no peccado,
Porque Deus nunca peccou!»

Para embatucar um adversario, ha perguntas como esta:

«Compadre, voncê me diga,
Mas me diga num arranco:
Porque é que gallinha preta
Por força põe ovo branco?»

Nessas trovas do povo encontrareis não raramente sentenças e maximas philosophicas, conceitos sobre a vida, o amor, o ciume, a saudade... tudo o que a alma humana pôde produzir de mais poetico e mais elevado. A paixão temperada pela tristeza e pela melancolia é uma das cordas da lyra popular que canta com mais lyrismo as agruras da ausencia e da saudade.

Exemplos:

Si vires a tarde triste
E o ar a querer chover,
Dize que são os meus olhos
Que choram por não te vêr!

Corre, vae, carta amorosa,
Ao pé daquelle jasmim:
Ajoelha, pede licença,
Dá-lhe um abraço por mim!

Você diz que amor não dóe:
Dóe dentro do coração!
Queira bem e viva ausente,
Veja lá si dóe, ou não...

Esta noite tive um sonho,
Um sonho muito atrevido:
Sonhei que tinha abraçado
A fôrma do teu vestido...

Nenhum poeta, por mais aristocrata, seria capaz de exprimir o desejo de posse da mulher amada de maneira mais fina e respeitosa do que o auctor anonymo desse mimo, verdadeira joia do nosso lyrismo popular. Mais positivo, mas igualmente respeitoso, é outro que põe uma reticencia discreta na febre do seu amor e diz:

«Laranjeira é pão de espinho,
Carangueijo anda na praia:
Tambem andam meus amores
Na renda da tua saia...

Entre as produções da musa melancolica difficilmente se encontrarão versos mais sentidos e mais bellos que os seguintes, de trovadores incuítos:

Si os meus suspiros pudessem
Aos teus ouvidos chegar,
Verias que uma saudade
E' bem capaz de matar.

O campo verde se alegra
Quando vê o sol nascer;
Tambem se alegram meus olhos
Quando te chegam a vêr,

Inda que o fogo se apague,
No lugar fica o calor;
Inda que a paixão acabe,
No coração fica a dôr.

O suspiro é a melhor flôr
Cá na minha opinião:
Todas as flôres se vendem,
Só os suspiros se dão.

Onde vaes, meu pombo roxo,
Sózinho, sem mais ninguem?
Vou atraz daquella ingrata
Que não sabe querer bem!

Ahi tendes a musa popular na sua simplicidade eloquente, sem artificios de linguagem, com uma expontaneidade capaz de fazer inveja a muito poeta cujo lyrismo é tão affectado como o seu monoculo.

Citarei, do mesmo genero, mais duas quadras, que ouvi, quando estudante em S. Paulo, cantadas por dous barqueiros no rio Tieté:

Perdi a credulidade
Que tão captivo me fez,
Porque no amor é bastante
Ser enganado uma vez.

Até nas flôres se encontra
A differença da sorte:
Umas enfeitam a vida,
Outras enfeitam a morte.

São quadras tão naturaes e expontaneas que a gente chega quasi a adivinhal-as: é esse o segredo de Musset, de João de Deus, de Stecchetti, de Zorrilla, de Campoamor, de Heine... de todos os grandes lyricos que fôram sempre os principaes e verdadeiros interpretes da nossa magua.

Em outras ha sentenças e conselhos moraes que bem reflectem a faculdade do raciocinio; a par de um certo fundo philosophico adquirido pelas populações sertanejas na experiencia da vida. Essa poesia, simples e despretenciosa, encerra maximas e pensamentos que têm passado muitas vezes como principios fecundos de sabedoria popular.

Eis alguns exemplares desse quilate:

Quem tiver o seu segredo
Não conte a mulher casada,
Porque ella conta ao marido
E o marido á namorada.

Duas cousas neste mundo
Que são da minha paixão:
Perna grossa, cabelluda,
Peito em pé no cabeção!

Nunca tive medo de home
Nem do ronco que elle tem:
O besouro tambem ronca:
Vae-se vê, não é ninguem!

Cravo não mexe co'a rosa
Que está quieta na roseira:
Já se sabe que é peccado
Mexer com moça *sorteira*.

Voncê diz que sabe muito,
Braboleta sabe mais:
Ando de perna p'ra riba,
Coisa que voncê não faz!

Quando eu era gallo novo,
Comia milho na mão:
Hoje, que sou gallo velho,
Bato com o bico no chão.

O amor entra pelos olhos,
Vae ao peito direitinho:
Si não acha resistencia,
Vae seguindo o seu caminho...

Duas cousas neste mundo
Que meu coração não qué:
E' pioio de galinha
E ciume de muié!

Quem quer bem dorme na rua,
Na porta do seu amor:
Do sereno faz a cama,
Das estrellas cobertor!

Todo o mundo se admira
Do macaco andá em pé:
O macaco já foi home,
Póde andá como quizé...

Ha tres cousas neste mundo
Que me faz arrenegá:
Noite escura, muié feia,
Cachorrada no quintá.

O papel cáe dentro d'agua,
De molhado vae ao fundo:
Pobre da moça solteira
Que cáe na bocca do mundo!

Moça bonita é veneno
Que mata a todo vivente:
Embebeda as creaturas,
Tira a vergonha da gente!

Quem quizer escolher moça
Escolha por seu andar,
Porque a moça que é velhaca
Pisa no chão de vagar...

Quem quizer tomar amores
Hade ser co'a cozinheira,
Que ella tem os beiços grossos
De lamber a frigideira.

Os passarinhos que cantam
De madrugada, com frio,
Uns cantam de papo cheio,
Outros de papo vasio!

Dizem que o pito allivia
As maguas do coração:
Eu pito, pito e repito
E as maguas nunca se vão!

Quem quizer amar direito,
P'ra não se desconfiar,
Quando olhar não deve rir,
Quando rir não deve olhar!

A sorte, nós bem sabemos,
E' tal qual como a mulher
Que quer quando não queremos,
Quando queremos, não quer!

causado

Lá vae a garça avoando,
C'uma corrente no pé!
Peste seja todo home
Que não gostá de muié!

Eu não quero mais amar
Nem achando quem me queira:
O primeiro amor que eu tive
Botou-me sal na moleira.

A moça que não tivé
Sei nenem para brincá,
Póde ficá na certeza
Que no céo não ha de achá!

O amor é bem um menino
Com coração de serpente:
Quando é pequenino, chora;
Quando cresce, mata a gente.

Ha exemplos de humorismos que traduzem com fidelidade o espirito ingenuo do mestiço, sempre propenso á galanteria e ao humor. São desse theor:

No tempo em que te adorava
Não queria a mais ninguem:
Amava a sete e a oito,
Nove comtigo, meu bem!

Dei-te um beijo, fui-me embora,
Como faz a saracura;
Qual! Não tem mesmo que vêr:
Cousa boa não atura!

Dizem que a muiér é farsa,
Que é farsa como papé,
Mas quem vendeu Jesu-Christo
Foi home, não foi muié!

Primeiro fez Deus o homem
E a mulher em seguimento:
Primeiro se faz a torre
E depois o catavento!

Na longa excursão litteraria que emprehendi pelos estados, tive occasião de assistir a algumas dessas funcções em que tão eloquentemente se

oasiavé

revela a alma do nosso povo. Annotei aqui e alli, grande numero de trovas caracteristicas de alguns desses estados e espero contribuir com ellas para a classificaçãõ que os ethnologos do futuro hajam de fazer do *embroglio* que por ahi corre nos livros em que andam de parceria e lamentavelmente confundidos na mesma promiscuidade versos do Brasil e de Portugal, sem que ao menos houvesse para com elles o criterio da seleccãõ. Eis os que pessoalmente recolhi nos seis longos mezes de estadío no Norte:

Do Piauhy:

Subi ás portas das nuveas,
Cavalgando num trovãõ;
Desci nas cordas da chuva
Com dez coriscos na mão.

Sou fogo, raio, corisco,
Onde não ha S. Jerôme;
Sou mesmo cabra damnada:
Onde pico, urubú come!

Thereza, segura a honra,
Tem cuidado com o Thomaz,
Porque a honra é como o vidro:
Quebrando, não solda mais...

A senhora desta casa
E' como o mangericão:
Quer de secco quer de verde,
Nunca muda de feiçãõ.

Assubi do páu arriba,
Fui descança na forquia:
Peguei na perna da veia
Pensando que era da fia !

Me perdõe, siá dona veia,
Que era de noite, eu não via:
Perna de veia é cascuda,
Perna de moça é macia !

Do Ceará:

Si eu fôsse podre de rico,
Não morava lá no matto:
Morava, mais a Lórina,
Alli, na rua do Crato !

Inda depois de enterrado
Debaixo do frio chão,
Verás teu nome gravado
Dentro do meu coração.

Quando o mundo se acabá
Que não tivé mais ninguem,
Vae na minha sepultura
Que ainda te quero bem.

Ai menina, pede a Deus
O que eu peço a S. Vicente:
Que Deus nos junte a nós dous
Numa casinha sem gente !

Me atrepei ña bananeira,
Me enrolei com o mangará:
Comi banana madura
Até a gata miá !

Mulata, balance os cachos,
Que eu tambem balance os meus:
Mulata que não tem cacho
Não deve favor a Deus!

Quando eu vim da minha terra,
Minha mãe recommendou:
«Meu fio, tu nunca apanhes,
Que teu pae nunca apanhou!»

Eu vi a morte pescando
Nas aguas do Jiquiá:
Quando a morte pesca peixe,
Vejam que fome não ha!

Do Rio G. do Norte:

Fui soldado, sentei praça
No regimento do amor;
Como sentei por meu gosto,
Não posso ser desertor...

De Pernambuco:

Parece até brincadeira,
Mas é verdade patente
Que a gente nunca se esquece
De quem se esquece da gente.

No dia em que eu fui nascido
Nem uma estrella brilhou
E o sol do dia seguinte
Lá do nascente voltou!

Quando a mulher quer negar
Que offendeu o seu amor,
Ajunta dedo com dedo,
Jura por Nosso Senhor !

Cravo branco quando se abre
Parece a crôa de um rei:
Eu comparo cravo branco
C'uma pessoa que eu sei...

Quando vejo um carangueijo
Caminhando em santa paz,
Julgo vêr minha ventura
Que só anda para traz !

De Alagôas:

A laranja, de madura,
Cahiu n'agua e foi ao fundo;
Os peixinhos tão dizendo:
Viva D. Pedro Segundo !

Nunca vi carrapateira
Botá cacho na raiz;
Nunca vi moça sorteira
Tê palavra no que diz !

Da Bahia:

Ninguém viu o que eu vi hoje
Debaixo de um alecrim;
Tres pombinhos que cantavam:
— Viva o Senhor do Bom Fim !

Você quando tem presunto
Não convida p'ra jantá,
Mas quando tem seu defuncto
Me chama p'ra carregá!

A bella da cachacinha
Que bebi pela manhã
Está me dando saudades
Da areia de Itapoã.

As meninas da Chapada
Anda suja porque qué:
O rio passa na porta,
O sabão no Caetité...

Quando o rato engeita côco
E a menina casamento,
Ou o côco tem pimenta
Ou o moço impedimento.

Todo homem quando embarca
Deve rezar uma vez;
Quando vae á guerra, duas,
E quando se casa, tres!

Quem quizer ter vida longa
Fuja, sempre que pudér,
De medico, boticario,
Melão, pepino e mulher.

Do Rio de Janeiro:

Bella morena orgulhosa,
Dá-me agua para beber:
Mas olha que não é sêde,
É vontade de te vêr!

Eu sou como a flôr da murta,
Daquella que cæe no chão:
Quanto mais carinhos faço,
Mais desenganos me dão.

Sexta-feira fez um anno
Que meu peito se fechou:
Quem morava dentro d'elle
Tirou a chave e levou!

Muito padece quem ama,
Muito soffre um coração:
De dia, apanha poeira,
De noite, constipação.

Ai minha senhora dona:
Até quando Deus quizé
Serei sempre seu marido
E você minha muié!

A mulher quando se mette
A fallar da vida alheia,
Começa na lua nova
E acaba na lua cheia.

Do Sul occorrem-me as seguintes:

De Minas Geraes:

A. O' que facias tão fermosas!
O' que lindas parecencias!
Quero fallá c'á senhora:
A senhora dá licencias?

B. As licencias já tá dada
P'ra dizê o que quizé:
Quando Deus criou os home
Foi p'ra fallá cás muié!

De S. Paulo:

Malhada
 Menina da saia curta,
 Cinturinha de retrois:
 Bota a chaleira no fogo,
 Vae quentá café p'ra nois...

Sinhô padre me confesse
 Que eu sou fio do peccado;
 Eu sou como a chame-xuga:
 Quando pego, tô pegado!

Voncê me chamou de feio,
 Eu não sou tão feio assim;
 Foi depois que voncê veio
 Que pegou feio *ni* mim!

Do Paraná:

Quando meu bem foi se embora
 Rica prenda me deixou:
 Duas tigellinhas de agua
 Que de seus olhos tirou...

Quem tem seu bem no sobrado
 Ergue os olhos de desejo:
 Tá soffrendo da garganta,
 Tá fazendo gargarejo!

Quando meu bem foi se embora
 Nem poude se despedir;
 As pedras choraram sangue,
 O sol não poude sahir...

A primeira d'estas tres quadras, tem um certo cunho de ingenuidade, muito commum nas

trovas do Sul, principalmente nas imagens simples e delicadas, peculiares aos cantores meridionaes. A ultima não é, talvez, tão caracteristica, mas é, sem duvida, mais elevada e dá traça de um grande arrojo condoreiro.

Outra nota ainda não assignalada pelos auctores nestes assumptos e que, no emtanto, resalta das trovas populares de todo o Brasil, é o destaque, a evidencia em que se colloca no Brasil a mulher mestiça — musa inspiradora de quasi todas as producções poeticas, não só anonymas como individuaes. E' do amor e da fascinação inspirados pela mestiça que avulta parallelamente e, talvez mais intensa na raça cruzada do que na branca, a ogerisa pelo negro.

Essa predilecção e essa antipathia acham-se patenteadas em farto numero de trovas de todos os estados do Brasil, tanto no Norte como no Sul.

Diz uma dellas, provavelmente de capadocio:

A branquinha é prata fina,
Mulata — cordão de ouro;
Cabocla — cesta de flôres,
A negra — surrão de couro.

Ahi estão as tres raças historicas julgadas pelo seu producto integrado: o mestiço.

Continúa a trova:

A branca come gallinha,
Mulata come perú;
Cabocla come perdiz,
A negra come urubú!

E' sempre a mesma preferencia pela mestiça, com desprestigio para o puro sangue africano. Nas cidades, onde avulta o capadocio, apparece ainda com mais vulto essa preferencia: não ha quem já não tenha ouvido nas ruas do Rio de Janeiro o insupportavel maxixe do *Vem cá, mulata*, de instante a instante repetido pela bocca da plebe.

Martins Junior communicou-me a seguinte quadra ouvida em um *samba*, na Bahia:

«Dava, para unir meu corpo
Ao couro desta mulata,
Um conto de réis em ouro
E um conto de réis em prata!»

Nessa mesma terra, em que o sangue africano predomina em 70 % da população, é commum ouvir-se:

Mulatinha, doce de ovos,
Doce de ovos com canella:
Não ha rapaz de bom gosto
Que possa passar sem ella.

O proprio mattufo, o *mandioca* do Norte tambem affirma sentenciosamente que

«A côr branca é muito fina,
A parda mais excellente;
A' côr morena se inclina
A maioria da gente.

Essa exaltação constante, essa evidencia em que se colloca sempre nos cantos do povo o sangue mesclado, crystallisou-se com fôrma admiravel no celebre lundú da *Mulatinha do Carçoço no pescoço*, trabalho de um dos mestres da litteratura brasileira, hoje incorporado ao thesouro das producções anonymas. Tira d'ahi a mestiça a causa de um certo orgulho — traço de pacholice que todo mundo lhe conhece e que traduz a consciencia que ella tem dessa admiração. Gaba-se, por isso, das suas prendas, quando diz:

«Para ser bonita e bella
Não preciso andar armada:
Basta-me a côr de canella,
Não tenho inveja de nada!»

E' ainda de mulata orgulhosa que tem medo de inspirar uma epidemia de paixão, a seguinte quadra:

«Não quero amô de sordado,
De cabo ou de furrié;
Não quero que a minha porta
Seja porta de quarté!»

E tem razão. São muitas as homenagens que recebe. A imagem poetica, a comparação que mais frequentemente lhe assenta, é a do *jambo*, evidentemente delicada. E' ella a musa inspiradora das melhores producções poeticas do Brasil. O sertanejo, o proprio sertanejo acha que

«Um laço de fita verde
Com tres dedos de largura
No peito de uma mulata
Mata qualquer creatura !

Ella o sabe, e provoca essa admiração. Por isso diz a trova, tão trefega como o seu feitiço:

«Chinellinho bole, bole
Na fôrma do sapateiro:
Bole os oio da mulata
Quando vê moço sorteiro !»

O ciume que inspira está na mesma proporção do seu amor:

«Eu tomara me encontrá
Cum Manué Passarinho,
Que eu quero cortar-lhe as aza,
Tocar-lhe fogo no ninho !»

. Esse culto pela mestiça passou da poesia anónyma e transbordou no lyrismo quente do nosso parnaso: Gonçalves Dias, Luiz Guimarães,

Gonçalves Crespo, Fagundes Varella, Mello Moraes e muitos outros poetas teceram-lhe panegyricos e dythirambos, cantando com estro o languor de seus olhos e os estros da sua paixão meridional. As modinhas são igualmente vastos repositórios de louvores entoados á volúpia e aos quindins da mestiça.

Seria preciso um trabalho de largo folego para desenvolver esta parte da minha conferencia. Acho melhor terminal-a...

Ahi deixei, em largos traços, um ligeiro e pallido estudo da nossa poesia anonyma — vasto monumento litterario á guisa de espelho, em que se reflecte por vezes a alma inteira do nosso povo. Appliquem-lhe a theoria moderna, os principios perscrutadores da critica de Taine, e ninguem achará banalidade no assumpto que escolhi para thema desta dissertação.

A esse enorme thesouro vão-se incorporando algumas producções do mesmo theor, mas de character individual. Muitos são os poetas apaixonados do genero. Conheço algumas quadras de Mello Moraes Filho que já vão sendo citadas como da musa anonyma. Elle mesmo me communicou as seguintes:

«Todos remam neste mundo
Com mais pressa ou mais vagar,
Só differindo uns dos outros
Na maneira de remar...

E tanto é certo o que eu digo,
E tanto verdade é,
Que há gente que passa a vida
Remando contra a maré».

«Ha uma planta dentro d'agua
Que cresce sem ter raizes:
Assim também é o sorriso
Na bocca dos infelizes».

Foi nesse mesmo gênero simples e despre-
tencioso que perpetrei as seguintes, postas em
musica pelo nosso glorioso maestro Alberto Ne-
pomuceno:

Quem se condõe de meu fado
Vê bem como agora eu ando:
De noite, sempre acordado,
De dia, sempre sonhando.

O amor perturbou-me tanto
Que este contraste deploro:
Querendo chorar, eu canto;
Querendo cantar, eu choro!...

Sujeito á lei dos pezares,
Nem sei si morro ou si vivo;
Senhor dos outros olhares,
Só do teu fiquei captivo;

Por isso a verdade nua
Este tormento contem:
Minh'alma, não sendo tua,
Não será de mais ninguém».

Quanto é certo que eu disse
Quanto verdade eu falei,
Quanto ha gente que pressa a vida
Comando com o pensamento.

Na agua planda dentro d'agua
Que cresce sem ter raizes
Assim lambendo o sorriso
Na bocca dos que se desmaia.

Foi nesse mesmo numero simpli e despre-
tencioso que perverte as seguintes postas em
musica pelo nosso glorioso maestro Alberto N.
pomaceno.

Nem se corda de meu lado
Mas bem como eu ando
De noite, sempre acordado,
De dia, sempre sonhando.

Amor pertencente a tanto
Que este corpo de ploroso
Querendo chorar e chorar
Querendo cantar e chorar.

Apito a lei dos pezares,
Mas se si chorar ou si ver
Cantar dos que se melhares,
Só do teu liquei chorar.

Por isso a verdade raia
No lamento do meu
Alma no meu dia tua,
Não sera de tuos amiguinho.



B



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA